

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
SOCIAIS DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÔNIA APARECIDA ZARDENUNES

**PRODUTORES DA FEIRA ORGÂNICA RÔMULO TELLES: COTIDIANO,  
FAMÍLIA E TRABALHO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO.**

Porto Alegre

2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**SÔNIA APARECIDA ZARDENUNES**

**PRODUTORES DA FEIRA ORGÂNICA RÔMULO TELLES: COTIDIANO,  
FAMÍLIA E TRABALHO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Professora Orientadora: Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre, março de 2022

## Ficha Catalográfica

Z36p Zardenunes, Sônia Aparecida

Produtores da Feira Orgânica Rômulo Telles : Cotidiano, família e trabalho. Um Estudo Etnográfico / Sônia Aparecida Zardenunes. – 2022.

203 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro.

1. Produtor. 2. Orgânico. 3. Agricultura. 4. Agroecologia. 5. Feira.  
I. Ribeiro, Fernanda Bittencourt. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Bibliotecária responsável: Loiva Duarte Novak CRB-10/2079

SÔNIA APARECIDA ZARDENUNES

**PRODUTORES DA FEIRA ORGÂNICA RÔMULO TELLES: COTIDIANO,  
FAMÍLIA E TRABALHO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO.**

Tese apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Doutor em  
Ciências Sociais, na Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do  
Sul, Escola de Humanidades, Programa  
de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Aprovado em março de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro  
(orientadora)

---

Profa. Dra. Maria Rita Cuervo

---

Profa. Dra. Maria Luisa Dios

---

Prof. Dra. Mérli Leal Silva

## **DEDICATÓRIA**

Toda a vida tem significado. Todo sujeito se constrói a partir do que reconhece como valeroso e diante do que é possível, face às pressões sofridas pelos contextos de atuação.

Com este trabalho apreendi, novamente, a vida. O seu valor. O que é genuíno e o que é adquirido, reescrito e perpetuado pela memória e pelo compartilhamento.

Aos sujeitos deste trabalho, agricultores, produtores, mulheres e homens que negociam com o cotidiano, que acreditam no que fazem, que trabalham e que vivem por um mundo mais justo e possível: minha mais sincera gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Paciência, acolhimento, ensinamento e amor.

Recebi tudo isso, sem moderação, ao longo do desenvolvimento desta Tese.

Meus agradecimentos vêm do coração de alguém que sonhou muito, que sonhou alto, que acreditou e que foi apoiada de muitas e diferentes formas.

As estruturas nos cerceiam, mas também nos possibilitam a segurança dos processos. A partir de uma estrutura eu pude realizar este sonho, que foi apoiado pela CAPES, via PUC/RS, e que viabilizou dois anos deste Doutorado. A Educação resiste, por mais que estejamos vivendo um cenário trágico de desvalorização da mesma. Gratidão às estruturas que resistem e às pessoas que as fazem.

Professor/coordenador do PPG em Ciências Sociais da PUC/RS, Rafael Machado Madeira: a sua atuação honra este PPG e os seus alunos.

E neste ínterim houve a perda: Airton Jungblut. Agradeço (*in memoriam*) a inspiração que você sempre foi para mim.

Mas também fui contemplada com o acolhimento sem limites: Fernanda Bittencourt Ribeiro, exemplo de pessoa, de docente e de empatia. Minha mentora do bem.

Às dindas, que são minhas estrelas guia.

À minha mãe Elza, meu filho Salvatore, meu marido Cesar, minha família: eu sou a pessoa mais feliz do mundo porque tenho vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Este trabalho estudou os produtores agroecológicos e orgânicos que atuam na Feira Orgânica Rômulo Telles, em Porto Alegre/RS. O objetivo principal da pesquisa foi entender como os produtores orgânicos da Feira Orgânica Rômulo Telles, em Porto Alegre, organizam a produção de sua existência na prática cotidiana. Como objetivos específicos foram definidos: Identificar e caracterizar a construção do *ethos* da agricultura orgânica a partir de suas formações estruturais legais, políticas e sociais; Reconhecer o cotidiano do agricultor orgânico a partir de suas práticas enquanto sujeito e coletivo social – junto à família e nas relações com seus pares; Analisar como se constituem as relações de poder nos ambientes de intervenção do agricultor orgânico na Feira Orgânica Rômulo Telles; Analisar os contextos de socialização dos agricultores orgânicos junto a suas comunidades de base e seus próximos, perscrutando suas práticas tensionadas com os discursos estabelecidos em situações de alteridade. O trabalho se desenvolveu a partir de uma etnografia realizada no ambiente da Feira e nas propriedades dos produtores, a partir de visitas em que realizei entrevistas e observações participantes. As informações foram tratadas a partir da análise de discurso, elegendo as categorias cotidiano, família e trabalho para o entendimento e a apresentação dos dados e das informações. Para amparar os reconhecimentos do campo utilizou-se os seguintes autores principais: Bourdieu (1996; 2000); Certeau (1998); Giddens (2000); Velho (1994) e Goffman (1985). Entre os autores evocados e que discutem temas correlatos, como agricultura, agroecologia e as ruralidades, destaco: Almeida (1986); Carneiro (2013); Schneider (2003); Tedesco (1998) e Woortmann (2018). Foi possível identificar que o produtor/agricultor orgânico utiliza o campo da produção agroecológica e orgânica para forjar seus discursos, sua práxis, e os aspectos fundamentais do seu *ethos* de campesino. Ele se apropria dos conhecimentos e simbologias que constituem a agroecologia e a produção orgânica na construção de sua identidade, desenvolvendo valores que lhe confirmam distinção. No entanto, nem todos têm os mesmos objetivos, ou se articulam da mesma forma para concretizar suas intenções. Enquanto para alguns a agroecologia é um propósito de vida, outros a utilizam de acordo com as possibilidades que se apresentam, e um terceiro sujeito se apropria destes valores porque entende que se trata de uma oportunidade diante de um mercado em crescimento.

**Palavras-chave:** Produtor – Orgânico – Agricultura – Agroecologia - Feira.

## **ABSTRACT**

This thesis focus on study the agroecological and organic producers who sell their production at the Rômulo Telles Organic Fair, in Porto Alegre/RS. The main goal of this research aims to understand how the organic producers of Feira Orgânica Rômulo Telles, in Porto Alegre, see themselves in everyday practice. As specific objectives were defined: Identify and characterize the construction of the ethos of organic agriculture from its legal, political and social structural formations; Recognize the daily life of the organic farmer based on their practices as a subject and social collective – together with the family and in relationships with their peers; To analyze how power relations are constituted in the intervention environments of the organic farmer at the Rômulo Telles Organic Fair; To analyze the contexts of socialization of organic farmers with their base communities and their neighbors, scrutinizing their practices tensioned with the discourses established in situations of alterity. The thesis was developed from an ethnography carried out in the environment of the Fair and in the properties of the producers, from visits in which I carried out interviews and participant observations. The information was treated from the discourse analysis, choosing the categories of daily life, family and work for the understanding and presentation of data and information. To support the recognition of the field were used the theoretical approach of authors like Bourdieu (1996; 2000); Certeau (1998); Giddens (2000); Velho (1994) and Goffman (1985). Among the authors mentioned and who discuss related topics, such as agriculture, agroecology and ruralities, I highlight: Almeida (1986); Carneiro (2013); Schneider (2003); Tedesco (1998) and Woortmann (2018). As result, It was possible to identify that the organic producer/farmer uses the field of agroecological and organic production to forge their discourses, their praxis, and the fundamental aspects of their peasant ethos. He appropriates the knowledge and symbologies that constitute agroecology and organic production in the construction of his identity, developing values that give him distinction. However, not everyone has the same goals, or articulates in the same way to achieve their intentions. While for some agroecology is a purpose of life, others use it according to the possibilities that present themselves, and a third subject appropriates these values because he understands that it is an opportunity in a growing market.

**Key Words:** Farmer - Organic - Agriculture - Agroecology - Fair

## **LISTA DE SIGLAS**

AC – agricultura convencional

ACONFERS - Associação dos Consumidores e Feirantes Ecológicos do Rio Grande do Sul

AO – agricultura orgânica

AAO – Associação de Agricultura Orgânica

COCEARGS -Cooperativa Central dos Assentamentos do Rio Grande do Sul

COPEG – Cooperativa dos Produtores Ecologistas de Garibaldi

COOTAP – Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região de Porto Alegre

CPOrg - Comissão de Produção Orgânica

EMATER - Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAE - Feira Agroecológica

FAO - Food and Agriculture Organization - Organização Das Nações Unidas Para Agricultura E Alimentação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFOAM – International Federation of Organic Agriculture Movements, sigla em inglês para Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica.

IN – Instrução Normativa

INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária

IRGA - Instituto Riograndense do Arroz

MA – Ministério da Agricultura

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MEI - Micro empresa individual

MST - movimento dos sem terra

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNAPO - Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PT - Partido dos Trabalhadores.

RAMA - Rede Metropolitana de Agroecologia

SPG - Sistema Participativo de Garantia

SISorg - Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica

## INDICE DE FIGURAS

Figura 1- a Feira Orgânica Rômulo Telles. ....	31
Figura 2 - mapa do bairro Petrópolis .....	31
Figura 3 - Confraria União d´Elas participando da Banca de degustação .....	37
Figura 4 - evento junto à Feira. ....	38
Figura 5 - selo orgânico. ....	63
Figura 6 - quadro de iniciativas com enfoque agroecológico .....	67
Figura 7marcos legais da agroecologia. ....	68
Figura 8 - Feiras orgânicas no Rio Grande do Sul em 2022. ....	70
Figura 9 - Feiras orgânicas em Porto Alegre. ....	70
Figura 10 - um sábado de Feira. ....	75
Figura 11 - Comemoração de aniversário .....	117
Figura 12 - Família .....	131
Figura 13 - Festa em família .....	135
Figura 14 - Horta.....	139
Figura 15 - Produto da Feira .....	160
Figura 16- amigas da banca da Tereza reunidas em sábado de Feira .....	178
Figura 17 - Os produtores da Feira Orgânica Rômulo Telles .....	189

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1 - respondentes e cronologia das interações. ....	40
Tabela 2 - principais Instruções que constituíram as políticas para os produtos orgânicos e sua certificação. ....	64

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
1.1 Problematização - o que é cotidiano e familiar.....	12
1.2 Sobre os objetivos.....	15
1.3 Abordagem metodológica: observação participante .....	15
1.4 Abordagem metodológica: os que por aqui já passaram .....	19
1.4.1 Teoria dos campos .....	20
1.4.2 As trajetórias, os projetos e os campos de possibilidade .....	27
1.4.3. O ambiente de falas e de observação .....	29
1.4.4 A escolha dos respondentes.....	39
1.5 Justificativa da pesquisa.....	42
1.5.1 O olhar de fora – a pesquisadora .....	48
<b>2 AGRONEGÓCIO, AGROECOLOGIA, AGRICULTURA ORGÂNICA.....</b>	<b>52</b>
2.1 O que fizemos com o planeta? um mundo em reconstrução compulsória .....	52
2.2 Percursos da certificação de produtos orgânicos no Brasil .....	61
2.3 A agroecologia no contexto Brasil e RS .....	69
<b>3. A FEIRA ORGÂNICA .....</b>	<b>72</b>
3.1 O que é uma “Feira Orgânica” .....	74
3.2 As tensões sociais: a cultura, a economia e a política .....	89
3.3 A pandemia e as tensões que se intensificaram na feira.....	97
<b>4. COTIDIANO, FAMÍLIA E TRABALHO - DIMENSÕES DE AÇÃO E DE ATUAÇÃO.....</b>	<b>107</b>
4.1 O cotidiano do produtor orgânico.....	107
4.2 Falas, discursos e (in)coerências .....	109
4.3 A vida social.....	116
4.4 Construções familiares - arranjos e rearranjos nas vivências coletivas .....	127
4.5 Os filhos .....	129
4.6 Família como a base de tudo.....	134
4.5 Trabalho .....	137
4.6 Sobre os filhos e o trabalho.....	140
4.7 E quando surge o orgânico? .....	142
4.8 Contradições: orgulho e enfrentamentos do produtor .....	146
4.9 A credibilidade do trabalho orgânico .....	159
4.10 A mulher: espaço e discursos .....	166
4.11 A mulher e a unidade familiar .....	172
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>182</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>190</b>

## **INTRODUÇÃO**

O ingresso no campo para a realização de investigações que têm como base o reconhecimento das manifestações sutis dos agentes observados e estudados a partir das Ciências Sociais constitui-se em uma tarefa que exige interesse, disposição e humildade. Ao início do processo percebe-se uma infinidade de sinais que, na exploração ingênua de todo o começo, parecem delinear fortemente hipóteses as quais nos entregamos fluidamente.

No entanto, inversamente proporcional à nossa penetração nos espaços densos de observação decrescem as probabilidades que nos incitavam à imaginação. Isso porque entender as relações sociais, as construções simbólicas e as experiências formadoras de cada indivíduo e destes junto aos grupos, resultando em mosaicos de significados, é tarefa não exata, não premeditada, que não se finda, não se concretiza em si mesmo, mas apenas contribui, seguindo o espírito da coletividade, para que, sobre o assunto, se tenha um grau a mais de conhecimento.

É assim, com o espírito de um aprendiz, que se conduziu a Tese que aqui se apresenta. Muitas realidades sociais e humanas, seus papéis, construções, interações e valores foram observadas, durante um espaço de tempo considerável, e com o olhar apaixonado do pesquisador que percebe desvelar, a cada novo contato, parte das tramas que elucidam a vida e a obra de cada um de seus informantes. O(a) agricultor(a), esse sujeito tão presente, mas tão pouco conhecido, e ainda menos reconhecido, se fez, foi feito centro e sujeito desse processo, desse percurso vivido, colhido, observado, e aqui manifesto como texto.

O trabalho que se apresenta é fruto da Observação Participante junto a produtores orgânicos que atuam na Feira Orgânica Rômulo Telles. Meu interesse se formou em busca de conhecer as realidades destes sujeitos a partir de seus fazeres junto à agricultura orgânica, de suas

relações interpessoais, na sua unidade familiar, com amigos, a comunidade local e também nos espaços de comercialização da produção orgânica.

Ao adentrar o universo dos produtores percebi que havia importantes construções simbólicas que amparavam as suas práticas cotidianas. Assim, uma das principais possibilidades reconhecidas foi de que os argumentos que perpassavam a prática da produção orgânica, como sustentabilidade ambiental, saúde e consumo local, principalmente, eram constituintes identitários deste grupo, possibilitando, dentro do campo investigado, a distinção destes sujeitos.

Assim, o produtor orgânico se entende mais que um agricultor: ele é resultado da experiência de um sistema que falhou em atender as necessidades do homem e do planeta. Ele é o herói contemporâneo, conforme Martins (2008, p. 52):

*"se a vida de todo o dia se tornou um refúgio dos céticos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano."*

Considero este herói não a partir do estereótipo, mas de um sujeito real, que trabalha, que racionaliza o trabalho, mas que aplica o conhecimento de forma holística, ou seja, ele percebe o mundo a sua volta e respeita os aprendizados que já foram colhidos, respeita a história já vivida anteriormente, a dos seus antepassados, que ele resgata a todo o tempo.

O produtor orgânico não se percebe como um comerciante, um vendedor, um explorador da terra. Ele se concebe como uma categoria que está imbricada em relações significativas: a terra é sustento, mas é também a natureza a ser respeitada; o consumidor é aquele que compra o seu produto, mas é, antes de tudo a pessoa com quem se desenvolve uma relação de confiança mútua (conversas na feira, visitas às propriedades, manutenção das visitas na banca, compras fiéis) e ele próprio é o gestor destes recursos sobre os quais tem responsabilidades porque entendeu que este é o seu papel. A partir de sua atuação coerente

com o está estabelecido neste “contrato social” entre a agricultura orgânica e o consumo da mesma é que ele poderá solidificar a moralidade presente nas suas relações.

Foi importante, neste percurso, o regresso constante ao que se desejava descortinar. Quando se adentra o campo de complexidades das tramas imbricadas nas escolhas e trajetórias de cada respondente é fácil diluir-se por caminhos que conduzam ao afastamento do tema. Isso porque, para o cientista social, cujo objeto é a própria sociedade, e o humano em si, tudo o que se apresenta é dádiva, colhida no afã de explicitar integralmente a riqueza daqueles sujeitos e suas construções significativas do mundo.

E me tornando observadora, e por vezes observada, crítica de minhas próprias atuações no campo de possibilidades avistado, adentrei os cenários desta pesquisa que se desenvolve junto aos agricultores, produtores de alimentos orgânicos, em suas edificações individuais, ambiências e construções sociais.

Estudar o agricultor(a) a partir de suas práticas na agricultura orgânica, nesta Tese, implicou em escrutinar o terreno em que se dão suas constituições: entender os seus ambientes domésticos e de trabalho, reconhecer seus comportamentos e valores, identificar os seus pares e, em especial, reconhecer, em sua cultura, quais referências estão em manifestação.

Assim como promover o olhar sobre este sujeito, é necessário, contextualizar o olhar de *fora*, conforme MAGNANI (2002), daquele que, possivelmente, seja tanto quanto o agricultor orgânico, um importante agente deste cenário: o cidadão, consumidor, que adere aos produtos orgânicos e, em muitos casos, assume seus discursos, mas que não tem o olhar de *dentro*.

Este agente externo conforma o “rural” a partir de conhecimentos, experiências e de percepções que vai amalhando na proximidade ou na alteridade com o tema e com os sujeitos deste universo.

O ambiente rural, para aquele que vive a urbanidade, pode estar associado às imagens bucólicas de ambientes calmos, em que a vida passa mais devagar, como que sorvida lentamente em um eterno degustar-se, embebendo-se das paisagens serenas, das conversas sem pressa, dos fazeres rotineiros que já são conhecidos e, principalmente, dominados. Avento tais projeções porque, mesmo eu, alimentava estas mesmas cenas ao pensar as ruralidades que iria adentrar.

Não que o interior<sup>1</sup>, o campo seja tão distante que não possa ser apreendido por quaisquer pessoas que tenham este interesse. E, também não se trata de acreditar que todos que habitam as zonas urbanas já não tenham, em maior ou menor proximidade, vivenciado as rotinas de um sítio ou fazenda, explorando seus fazeres e seus costumes. O que se sugere é que as temáticas sobre os ambientes rurais são perpassadas por “construções simbólicas” (Woortmann & Woortmann, 1997) associadas ao que é da cidade e ao que é do campo, percepções estas comuns àqueles que, distantes o suficiente, criam o estereótipo do espaço, do tempo, e do sujeito da sua própria alteridade.

Aventando possibilidades sobre este imaginário, e incluindo minhas próprias percepções originais, pode-se considerar que existem questões que pertencem ao campo e aquelas que fazem parte das cidades. O que reservamos ao campo é o plantar, o colher, uma determinada vida doméstica, as relações mais próximas com os vizinhos (mesmo que estes estejam fisicamente distantes), o trato com animais de estimação e de exploração, e outras tantas caracterizações pressupostas a partir de uma intenção – não objetiva – de compreensão e classificação destas informações.

A distância entre o campo e a cidade, no entanto, no empirismo da vida, parecem se encurtar. Além da diminuição da distância física que aproxima as grandes cidades das zonas rurais devido, principalmente, a ampliação e horizontalização das cidades/bairros, há também, e mais importante aqui, a penetração dos assuntos, que antes pertenciam ao

---

<sup>1</sup> Sobre “interior”, neste contexto, considero o ambiente rural em contraste com a vida vivida na cidade.

universo de atuação do agricultor, nos ambientes urbanos e, conseqüentemente, nas conversações populares, o que nos leva a buscar compreender como os diferentes setores e componentes da sociedade se organizam e articulam suas questões discursivas e identitárias, que se faz por e a partir da noção de *campos sociais* (BOURDIEU, 2000), pois esclarece os limites de competências e fazeres dos diversos integrantes do processo deste estudo. Assim pode-se identificar as interações, trocas e mesmo competições que se estabelecem, generalizando assim suas relações e processos.

Bourdieu (2000) afirma que a sociedade é constituída de uma grande diversidade de campos que se caracterizam e se organizam em torno de uma especialidade, uma identidade e uma temporalidade. O compartilhamento de processos e a concordância de identidades dos diferentes atores, manifestadas nos processos e "regras" discursivas mobilizadas nas suas interações, mediações e visibilidades, permitem o reconhecimento de um campo, tornando assim possível a circulação de seus saberes, processos, ideologias e estratégias para os demais campos e setores.

Um campo possui uma especialidade, um elemento de coesão e formatação que o configura, destaca e identifica, que se faz visível e reconhecível a partir de seus especialistas. Isto permite ao campo trocar, interagir e competir com os demais campos. Objetivamente, um campo possui um domínio de uma experiência, um saber ou um valor específico que o distingue dos demais integrantes e que forma seu reconhecimento.

Para Bourdieu um campo cria e valida suas competências, valores, identidades e capacidades processuais, aspecto em que reside sua autonomia, mas não possui autossuficiência, não existindo campo isolado, mas sim uma relação de interação, troca, competição e complementação entre campos, que se formam em relação uns aos outros. Assim, um campo torna-se social por cultura, história e expectativas que só podem realizar-se caso seus integrantes deem conta de sua identificação e distinção junto à sociedade em geral, construindo a identidade do campo frente aos processos sociais.

Logo, a identidade de um sujeito ou grupo não se dá por si, mas em relação e distinção, em diferenciação em relação ao ambiente, aos demais campos sociais. Assim, reconhecemos o outro por aquilo que não somos, e validamos sua existência, relevância, seu papel por aquilo que ele domina além de nós, por aquilo que não sabemos.

A temática sobre a sustentabilidade do planeta, pautada exaustivamente nos mais diversos círculos e meios de comunicação, em especial do início deste século até os dias atuais, origina outras tantas questões que se aspergem em discussões em relação ao uso indiscriminado da floresta, aos danos causados pela agropecuária, aos malefícios da agricultura convencional<sup>2</sup>, e diversos outros, que corroboram com um cenário de tensões e ações articuladas em busca de uma reversão para o processo de degradação do meio ambiente e, conseqüentemente, ameaça à perpetuação da humanidade neste planeta.

Parte da proximidade sugerida, portanto, entre a cidade e o campo, advém, também da convocação para uma mudança de hábito em relação às práticas dos indivíduos no e para com o planeta. A Agricultura Sustentável<sup>3</sup>, sendo uma das propostas que surgem como uma alternativa aos problemas que ameaçam a Terra, emerge nos mais diversos contextos sociais não somente como uma discussão, mas como

---

<sup>2</sup> Sobre a agricultura convencional considera-se aqui aquela praticada com o uso de agrotóxicos, em detrimento da agricultura orgânica. Para definir a agricultura orgânica recorre-se à AAO: Agricultura Orgânica é um processo produtivo comprometido com a organicidade e sanidade da produção de alimentos vivos para garantir a saúde dos seres humanos, razão pela qual usa e desenvolve tecnologias apropriadas à realidade local de solo, topografia, clima, água, radiações e biodiversidade própria de cada contexto, mantendo a harmonia de todos esses elementos entre si e com os seres humanos. Fonte: <http://aao.org.br/aao/agricultura-organica.php>, acesso em 22/agosto/2021

<sup>3</sup> Recorro à definição da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) sobre a definição da Agricultura Sustentável “A agricultura sustentável não constitui algum conjunto de práticas especiais, mas sim um objetivo: alcançar um sistema produtivo de alimento e fibras que: aumente a produtividade dos recursos naturais e dos sistemas agrícolas, permitindo que os produtores respondam aos níveis de demanda engendrados pelo crescimento populacional e pelo desenvolvimento econômico; produza alimentos saudáveis, integrais e nutritivos que permitam o bem-estar humano; garanta uma renda líquida suficiente para que os agricultores tenham um nível de vida aceitável e possam investir no aumento da produtividade do solo, da água e de outros recursos; e corresponda às normas e expectativas da comunidade”. Fonte: Cadernos de Educação Ambiental – Agricultura Sustentável. Governo do Estado de São Paulo / Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2014/11/13-agricultura-sustentavel1.pdf> Acesso: 22/agosto/21

uma proposição que convoca a todos para o que se define como consumo responsável, consumo consciente, ou mesmo responsabilidade social.

Se até pouco tempo o “planeta” era algo etéreo e, pertencente não se sabia a quem, a partir de um iminente colapso (como alertam os cientistas de todo o globo, especialmente desde a década de 1990), governos, ONGs, universidades e outras tantas Instituições de poder convocam todos a conscientizarem-se sobre o seu papel em busca da reversão do que é considerada a degradação crescente da fauna, da flora, e dos mais diversos ecossistemas, em função, principalmente, da atuação do homem sobre a natureza.

Estes apelos, portanto, invadem a vida cotidiana e se tornam relevantes àqueles que outrora não se percebiam como responsáveis pela Terra – esse planeta tão vívido, mas também tão conceitual e distante no que dizia respeito ao seu reconhecimento e demandas. E assim, no crescente chamamento pela conscientização do consumo e das práticas que podem prejudicar ou auxiliar a recuperação do planeta – eclode, em especial a partir dos anos 2000, a agricultura orgânica.

O segmento de produtos orgânicos tem crescido em oferta e em demanda, tanto no Brasil, quanto no exterior. De acordo com a ONG Organix, o crescimento no consumo de alimento orgânico no país, em 2020, foi de 30%<sup>4</sup>. A agricultura orgânica é, de acordo com a AAO (Associação de Agricultura Orgânica):

*...um processo produtivo comprometido com a organicidade e sanidade da produção de alimentos vivos para garantir a saúde dos seres humanos, razão pela qual usa e desenvolve tecnologias apropriadas à realidade local de solo, topografia, clima, água, radiações e biodiversidade própria de cada contexto, mantendo a harmonia de todos esses elementos entre si e com os seres humanos<sup>5</sup>.*

O alimento orgânico, por sua vez, é o resultado da agricultura orgânica e está associado a uma série de outras práticas que serão abordadas neste trabalho, não como conceito central, mas como forma

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://organix.org.br/organix-apresenta-crescimento-do-mercado-brasileiro-de-organicos-na-biofach-especial-2021/> acesso em 22/agosto/21

<sup>5</sup> Disponível em: <http://aao.org.br/aao/agricultura-organica.php>. Acesso: 23 de março de 2021.

de entender quais são as imbricações que constituem o contexto em que estão inseridos os sujeitos primeiros do interesse desta pesquisa: os produtores orgânicos.

O agricultor, ou produtor orgânico, aparece como sujeito/objeto principal deste estudo que se propõe entender como se constrói a vida cotidiana destes sujeitos que se ocupam de atividades rurais relacionadas à produção de alimentos orgânicos. O que interessa são as suas manifestações com foco e no entorno de seu papel enquanto agricultor diferenciado pelo processo/produto orgânico – em todas as suas esferas da vida vivida e da vida projetada.

É importante explicitar o emprego de certos conceitos que permanecerão ativos durante todo o trabalho. Portanto, agricultor(a) e produtor(a) serão os termos empregados para referir-me ao indivíduo que trabalha a terra e o faz a partir das técnicas do cultivo orgânico. Bem como utilizarei o termo produto orgânico e agricultura orgânica para evocar o processo/produto agrícola que não utiliza agrotóxicos.

Durante a pesquisa em vários momentos questionei-me e também fui questionada sobre o emprego do termo orgânico em detrimento de agroecológico. Optei por manter esta nomenclatura porque tive contato com vários produtores, oriundos de diferentes contextos, com conhecimentos e percepções distintas sobre os temas que envolvem a agroecologia e a produção orgânica. Identifiquei, durante a investigação, que alguns dos entrevistados não praticam a agroecologia na sua totalidade e, portanto, não constituem suas práticas e tampouco sua construção identitária baseados nesta proposição. Todos, entretanto, são produtores orgânicos e seguem os padrões estabelecidos legal e socialmente para que esta prática seja reconhecida. Podemos identificar em MOURA:

*De acordo com Assis e Romeiro (2002), apesar da origem imbricada, agroecologia e agricultura orgânica não devem ser vistas como sinônimos, na medida em que a agroecologia é uma ciência, com limites teóricos bem definidos, que procura inter-relacionar o saber de diferentes áreas do conhecimento. Já a agricultura orgânica é uma prática agrícola que tem por princípio estabelecer sistemas de produção baseados em conjunto de*

*procedimentos que envolvem a planta, o solo e as condições climáticas, de forma a produzir um alimento sadio, livre de contaminantes químicos e agrotóxicos. (Moura, 2017, p. 26)*

Há também muitas discussões em torno das nomenclaturas utilizadas para referir a agricultura convencional. Parte dessa discussão se dá em função de existirem vários níveis de utilização de químicos na conformação do solo, eliminação de pragas, e outras compensações entendidas como necessárias. Além destas, existem os contextos econômicos e políticos que se entrelaçam nos debates e que formam zonas de fortes tensões entre os produtos orgânicos e convencionais. No entanto, nesta pesquisa, não nos interessa ingressar no campo de debates em relação ao que pertence ao espaço da agricultura convencional. Para o atingimento do propósito aqui estabelecido convém entender que a agricultura convencional é oposta à agricultura orgânica, por uma série de questões que serão tangenciadas ao longo do trabalho, mas principalmente pelo uso de processos com a utilização de produtos químicos que ameaçam a saúde humana e o planeta.

## **1.1 Problematização - o que é cotidiano e familiar**

Foi possível identificar, a partir da investigação sobre os trabalhos científicos da área, que existe uma efervescência de discussões sobre os temas da agricultura familiar e sobre a agricultura orgânica. Nas investigações de LUCION (2020); SCHNEIDER E GAZZOLA (2017); PORTILHO (2011); MARTINS (2008); CODONHO (2013) e outros consultados para este trabalho foram reconhecidos os esforços já desempenhados para o entendimento sobre este universo que engloba o agricultor, o mercado e os valores subjetivos que permeiam esse ambiente. Sobre tais autores, cujos trabalhos me antecederam e que, portanto, foram importantes para contribuir na construção das reflexões que aqui apresento, retomarei seus estudos no capítulo 2 desta Tese,

quando explicito a relevância dos mesmos para meu próprio desenvolvimento.

Foi, portanto, de grande valia me apropriar de tais informações já investigadas pelos pesquisadores que antecederam este estudo porque não parti de um conhecimento árido, ao contrário, esta trajetória de entendimentos se alicerçou em outros tantos que ampararam os questionamentos que vinham surgindo no campo das possibilidades dessa tese.

Desenvolvi, no entanto, o intento de, ao adentrar tais estudos, constituir com esta pesquisa um conhecimento que pudesse somar aos demais realizados, de forma que, mesmo que humildemente, pudesse contribuir com o estado da arte destas temáticas que habitam as histórias que aqui se apresentam.

A delimitação do tema de pesquisa exige o abandono de questionamentos que, por vezes, se entrelaçam, trazendo ao pesquisador as inúmeras possibilidades e interesses do campo de estudos. Definir, portanto, os contornos de abrangência do tema é uma tarefa exaustiva, por vezes, porque é necessário escolher o que adentrar e o aquilo que deve ser refutado pela impossibilidade de uma abordagem total do universo.

Neste esforço desejo deixar claro que não é objetivo deste estudo o entendimento profundo sobre a agricultura, sobre as especificidades do produto orgânico, sobre as relações comerciais que se criam no mercado da economia orgânica, e tampouco sobre o consumidor destes produtos. Estas temáticas estão presentes e perpassam o trabalho como forma de contextualizar a pesquisa – e o leitor. Assim, sempre que se identificou como necessário convocar tais conhecimentos foi realizado de forma a provisionar o esclarecimento destas questões, dentro dos recortes necessários e específicos para o intento.

Sendo assim, trilhando os caminhos investigativos buscando o inusitado dentro do conhecido, meus interesses encontraram, então, seu lugar de desconforto: as pessoas que estão à frente e nos vieses da

produção orgânica, o próprio agricultor orgânico, envolvido e amparado pelo seu cotidiano, junto à sua unidade familiar. Interessei-me por conhecer estes sujeitos nos seus ambientes domésticos, tanto quanto nos espaços específicos de comercialização, quando estão na Feira. Busquei entender, a partir da observação em seus encontros, como por exemplo, nas festas em família, nas comemorações coletivas entre os que partilham da mesma comunidade (a Festa do Arroz, foi uma oportunidade) se continuam presentes os mesmos argumentos, procedimentos, o mesmo ethos comunicado na Feira. Busquei as nuances da atuação do agricultor orgânico, a partir das características que o conformam, em suas várias possibilidades de ação.

O que aqui considero como as manifestações do agricultor orgânico abrange suas ações (o plantar, o colher, o vender, o relacionar-se com o outro e outras práticas e fazeres que se descortinaram de diferentes formas junto a diferentes sujeitos), seus discursos, seu papel na família, junto aos amigos, na comunidade em que estão inseridos. Tais entendimentos se constituíram, apoiados, também, no diálogo junto a vários autores: aqueles que estudaram especificamente os mesmos cenários rurais que eu, mas também junto àqueles dos quais me vali dos conceitos para relacionar aos interesses desta Tese.

Percebi, de imediato, o reconhecimento do grande desafio que se descortinava sobre o entendimento deste *cotidiano* e *familiar* que, por ser próximo, pode simular natural, dificultando os estranhamentos sobre as rotinas e contemplações diárias. Mantive, portanto, durante toda a inserção na pesquisa, a busca do olhar crítico e distante, e ao mesmo tempo, próximo o suficiente para que me tornasse adequada para a convivência e aceitação dos sujeitos observados.

Para esquadrihar meu problema de pesquisa e tornar factível tal execução elenquei categorias de estudo, as quais reconheci como mais relevantes para meus objetivos: cotidiano, trabalho e família.

Diante de tais considerações desvela-se o problema que norteia esta pesquisa: como os produtores orgânicos da Feira Orgânica Rômulo

Telles, em Porto Alegre, organizam a produção de sua existência na prática cotidiana?

## **1.2 Sobre os objetivos**

São inúmeras as identificações em campo das questões que permeiam as construções e manifestações dos sujeitos e dos ambientes investigados. É imperioso, portanto, definir os objetivos que estruturam a condução dos interesses do proposto.

Portanto, define-se como objetivo geral, principal, deste estudo entender como os produtores orgânicos da Feira Orgânica Rômulo Telles, em Porto Alegre, organizam a produção de sua existência na prática cotidiana.

No encontro destas expressões com os esforços realizados para a sua compreensão reconhecem-se os objetivos específicos que seguem:

- Identificar e caracterizar a construção do *ethos* da agricultura orgânica a partir de suas formações estruturais legais, políticas e sociais;
- Reconhecer o cotidiano do agricultor orgânico a partir de suas práticas enquanto sujeito e coletivo social – junto à família e nas relações com seus pares;
- Analisar como se constituem as relações de poder nos ambientes de intervenção do agricultor orgânico na Feira Orgânica Rômulo Telles.
- Analisar os contextos de socialização dos agricultores orgânicos junto a suas comunidades de base e seus próximos, perscrutando suas práticas tensionadas com os discursos estabelecidos em situações de alteridade.

## **1.3 Abordagem metodológica: observação participante**

Apesar desta pesquisa não ser o primeiro estudo realizado por esta pesquisadora tendo como método a Etnografia, com a aplicação da Observação Participante, a entrada no campo traz consigo sempre o inusitado, convocando a todo o tempo a ajustarmos as formas de perceber e trazer a luz do trabalho os conhecimentos adquiridos.

O método que se assume para a realização do intento deste estudo está diretamente relacionado à ciência Antropológica, tendo a Etnografia como o fio condutor que relaciona as informações coletadas diretamente das falas dos agentes investigados ao observado em campo com a finalidade de amearhar as compreensões necessárias objetivadas.

No início do século XX Bronislaw Malinowski iniciou suas investigações com povos Melanésios, situados no Sul o Pacífico, na Oceania, inaugurando a Observação Participante, que seria desde seus estudos até então, uma das técnicas mais importantes para atender aos interesses da Etnografia. A Observação Participante, a partir de Malinowski, foi adquirindo novos contornos uma vez que os objetos de estudo também foram se transformando. De tribos isoladas em regiões distantes, passou-se a investigar o que é próximo, e o que é familiar. No entanto, a fundamentação das premissas do pesquisador continua a orientar os estudos antropológicos e, também neste trabalho, figuram como orientadores importantes na construção da metodologia de pesquisa:

*A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica. (Malinowski, 1984, p. 18).*

A importância da representação fiel – ou a mais próxima disto – do que se descortinou no campo conferem, de acordo com o autor, a cientificidade necessária para que o estudo não se torne generalista ou tendencioso, mas que possa trazer a perspectiva exclusiva das realidades

adentradas<sup>6</sup>. As informações coletadas, no entanto, diferentemente do que ocorre em ciências exatas, dependem das narrativas e também, conforme Malinowski (1984), das memórias históricas dos respondentes. Para que o resultado desta equação, que depende tanto dos observados quanto da lucidez do pesquisador, obtenha os resultados necessários (prefiro não utilizar a palavra "desejados" porque os interesses do pesquisador são formulados e reformulados incessantemente durante o campo) é preciso que o processo envolva aspectos e dinâmicas específicas.

Malinowski define três aspectos principais para que se possa obter êxito na aplicação da etnografia: ter objetivos científicos claros; viver junto aos "nativos"; e determinar diferentes formas de coleta, manipulação e registro das informações (1984). Munida, portanto, por estes preceitos e a partir da leitura de outros pesquisadores que, como eu, conduzidos pela Antropologia, constituem seus recortes de espaço/tempo investigativos, passei a ouvir, dialogar, observar, participar e registrar – muito – e a todo o tempo os dados que me chegavam.

Além disso, para o autor, o processo de observação é tão importante quanto o fato observado em si. Isso porque, é a partir do método - e da apresentação deste - que se tem a condição de exercitar e, eventualmente, ressignificar, o que foi apreendido no campo. O autor considera que o estudo de um grupo, a partir da etnografia, se faz junto aos indivíduos, considerando a inserção destes no mesmo e que, portanto, situações isoladas devem ser investigadas a fim de reconhecer se a mesma faz parte de um costume e/ou comportamento deste grupo, ou se faz parte de uma atitude, ou situação isolada.

As observações denunciaram, como não poderia deixar de ser,

---

<sup>6</sup> O realismo etnográfico de Malinowski encontra críticas diversas no universo acadêmico, tanto em áreas afins como dentro da própria Antropologia. Uma das questões destacadas é que o Antropólogo em campo não consegue manter-se distante o suficiente dos seus objetos de estudo porque ele próprio se imbuí, em determinado momento, do próprio contexto que pesquisa (ROCHA, 2006). No entanto, busco em Malinowski respaldo para construir minha própria etnografia baseada nos preceitos vivenciados por ele próprio.

as complexidades destes sujeitos inseridos em seus ambientes de socialização. Portanto, a partir de tais evidências, que chegavam das mais diversas formas, entendi que seria importante elencar categorias de análise que tornassem as informações mais organizadas tanto no que diz respeito à execução do trabalho quanto à compreensão dos futuros leitores.

A partir dos objetivos traçados, confrontados com as informações suscitadas no campo, chegou-se a três dimensões de observação: cotidiano, família e trabalho.

Tais escolhas não foram aleatórias, e também não se constituíram de forma imediata ou evidente, mas foram se delineando conforme se somavam as informações dos respondentes e as evidências coletadas nas várias atividades observadas.

Para constituir tais categorias foi importante reconhecer em Bardin (2014), na obra *Análise de Conteúdo*, a importância da técnica para a organização dos dados do campo.

Para a autora a *Análise de Conteúdo* é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” (2014, p. 31). Por isto a técnica é bastante adequada para as pesquisas qualitativas, em especial, quando se tem um número grande de dados e, portanto, a necessidade de agrupá-los, formando grandes blocos de informação que tenham aderência entre si.

A autora define três principais etapas para a construção da análise de conteúdo e posterior categorização das informações: inicialmente tem-se a pré-análise, ou seja, se revisita todo o material coletado, organizando as informações, promovendo a interpretação e a aproximação entre os dados; a segunda etapa é onde se estabelecem as codificações e a categorização do material, momento em que informações mais relevantes se evidenciam, tornando-se pontos focais da análise; e, por fim, se constitui a etapa de interpretação dos dados, feita a partir do que a autora reconhece como inferência, ou interpretação controlada.

A análise de conteúdo possibilitou que durante o campo se

pudesse interpretar e reinterpretar as informações, pois não raras foram as vezes que necessitei regressar à etapa inicial a fim de tensionar as inferências.

Com base nesta técnica, portanto, cheguei ao que reconheci como as categorias mais relevantes para o atendimento dos objetivos estabelecidos: cotidiano, família e trabalho.

Entendi que o cotidiano é o espaço/tempo em que o produtor articula o seu ser/saber/fazer. A partir de Certeau, na observação dos indivíduos marginais, comuns, se estabeleceu minha investigação sobre como estes sujeitos articulam falas, gestos, comportamentos, ações, apreensões de sua realidade, enfim.

A Família é central na análise do campesino. Ela aparece tanto na literatura visitada quando falas e ações dos sujeitos objetivados. A unidade familiar é o que dá sustentação para a construção da agroecologia, que não é tarefa individual, mas que, ao contrário, somente se articula a partir do coletivo social.

E no que se refere a trabalho, este é a práxis mais evidente do agricultor/ produtor. É a partir do trabalho que se derivam todas as demais simbologias, ideologias, identidades, crenças, esperança e a materialização do fazer. É a sua comprovação de relevância e ação.

Portanto, as três categorias elencadas conseguem dar conta das principais evidências buscadas ao longo deste trabalho, mas não as encerram, pois outras informações, a título de contextualização, serão apresentadas nos primeiros capítulos.

## **1.4 Abordagem metodológica: os que por aqui já passaram**

Ao longo de uma trajetória acadêmica fortalecemos a noção de que as nossas descobertas não são verdades finais e únicas, pelo contrário, precisam sempre ser vistas a partir de outras perspectivas,

quer concordem ou discordem de nossas próprias percepções. Assim, arrolamos autores, nossos predecessores, aqueles que já edificaram seus pressupostos e que conseguiram conferir suas hipóteses nos ambientes estudados.

Outros teóricos já elencaram as temáticas que aqui proponho discutir, mas pressuponho que a perspectiva sob a qual me detenho seja exclusiva. Isso porque cada pesquisador define uma curadoria de teorias, se aloca diante de determinado espaço, tempo e argumento, o que traz o desafio de relacionar tais variáveis, construindo o conjunto e as suas intersecções.

Diante das escolhas que foram realizadas me interessa, aqui, portanto, apresentar os principais autores com os quais dialogo neste estudo. Estes teóricos auxiliaram a compreensão e estimularam as tensões entre o que eles próprios evidenciaram e o que eu mesma, no meu interesse de pesquisa, pude identificar.

Apesar das relevantes contribuições dos vários autores mencionados e dos inúmeros artigos, dissertações e teses trazidos aos quais recorri, alguns trabalhos formaram a base para as minhas reflexões e proposições. Portanto, neste capítulo, apresento, sob a perspectiva acionada neste trabalho, os principais autores e suas obras.

### **1.4.1 Teoria dos campos**

Sabemos que a identidade se dá e se forma pela distinção. Eu sou o que o outro não é, e o outro é quem eu não sou. Nos diferenciamos, por nomes, sobrenomes, gêneros, cor, preferências, credos, língua, gostos, preferências e mais. Isso vale em nível micro, individual, e macro, social. Se no nível micro tratamos como identidade, no nível macro tratamos como campos sociais

Para entender a que nos referimos quando citamos campos sociais, devemos retomar a contribuição de Bourdieu (2000). Este autor

afirma que a sociedade moderna é constituída de uma grande diversidade de campos, de várias dimensões, que se caracterizam e se organizam em torno de uma especialidade, uma identidade e uma temporalidade.

Um campo social se caracteriza como um espaço simbólico abstrato onde sujeitos que compartilham de elementos identitários e processuais em comum organizam e partilham posições distintas uns dos outros. Assim, formam um lócus, um espaço estruturado e demarcado de ação social que mobiliza, mas também valida e sustenta, a ação do sujeito, espaço esse demarcado pelos limites e características de sua atuação simbólica relativa aos demais.

Os campos sociais sustentam sua existência a partir de atores que desenvolvem no seu interior conflitos por suas capacidades, competências, ideologias e valores necessários aos fazeres, poderes e saberes do campo, e compartilham elementos identitários, processuais, estratégicos e mesmo ideológicos comuns. Estes operam em concordância com determinadas estratégias e valores simbólicos, e manifestam os conflitos, processos e fazeres dos mesmos. Como coloca Rodrigues (2003:s.p.):

*As entidades detentoras da competência legítima de um campo formam o seu corpo social. No exercício, tanto da sua competência discursiva, como da sua competência pragmática, o corpo social tende a ostentar as marcas simbólicas da sua competência, no caso dos campos que possuem uma simbólica formal, ou a ostentar a ausência dessas marcas, no caso dos campos que possuem uma simbólica informal.*

O compartilhamento de processos e a concordância de identidades dos diferentes atores, manifestadas nos processos e “regras” discursivas mobilizadas nas suas interações, mediações e visibilidades, permitem o reconhecimento de um campo, tornando assim possível a circulação de seus saberes, processos, ideologias e estratégias para os demais campos e setores.

Um campo possui uma especialidade, um elemento de coesão e formatação que o configura, destaca e identifica, que se faz visível e

reconhecível a partir de seus especialistas. Isto permite ao campo trocar, interagir e competir com os demais campos ou, na visão de Rodrigues (2003:s.p.) um campo possui um domínio de uma experiência, um saber ou um valor específico que o distingue dos demais integrantes e que forma seu reconhecimento.

Podemos inferir, assim, que um campo cria e valida suas competências, valores, identidades e capacidades processuais, aspecto em que reside sua autonomia, mas não possui autossuficiência, não existindo campo isolado, mas sim uma relação de interação, troca, competição e complementação entre campos que se formam em relação uns aos outros, e que se constrói por e a partir de estratégias discursivas específicas.

Logo, um discurso é, além de um processo linguístico e enunciativo, mas também um complexo investimento de um ator ou campo na busca da produção de efeitos em um outro ator ou campo. Então, a identidade do campo que emite um determinado discurso torna-se base para a construção deste, operando as características e determinando os elementos que vão permitir a identificação deste campo e a construção dos efeitos junto aos receptores.

Isto reforça a ideia de que cada campo gera, mobiliza diferentes tipos e estratégias discursivas que visam formar o seu reconhecimento enquanto campo, da mesma forma em que, ao investir, reforça as identidades e processos dos demais campos com quem se articula, relaciona ou compete.

Verón (1987a), importante pesquisador latino-americano da área da semiologia e semiótica, ocupado em entender os processos de geração de sentidos nas sociedades, ressalta que o sentido de um discurso é dado no tecido social. O autor coloca que, se nos propomos a entender um discurso social, devemos ter em mente que este integra um sistema produtivo cujas regularidades de funcionamento compõem os processos significantes, enquanto os processos históricos cercam e engendram as condições de produção e reconhecimento deste discurso.

Desta forma podemos inferir que a construção de um discurso

se dá dentro de um processo em que as estratégias e intenções do campo somam-se às condições sociais e ao momento histórico em andamento. Estes fatores são influentes e até mesmo determinantes de sua construção, o que nos permite notar um processo de troca constante entre o emissor do discurso e o processo social em que está inserido.

Vemos então um processo construtivo que se dá dentro do tecido da sociedade através da relação entre produtores e receptores, circulando pelos diferentes lugares da esfera pública, gerando, operando e construindo efeitos.

Assim, compreender um discurso é compreender as estratégias do campo que o gera e mobiliza dentro do processo histórico-social em que está emitido, sendo marcado e deixando marcas em sua circulação e promovendo as interações e negociações com outros campos.

Um campo torna-se social por cultura, história e expectativas que só podem realizar-se caso seus especialistas deem conta de processos e fenômenos de identificação junto à sociedade em geral, ou seja, se seus atores conseguirem se fazer identificáveis, reconhecíveis e visíveis através de regras e estratégias discursivas comuns que marquem seus fazeres e competências, construindo a identidade do campo frente aos processos sociais. E, de acordo com Bourdieu (1996), a construção de um campo social favorece relações entre os agentes que conjuram este campo, de modo a estabelecer as estruturas determinantes do próprio campo e da atuação destes sujeitos no interior do mesmo.

Assim, um campo social necessita de habilidades comunicacionais para ser identificado, ou seja, para que suas competências e valores sejam reconhecidos e para que possa relacionar-se com os demais seus fazeres devem ser fundados sobre habilidades simbólicas, processos comunicacionais e regras discursivas que permitam aos demais campos identificar, reconhecer e interagir com este numa troca permanente que se dá no interior da esfera pública de uma sociedade.

A noção de campos pode ser evocada quando identificamos, na sociedade, as construções que encerram determinadas formas de pensar

e de agir, em que os sujeitos que atuam no mesmo se reconhecem e constroem valores que ora se complementam e ora se tensionam. Podemos ter como exemplo os campos educacional, da saúde, científico, militar, político, jurídico, midiático, entre vários outros, cujas relações de troca, interação e competição formam, dão *status* e sentido a esfera pública das sociedades em que se inserem.

Surge, assim, aquilo que Bourdieu conceitua como capital social, que trata de “um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão vinculados a um grupo, por sua vez constituído por um conjunto de agentes que não só são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por relações permanentes e úteis”.

Recordamos aqui que conforme o mesmo autor o capital social de um sujeito - ou campo - se dá e se constrói por e a partir da extensão da sua rede de relações, de sua capacidade de ver, ser visto, e mobilizar os demais campos em torno de suas ações e identidades. Como o próprio Bourdieu (2000, p.56) dispõe em outra passagem:

*As estratégias discursivas dos diferentes atores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objectividade, dependerão das relações de forças simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nesta situação particular de luta simbólica pelo veredicto.*

Assim, capital social e capital econômico não estão totalmente afastados ou separados, mas da mesma forma não estão umbilicalmente conectados, estabelecendo uma relação direta e afetação mútua.

A inserção do indivíduo em um campo, portanto, representa, em muitos aspectos, um benefício para os sujeitos. O campo possibilita o reconhecimento e alimenta as construções simbólicas que poderão sustentar as construções originadas dentro daquele campo. Ou seja, na medida em que o campo se estabelece e o indivíduo está estabelecido neste, é imbuído de status, mobilidade, alcance e relacionamento, estabelece um ponto de construção, de apoio ao sujeito.

Ou seja, o campo se beneficia da filiação por ter um agente de

mobilização de sua identidade e de suas estratégias, tendo assim um ponto de validação e construção de sua capital social. O sujeito, por sua vez, é sustentado, referendado, validado pelo campo, por compartilhar com outros os elementos identitários e processuais inerentes ao campo.

Indispensável citar a importância da linguagem, da comunicação como elemento de construção do campo social e de seu capital. Para Bourdieu (2000) as relações de poder são estruturadas pelas comunicações, que asseguram o reconhecimento e a validação do papel de um ator ou campo no conjunto da sociedade.

Logo o poder está diretamente associado à capacidade de manipulação de estratégias discursivas e comunicacionais inerentes a um processo social ou histórico, sendo as disputas de poder relações de competição simbólica que conferem a determinado ator ou campo maior ou menor força frente às demandas e questões do tecido social.

*O reconhecimento do poder simbólico só se dá na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU. 2000, p. 15)*

Podemos observar, identificar vários campos em atuação na contemporaneidade, que atuam, negociam e interagem dentro do campo promovendo os fazeres e processos de e para a sociedade, como por exemplo o campo político, que palavras de Bourdieu (2000, p. 164):

*(...) o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se encontram envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de 'consumidores', devem escolher, como probabilidades.*

Neste processo de conflito e busca de capital simbólico e, conseqüentemente, poder, o apoio e adesão da sociedade às suas lutas,

bandeiras e ideologias vão permitir a um ator ou integrante ampliar sua esfera de influência e poder sobre o campo como um todo.

Temos, então, que um campo é um microcosmo, que circula, que habita e se faz ser no macrocosmo social. Cada campo possui regras e desafios específicos, irredutíveis às regras do jogo ou aos desafios de outros campos, que assim se diferenciam e podem se relacionar entre si.

Ora, um campo é assim um sistema estruturado de posições, de lutas entre os diferentes sujeitos que ocupam as diversas posições frente a apropriação de um capital do campo, distribuído de forma (naturalmente) desigual entre seus integrantes, que apesar disso mantêm uma “cumplicidade objetiva” por e para seus interesses sociais. A cada campo corresponde um *habitus*, um sistema de disposições incorporadas próprio do campo, que faz com que apenas quem tiver incorporado o *habitus* próprio do campo tem condições de participar. Bourdieu (1980) quando menciona o *habitus* está recorrendo ao que pertence a uma cultura assumida, que se estabelece nas práticas cotidianas.

Para Bourdieu, a noção de campo substitui a de sociedade, pois, para ele, uma sociedade diferenciada não se encontra plenamente integrada por funções sistêmicas, mas, ao contrário, é constituída por um conjunto de microcosmos sociais dotados de autonomia relativa, com lógicas e possibilidades próprias, específicas, com interesses e disputas irredutíveis ao funcionamento de outros campos.

Logo, compartilhar de uma bandeira, de uma luta, de um objetivo e de um conjunto de elementos discursivos forma e legitima um campo social em relação ao ambiente em que se insere. É possível, assim, identificar que existe a formação de um campo que pertence não somente à agricultura ou ao agricultor, mas à agroecologia, à agricultura orgânica que permite a edificação de um produtor orgânico, constituído a partir dos fazeres e dos discursos que são arrolados no entorno deste mesmo campo.

Sob tais temáticas se desenvolvem os processos e procedimentos que dão corpo a este universo de ações e de percepções

- construções simbólicas - que conferem sentido ao fazer parte, pertencer, e criam unidade, aproximando os agentes, construindo e reconstruindo os valores que permeiam e garantem que as ações sejam coerentes com que se espera daquele campo.

### **1.4.2 As trajetórias, os projetos e os campos de possibilidade**

Adentrar as individualidades supõe não apenas considerar o sujeito, mas também a imprescindível relação do mesmo com o espaço/tempo com o qual o se relaciona (VELHO, 1994). É por esta razão que se torna tão desafiador reconhecer, dentro do universo de ações dos indivíduos, o que é seu e o que pertence à sua inscrição social, à sua identidade no grupo (MONTAGNE, 2007).

É reconhecível o fato de os sujeitos estarem dramaticamente imbricados em suas tramas sociais mas, considerando as sociedades complexas, são cada vez mais presentes as oportunidades e a necessidade de sua atuação a partir de escolhas suas, que não necessariamente são compartilhadas com seus grupos de referência.

*A proeminência da subjetividade individual e a exacerbação do individualismo convivem, nas sociedades modernas, com um esboroamento de padrões fixos ou regularmente estáveis de comportamento. Estamos condenados a uma insustentável leveza do ser, a uma miríade de valores contraditórios, a realidades movediças e ambientes temporários. (MONTAGNE, 2007, p. 242)*

O esfacelamento das estruturas que conferiam determinada segurança à atuação do indivíduo na sociedade vem conduzindo o mesmo, querendo ou não, a buscar referências em instâncias outras, como o trabalho, o consumo e o entretenimento (BAUDRILLARD, 2008). Enquanto, a partir das sociedades tradicionais, se desenvolviam entendimentos que pressupunham o poder das estruturas atuando sobre e junto às pessoas, o que se identifica no momento atual são os

indivíduos articulando por si sós as suas escolhas e possibilidades (BECK, 2010). Em "A sociedade de Risco" Beck propõe que as possibilidades de escolhas ofertadas são infinitas, mas se constituem em risco uma vez que não são amparadas por estruturas que suportam os indivíduos.

As temáticas elencadas que dão conta das estruturas da vida cotidiana, no fazer dos percursos individuais, podem ser, em um primeiro olhar, estranhas considerando o objeto de estudo desta Tese. O estudo dos sujeitos que habitam as zonas rurais e que da terra tiram o seu sustento, a partir do alimento orgânico, pode parecer mais poroso a entendimentos que dão conta das coletividades, de arranjos sociais tradicionais e de uma propensão ao holismo. E estas conjunções realmente se fizeram aparentes ao longo da Tese. No entanto, descortinou-se também um indivíduo que pondera a condição de sua existência a partir de construções individuais, que negocia todo o tempo com as condições que o sistema lhe impõe e que é lúcido sobre a sua condição de agente das transformações desejadas e necessárias na sua trajetória. Por estas questões Velho (1994), que se dedicou a estudar as sociedades complexas, assume aqui o importante papel de permitir o reconhecimento destes sujeitos que não estão limitados totalmente por seus contextos, mas que tensionam com os mesmos e que manejam as forças disponíveis de acordo com ponderações que estabelecem a todo o tempo, no seu campo de possibilidades. Para VELHO (1994, p. 28):

*"Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do modo simbólico da cultura."*

As possibilidades que se abrem para entender os modos de ser, de viver, e de se relacionar com o outro, a partir da perspectiva do campo de possibilidades, foram essenciais para adentrar as realidades estudadas e, a partir de tais conceitos, ampliar a compreensão sobre as realidades observadas.

Assim como Goffman (1985) e Berger e Luckmann (1985), também em Velho (1994, p. 26) é presente o reconhecimento da

diversidade de si aparente no cotidiano dos indivíduos:

*"Os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, e que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear".*

Diversos outros autores foram evocados para auxiliar a compreensão do campo, em especial, aqueles que se debruçaram a entender recortes semelhantes aos interesses da pesquisa. Tais teóricos fazem parte das discussões que se desenvolvem ao longo da Tese, sendo acionados de acordo com as temáticas evidenciadas nas investigações.

### **1.4.3. O ambiente de falas e de observação**

Amparada pelas orientações das Ciências Sociais e dos vários autores (MAGNANI, 2002; BRANDÃO, 1999; CAPORAL, 2009; SCHNEIDER, 2003; CARNEIRO, 2013, entre outros) que já se debruçaram sobre as mesmas temáticas – ou próximas – das que aqui me detenho, foi-se constituindo o ambiente de entendimento dos atores que são centrais a essa pesquisa – os produtores orgânicos.

O olhar primeiro, ou imediato, sobre um determinado objeto, é quase sempre simplório pois convivemos cotidianamente com a necessidade de classificar os fenômenos dentro daquilo que nos é familiar. A proposição, no entanto, de adentrar com interesse e, ao mesmo tempo, abandonando nossos próprios pré-conceitos, desvela um infinito horizonte de possibilidades sobre aquilo que se toma.

É a partir deste aproximar-se interessado, porém, ciente de seu desconhecimento sobre as construções simbólicas que estava próxima a adentrar, que passei, nesta pesquisa, à busca de tomar emprestados os conceitos do outro para que trouxessem subsídios que me proporcionassem descortinar o que estaria na base formadora de suas manifestações.

Ao adentrar este *campo de possibilidades* (VELHO, 1994)<sup>7</sup> que é o cotidiano do produtor orgânico deparei-me com um universo de agentes, estruturas regulamentadoras, influências e tensões que se dão no micro e no macro universo de suas interações<sup>8</sup>. Tais reconhecimentos foram possíveis porque, em primeiro lugar, tive acesso e acolhimento necessário para a investigação que aqui me proponho. Mas também porque viabilizou-se, a partir do meu envolvimento direto com o campo, conquistar o espaço necessário para conversar, questionar, tensionar, coletar percepções, obter respostas e, principalmente, observar.

O ambiente primeiro de observação sobre os produtores orgânicos se deu na Feira Orgânica Rômulo Telles – instalada aos sábados pela manhã, na praça André Forster, no Bairro Petrópolis, em Porto Alegre – RS. A Feira existe desde outubro de 2016, sempre no mesmo espaço, mas absorvendo várias transformações em sua formação e estrutura.

---

<sup>7</sup> Campo de possibilidades é um conceito desenvolvido por Gilberto Velho, em seu livro *Projeto e Metamorfose*, de 1994. A partir de observações participantes o autor defendeu, com base na fenomenologia de Shutz, que mesmo pertencendo a uma cultura que os envolve (holismo) o indivíduo está em constante desenvolvimento e seus projetos de vida (individualismo). Tais projetos oportunizam os *campos de possibilidade* que se dispõem aos mesmos, convocando-os a criarem estratégias dialógicas entre o conhecido e o desconhecido, ou mesmo entre as alternativas que apresentavam contextos diversos.

<sup>8</sup> Como micro universo de interações estou considerando os seus grupos mais próximos, como família e amigos chegados; no que se refere ao macro ambiente levo em consideração as interações realizadas fora deste circuito pessoal que vai desde as relações comerciais estabelecidas nos mais diversos contextos até as interações com outros sujeitos e instituições que não são habituais e pertencentes ao cotidiano.

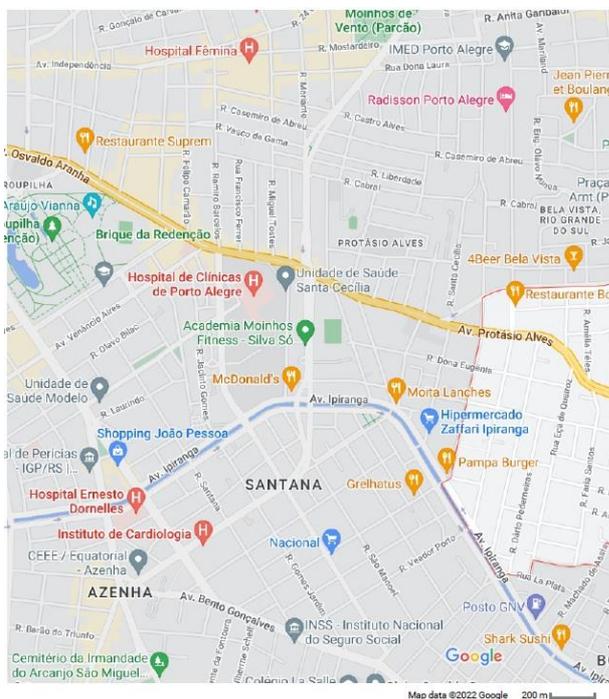
Figura 1- a Feira Orgânica Rômulo Telles.



Fonte: a própria autora.

Abaixo apresento o mapa do Bairro Petrópolis e a sinalização de onde ocorre a Feira Orgânica.

Figura 2 - mapa do bairro Petrópolis



Fonte: captura da tela em maps.google.com Acesso em 03/2022.

De acordo com a PROCempa - Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o Bairro Petrópolis "Possui 38.155 habitantes, representando

2,71% da população do município. Com área de 3,39 km<sup>2</sup>, representa 0,71% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 11.255,16 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 0,31% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 10,70 salários mínimos”.<sup>9</sup>

O Bairro Petrópolis, em Porto Alegre, é um espaço rico de histórias do antes e do agora. Aqui se misturam a antiga e a nova cidade. Aos pés de um dos bairros mais nobres da cidade, Bela Vista, se debruçam edifícios simples, assim como novos projetos arquitetônicos que publicizam modernidade e comunidade. Petrópolis tem identidade reconhecível, um passeio entre o caos urbano e o recolhimento das ruas arborizadas com amoreiras e pitangueiras, onde se encontra um dos mais tradicionais restaurantes/churrascaria da cidade, o Barranco, e onde também é possível encontrar o mais antigo baurú da cidade, o Baurú do Edu.

Várias praças enfeitam o bairro e uma delas, a praça Andre Forster, é onde se constituiu, no ano de 2016, a Feira Orgânica Rômulo Telles. A instalação da Feira neste Bairro se deu por iniciativa da comunidade local. Àquela época eu ainda não frequentava a Feira. As informações deste histórico foram obtidas a partir das entrevistas com representantes da comunidade local e junto aos produtores que auxiliaram a construção deste resgate cronológico. É importante que se traga esta narrativa porque, assim, é possível situar as mudanças que se constituíram neste ambiente em paralelo com as próprias transformações destes agentes, os produtores orgânicos, junto à comunidade.

Minha inserção neste ambiente de pesquisa e, conseqüentemente, no tema de interesse, foi desperto quando passei a frequentar a Feira e a reconhecer naqueles agentes, os produtores

---

<sup>9</sup> Bairro Petrópolis - Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre e IBGE- Censo 2010. Disponível em: <http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regioes=32,0,0#:~:text=Possui%2038.155%20habitantes%2C%20representando%202,de%2010%2C70%20sal%C3%A1rios%20m%C3%ADnimos>. Acesso em: 10/fev/22

orgânicos, manifestações que suscitavam em mim diversos questionamentos sobre quem eram, de fato, aquelas pessoas no cotidiano de suas vidas pessoais: em sua dimensão familiar, ou junto a suas comunidades, nos seus fazeres diários do plantar, colher e negociar do produto orgânico.

A Feira Orgânica foi, portanto, o espaço primeiro e fértil para o despertar e para as investigações iniciais sobre o que aqui se apresenta. A proximidade com o grupo foi se dando lenta e gradativamente. Primeiro fui apresentada à uma das integrantes da Comissão da Feira<sup>10</sup>, representando a comunidade. Fui recebida com extrema cordialidade e simpatia por esta representante que, de imediato, ao saber da minha formação na Graduação em Comunicação, me convidou a fazer parte do projeto de divulgação da Feira Orgânica Rômulo Telles. Segundo ela, a Feira deveria ter mais presença nas redes sociais (mais especificamente nos veículos Facebook e no Instagram) a fim de tornar conhecido o evento dos sábados, mas também para que fossem disseminados os conceitos em torno do produto orgânico.

Havia muito interesse por parte de alguns produtores que a “cultura do orgânico”<sup>11</sup>, como muitos mencionavam, fosse comunicada. Saliento aqui o “alguns” porque percebia-se, já de imediato, que ali, naquele espaço de mercantilização, mas também de socialização, estavam sendo negociados produtos a partir do que Woortmann (2018)<sup>12</sup> considera como valores morais – e não somente oferta e venda de produtos. Mas era também notório que alguns produtores se imbuem mais que outros dos múltiplos sentidos agenciados em torno do orgânico, o que podemos entender como diferentes percepções e conceituações sobre o produto/projeto de vida que ali estava a se descortinar.

---

<sup>10</sup> A fim de preservar as identidades não serão citados os nomes dos respondentes pertencentes à comissão da Feira.

<sup>11</sup> Sobre a “cultura do orgânico” a partir da percepção do produtor será tratado com mais profundidade no capítulo três desta Tese.

<sup>12</sup> Klaas Woortmann, em “Com parente não se neguecia: campesinato como ordem moral” (2018), aborda o fazer da agricultura e o ser agricultor a partir dos valores subjetivos que estão presentes na formação e na atuação destes indivíduos. O autor não se debruçou sobre um grupo específico, mas buscou analisar o campesinato como uma categoria, buscando entender suas dimensões e aspectos simbólicos presentes.

Entendi, então, que fazer parte do grupo de comunicação da Feira era uma importante oportunidade para adentrar tais espaços e me aproximar dos agentes que o compunham. De pronto, portanto, assumi a publicação nas redes sociais Facebook e Instagram.

A fim de proporcionar ao leitor melhor entendimento sobre as dinâmicas deste espaço de observação (considerando a minha perspectiva/interesses de pesquisa) defino o que considero os principais grupos articuladores/participantes da Feira: os “produtores”, os “representantes da comunidade”, envolvidos diretamente com a constituição e manutenção da Feira; e os “consumidores” ou clientes.

Quando me juntei aos representantes da comunidade já havia se estabelecido um grupo que se reunia todas as segundas-feiras à noite em uma sala comercial cedida por uma das representantes da comunidade. A reunião iniciava-se às 19h e conversávamos até 21h, aproximadamente. Era um ambiente descontraído, em que falávamos sobre as mais diversas pautas que permeavam a organização da Feira: sobre os processos regulamentadores (sempre havia um ou outro impasse com os órgãos certificadores, ou com a Prefeitura, que eram trazidos naquela oportunidade); sobre as dificuldades de estrutura física da Feira (um dos problemas recorrentes era a ausência de banheiros para os Produtores); sobre os problemas com os produtores que “faltavam” sem dar justificativas relevantes (adiante, neste estudo, serão abordados os regulamentos da Feira, contemplando os direitos e deveres do produtor); sobre as práticas, bons procedimentos e problemas enfrentados em outras feiras presentes na capital; e, claro, sobre como poderíamos melhorar, a partir da comunicação, o fluxo de compradores aos sábados.

Àquela época, em maio de 2018, a Feira já estava consolidando seu segundo ano e entendíamos, no grupo de representantes da comunidade, que era necessário avançar para que outras pessoas conhecessem e, também, para abrir a possibilidade de agregar novos produtores, com variedades diferentes das que já eram ofertadas. Desejo destacar, junto a esta explanação, o meu estranhamento em relação a

estas pautas, trazidas para a reunião da comunidade (oportunidade esta que, destaco, não participavam os produtores), visto que, aparentemente, sobre elas, não teríamos ingerência.

Esta temática, apesar de não ser central à minha pesquisa, torna-se relevante pois estas inquietações viabilizam outras descobertas relacionadas às negociações dentro deste ambiente: a constituição de forças erigidas a partir dos tensionamentos sobre posse de informações e influências; a formação das lideranças dentro do ambiente da Feira (unindo produtores e comunidade); e as construções de *discursos* que delineiam o *campo* e a ação de todos e de cada um.

A questão do *campo*, a que me refiro, e que está disposta em Bourdieu (1996), é de que a produção orgânica, que tem como uma de suas etapas a comercialização nas feiras orgânicas, constitui um espaço de atuação dos indivíduos produtores orgânicos, a partir de suas práticas e de seus discursos.

Nestas ocasiões de discussão junto aos representantes da comunidade eu apresentava uma proposta de cronograma de postagens nas redes sociais. Não tínhamos verba para impulsionamento das publicações (investimento em mídia paga) e todos nós, ali presentes, estávamos envolvidos em um projeto de voluntariado. Do grupo, apenas uma pessoa exercia formalmente um papel dentro da Comissão da Feira, que era o de Representante da Comunidade (de acordo com o Estatuto das Feiras Orgânicas é necessário pelo menos um representante). Também a sua função não era remunerada.

Apresentei ao grupo, em determinado momento, o projeto "Caras da Feira". Tratava-se de uma proposta em que eu retrataria o produtor a partir de uma entrevista realizada com o mesmo. O objetivo seria conhecer mais este indivíduo, em sua vida fora da Feira, sobre sua origem, sua família, sempre pautando a conversa sobre a agricultura orgânica. À época eu já entendia a importância de que os clientes da Feira pudessem ter mais proximidade com a vida cotidiana e as histórias de vida de cada um, pautada pela lógica do *storytelling*, que é um recurso utilizado na construção das marcas, a partir da perspectiva da

publicidade. O grupo aprovou a proposta e passei então a entrevistar os produtores, um representante por banca, em uma conversa por semana.

Tais conversas foram realizadas no horário da Feira, nos sábados pela manhã. Normalmente eu e o produtor nos sentávamos na grama da Praça e eu sempre iniciava explicando que a intenção do projeto era construir mais proximidade entre os consumidores e os produtores.

As entrevistas foram gravadas e o conteúdo – já resumido – era postado na semana seguinte na rede social Facebook<sup>13</sup>, da Feira. Estas investigações foram muito relevantes para a pesquisa que se apresenta, em primeiro lugar, porque me aproximaram dos produtores, abrindo possibilidades de estabelecer mais diálogos com os mesmos. Em segundo lugar porque, nestas conversas, identifiquei pessoas que poderiam contribuir, de forma mais efetiva, para minhas investigações.

Paralelamente a este projeto iniciamos, no grupo da comunidade, uma ação que aconteceria, também, na Feira, aos sábados. Identificamos que havia muitos produtos que os consumidores ainda não conheciam, como era o caso, por exemplo, da batata yacon e de outras espécies, especialmente, aquelas denominadas PANCS. De acordo com Tuler (et al, 2019, s.p.), PANCS são

*"plantas alimentícias não convencionais (PANC) são as plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, sendo elas espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas que não estão incluídas em nosso cardápio cotidiano" (2019, s.p.)*

Percebemos, então, a oportunidade de auxiliar as Bancas que trabalhavam com tais produtos, enquanto também contribuiríamos para a disseminação de um conhecimento mais específico sobre o mercado dos orgânicos. Foi então que surgiu a "Banca de Degustação" que tinha como proposta ser um espaço que permitisse aos consumidores provarem os produtos que não conheciam e que experimentassem novas receitas.

---

<sup>13</sup> Facebook da Feira Orgânica Rômulo Teles: <https://www.facebook.com/feiraorganicaromulotelles>

A Banca de Degustação era, então, organizada pelos representantes da comunidade junto aos produtores. A cada sábado um produtor, definido a partir de um cronograma compartilhado e acordado previamente, era responsável por promover os seus produtos e novas receitas. Nós, da comunidade, ajudávamos no atendimento aos consumidores, promovendo a ação de degustação, organizando a banca e também fazíamos algumas receitas com os produtos disponíveis.

*Figura 3 - Confraria União d'Elas participando da Banca de degustação*



Fonte: a própria autora.

Essa ação sempre trazia retornos muito positivos para as vendas. Além disso, os consumidores manifestavam com muita frequência sua satisfação e gratidão pelas oportunidades de experimentar novos produtos e receitas.

Conforme se aprimorava nossa experiência em relação às dinâmicas da Banca de Degustação – e a partir do que eu percebi como uma desmotivação dos produtores em atuar nas degustações – começamos a assumir integralmente, sem a participação do produtor. Neste contexto, outros grupos se somaram, como por exemplo a Confraria União D'Elas, do Grêmio Náutico União; e a Casa Guandu, um restaurante orgânico, cliente da Feira. Foram muitas ações e, a cada sábado, novas propostas de experimentações gastronômicas se

desenvolviam. É importante destacar aqui a presença constante da nutricionista Marília, que passou a ser parte muito importante no que tange à credibilidade da Feira. Como uma profissional conceituada em sua área, Marília usava a sua imagem no Facebook e Instagram da Feira para orientar, esclarecer e endossar determinado alimento e práticas saudáveis. As degustações eram, de modo geral, sempre acompanhadas por essa profissional.

Em datas comemorativas como a Páscoa, a Festa de São João, o Dia das Crianças, o aniversário da Feira e o Natal sempre nos organizávamos, dentro do grupo da comunidade para fazer algo especial durante a Feira. Além da degustação, em muitas ocasiões, decoramos as bancas com as respectivas temáticas, fazíamos sorteio de cestas orgânicas e outras ações que tinham sempre a intenção de criar um ambiente de intimidade entre os produtores e os consumidores.

*Figura 4 - evento junto à Feira.*



Fonte: a própria autora.

Apesar de todos os produtores estarem cientes do meu interesse de pesquisa em função da realização da Tese, foi nas oportunidades que envolviam as entrevistas com os agricultores, as degustações, a divulgação junto a cada banca para inserção nas redes sociais da Feira, que foi se constituindo a minha inserção no campo. Os

produtores se sentiam contemplados quando a sua Banca era destaque nas divulgações e, aos poucos, fui me tornando mais relevante junto ao grupo, o que facilitou os contatos e as observações.

#### **1.4.4 A escolha dos respondentes**

Nesta jornada de observação e coleta de informações algumas pessoas/famílias produtoras se consolidaram como mais relevantes para os meus objetivos de pesquisa. A escolha dos respondentes se delineou, portanto, nas interações realizadas junto à Feira Orgânica Rômulo Teles e tais pessoas. Logo, os critérios para a escolha dos informantes próximos, aqueles com os quais se teve mais inserção, tanto na Feira quanto nas suas realidades cotidianas, seguiu, as seguintes premissas:

##### 1. Produtores de alimentos orgânicos:

- produtores de alimentos orgânicos, atuantes na Feira Orgânica Rômulo Telles;

- Dentro deste universo, foram selecionados aqueles indivíduos/famílias cujos argumentos sobre a produção orgânica estivessem evidenciados e se traduzissem, de forma perceptível, em suas práticas comerciais junto à Feira;

- Produtores que demonstrassem interesse em fazer parte da pesquisa, uma vez que nem todos pareceram perceber valor na investigação que estava sendo realizada ou mesmo ficavam tímidos e recuavam diante da possibilidade de participação.

##### 2. Representantes de diferentes grupos ideológicos (pertencentes à esquerda ou direita política)

- Entre os principais observados/entrevistados tive o interesse de abordar uma dualidade que era bastante evidente na própria Feira: o agricultor vinculado ao MST e os demais. Portanto, na pesquisa, foram

realizadas Observações Participantes com os seguintes indivíduos/famílias:

- Três respondentes/famílias, da cooperativa COOTAP, vinculadas ao MST, sendo uma família do Assentamento Nova Santa Rita II e uma família do assentamento de São Jerônimo;

- Uma família da cidade de Nova Bassano, não pertencente ao MST, da Serra Gaúcha.

3. Não Produtor, mas trabalhador envolvido com a agricultura e produção orgânica;

4. Participante do grupo de Representantes da Comunidade

A tabela a seguir apresenta os respondentes, os ambientes e o tempo de observação/entrevistas:

*Tabela 1 - respondentes e cronologia das interações.*

CRONOLOGIA, MÉTODOS E FERRAMENTAS	SUJEITO REFERÊNCIA	TEMPO DE DURAÇÃO
Início da investigação: apresentação aos representantes da comunidade na Feira Orgânica Rômulo Teles	Carmen	Maio de 2018 a dezembro de 2021
Observação Participante - Trabalho voluntário como social média na Feira Orgânica Rômulo Telles	Todos os produtores e Carmem como representante da comunidade.	De maio de 2018 a julho de 2020
Entrevistas realizadas na Feira Orgânica Rômulo Teles	Julio	Sábados, durante a feira
	Helena	Sábados, durante a feira
	Marilia	Sábados, durante a feira

	Tereza	Sábados, durante a feira
	Seu Ernesto	Sábados, durante a feira
	Vanessa	Sábados, durante a feira
	Carmen	3 horas - no escritório da entrevistada
	Carmen	2 horas - na minha casa
	Pedro	Sábados, durante a feira
	Tiago	Sábados, durante a feira
	Fábio	Sábados, durante a feira
	Luiza	Sábados, durante a feira
Visita na propriedade	Luiz	1 dia
	julio	1 dia
	Helena	1 dia
	Cecilia	1 dia
Inserção no campo - Observação Participante	Inserção no campo I - Aniversário Tereza	3 dias
	Inserção no campo II - Hospedagem na	5 dias

	residência de Tereza	
	Inserção no campo III - Hospedagem na residência de Pedro e Vanessa	2 dias
Participação em eventos	Festa do Arroz	1 dia
	Aniversário do Tiago - 2019	1 dia
	Aniversário do Tiago - 2020	1 dia

Fonte: desenvolvido pela autora.

## 1.5 Justificativa da pesquisa

Em 2020 o IBGE divulgou, a partir de pesquisas realizadas junto à população, que o Brasil é o nono país mais desigual do mundo<sup>14</sup>. A desigualdade no Brasil significa o quanto a distribuição de renda está concentrada nas classes mais altas, enquanto a vasta maioria das pessoas está vivenciando uma condição de miséria. Este índice, que em nada qualifica o país, carrega consigo outra realidade ainda mais assustadora: uma importante parcela da população está passando fome.

De acordo com a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar Nutricional, de 2021, em pesquisa realizada durante o período da pandemia de COVID 19, "Do total de 211,7 milhões de brasileiros(as), 116,8 milhões conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em

<sup>14</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao>. Acesso em 31/agosto/21

quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentavam a fome<sup>15</sup>.”

A pesquisa apresenta índices bastante preocupantes no que diz respeito ao atendimento das necessidades básicas de alimentação dos brasileiros. Tais registros são antagônicos quando comparados aos dados de exportação do agronegócio. De acordo com a FAO, mesmo no ano de 2020, no auge da Pandemia, o Brasil obteve recorde histórico no que diz respeito aos resultados do agronegócio, em especial às exportações, sendo considerado, atualmente, o segundo maior país exportador de alimentos<sup>16</sup>. Esta é uma contradição que se evidencia nas discussões políticas e no quadro econômico brasileira, se caracterizando como um dos principais desafios no enfrentamento da desigualdade no país.

O agronegócio e, em especial, a agricultura, são importantes frentes no que diz respeito à relevância do país no cenário econômico mundial. No entanto, não se tem conseguido fazer frente aos problemas mais emergenciais dos índices de pobreza e, conseqüentemente, nas questões relativas ao acesso ao alimento pelas populações pobres e em situação de miséria.

O cenário exposto dialoga, em muitos sentidos, com a produção em pequena escala, pelo produtor rural da agricultura familiar. Fazendo parte deste mesmo segmento da produção de alimentos (agricultura, ou agronegócio), o pequeno agricultor, no entanto, atua em outras frentes, que não a de exportação e não a de larga escala e, portanto, seus enfrentamentos são outros. O tema que aqui se aborda está contido no panorama de produção agrícola Nacional, mas é notório que se desenvolve sob lógicas outras que vão desde a produção até as variações simbólicas construídas no pensar e no fazer cotidianos.

O alimento orgânico e, em especial o alimento orgânico como resultado da agroecologia, está imbuído de significações outras que

---

<sup>15</sup> Disponível em: [http://olheparaafome.com.br/VIGISAN\\_Inseguranca\\_alimentar.pdf](http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf). Acesso em 31/agosto/21

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/28/potencia-agricola-brasil-convive-com-fome-senadores-tentam-reverter-quadro>. Acesso em 31/agosto/21

acessam tanto aspectos empíricos, como processos de produção sustentável, quanto morais e éticos. A agricultura orgânica, portanto, vai de encontro à agricultura convencional, pois esta, pertence aos grandes produtores, ao mercado, enquanto que a primeira carrega sentidos mais amplos, como o valor do trabalho local, o alimento “limpo”, ou seja, sem agrotóxico, o equilíbrio entre homem e natureza, e outras questões que têm sido evocadas pela temática sustentável. O plantar orgânico significa resistir a um sistema dominante e, por isso, suscita outras lógicas e ideologias.

O produtor orgânico é, ainda hoje, em sua grande maioria, alicerçado na lógica das manualidades. Esta premissa, constatada em campo, se reflete nas formas de produção e de comercialização: a produção é realizada com pouca ou nenhuma utilização de maquinários agrícolas; as vendas são realizadas em proximidade com o local de produção; o mesmo sujeito que planta é aquele que comercializa; a colheita e o consumo deve acontecer de forma quase simultânea sob pena de perder-se o alimento colhido porque não existe condição adequada para o armazenamento e, conseqüentemente, conservação. Já a produção de arroz orgânico se afasta da lógica das hortaliças por algumas questões: não é tão perecível, podendo ser armazenado e é, portanto, afeito às exportações.

Tomando, portanto, a perspectiva de uma produção em pequena escala, realizada em sua maioria por pequenos produtores, que plantam para consumo próximo ao seu ambiente de origem (vendedor local), e, por outro lado, entendendo a necessidade das populações em situação de vulnerabilidade, pode-se considerar que o estudo que se apresenta, abordando as construções, razões, práticas e o cotidiano, enfim, do homem do campo, agricultor orgânico, familiar, encontra intersecções relevantes entre estas duas temáticas.

Entender o protagonista da agricultura orgânica no Brasil a partir do seu trabalho, de sua atuação cotidiana na agricultura, das suas articulações junto aos processos de certificação para que seja possível comercializar nas Feiras orgânicas, das relações que estabelece junto a

seus pares, de sua atuação e organização familiar, considerando as dificuldades que enfrenta para consolidar seus intentos é adentrar as esferas de uma seara de possibilidades para os problemas da realidade social da fome no Brasil.

A aproximação da produção orgânica de pequena escala junto às populações que estão em situação de dificuldade alimentar já é uma realidade em algumas iniciativas e projetos. Os governos municipais, estaduais e federais já contam com programas que absorvem a produção orgânica na merenda escolar e junto a outras Instituições de apoio às comunidades carentes, como asilos e refeitórios mantidos pelo Estado.

O MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento vem realizando no Rio Grande do Sul a ampliação da absorção da produção orgânica para a merenda, aumentando a inclusão destes produtos em todas as etapas da Educação Básica, nas escolas Estaduais. Isso significa, na prática, que o produtor orgânico vem angariando mais possibilidades de comercialização da sua produção e, conseqüentemente, o conhecimento e a relevância deste produto, vão assumindo um caráter mais democrático, considerando que até então ainda é um produto mais caro (ou “considerado” mais caro, em alguns casos).

A desigualdade, a miséria e a fome ainda são dramas sociais em um Brasil que se supera em contradições. A outra face desta realidade é o aumento de pessoas que desejam ter uma alimentação mais saudável e que, por isso, têm aderido aos produtos orgânicos. Para Lucion (2020) o indivíduo constrói, a partir do alimento, determinada distinção que o destaca, a partir daquilo que come, perante os demais indivíduos. Para a autora, que estudou a produção de bananas orgânicas no Brasil, a aderência a determinados produtos carrega consigo representações simbólicas que se estabelecem como qualificantes, transformando o alimento – uma banana, neste caso – em uma outra categoria a partir de ressignificações que se dão no trajeto do alimento do campo até a oferta ao consumidor.

A perspectiva da autora vem ao encontro do que se percebe nas ações e nos discursos tanto dos produtores quanto dos consumidores orgânicos. Para os produtores a articulação dos argumentos sobre o que é o produto orgânico e o que o diferencia dos demais é uma condição de extrema importância para que ele constitua relevância no seu meio de atuação. Já para os compradores, muitos ainda formando opinião e buscando o orgânico a partir de influências diversas – meios de comunicação, pessoas aderentes, recomendação dos profissionais da saúde, como nutricionistas – este alimento, a partir destas camadas simbólicas associadas, pode estar servindo como uma categoria de *distinção social*.

A atuação no mundo que nos acolhe nestes dias vem exigindo muitas adaptações em si e no que diz respeito ao convívio social. As demandas vêm de muitas causas: a degradação crescente do meio ambiente, a desigualdade social, as doenças que vem atingindo as espécies animais, incluindo o ser humano, o aquecimento global, a destinação do excedente (lixo) produzido pelo homem, entre tantas outras. Tais reconhecimentos geram pressões que movimentam os assuntos, por um lado, e que, por outro, cobram das organizações e dos indivíduos mudanças efetivas.

Além de sermos convocados pelos movimentos sociais, pelas redes sociais, pelos discursos governamentais a pensar de forma mais consciente sobre nossas atitudes e comportamentos, nos é conferido, também, o papel de agentes de mudança. A nossa capacidade de *agência*, ou, de acordo com Ortner (2007), a possibilidade de agirmos sobre as questões que nos chegam, nunca esteve tão solicitada. De acordo com Ortner os indivíduos pós-modernos se erigem a partir de suas próprias *agências*, ou de suas condições de interferir nos cenários que os cercam. Para a autora, no entanto, esta capacidade, que poderia conferir certo grau de empoderamento, é tensionada pelas diversas forças que atuam sobre estes sujeitos. E, nos cenários explicitados, o que podemos perceber é que, como indivíduos, temos formas próprias de agir, apreendidas ou não dos contextos que nos cercam, mas tais

comportamentos estão sendo revistos em função de uma conjunção de ameaças que advém de um macro ambiente. Ou seja, estamos mudando, mas também estamos sendo pressionados para estas mudanças.

Ao encontro destes novos apelos – consciência ecológica, sustentabilidade, consumo consciente – nascem novas possibilidades, em termos de comportamento, em relação à consciência sobre nossos atos e, em especial, no que diz respeito ao quanto e ao que consumimos. O produto orgânico emerge neste cenário de novas construções simbólicas e objetivas apresentando, tanto nos seus processos produtivos quanto nos produtos ofertados, um “bem” que converge, em muitos aspectos, com as características necessárias para que se processem mudanças que possam trazer sobrevida à natureza e, nela, ao homem.

Se a ECO 92 foi o início, para o Brasil, de um despertar para as questões que ameaçam o planeta, a sobrevivência das espécies e a busca da sustentabilidade, atualmente, estas questões permeiam os mais diversos meios de comunicação, as escolas, universidades, as discussões políticas e a cada indivíduo. Certamente, em um país tão desigual, tais temáticas acessam e são acessadas de forma e intensidade diferentes pelos sujeitos, o que significa que ainda não se encontram consolidadas em termos de informações e percepções sobre as mesmas. Da mesma forma pode-se considerar o consumo e o entendimento sobre o que são os benefícios do produto orgânico – para produtores e consumidores.

As informações até aqui explicitadas buscaram apresentar alguns fatores que vêm construindo possibilidades de se reinventar e repensar a maneira de inserção e atuação no mundo. O plantar e o colher orgânico não se findam neste início e fim, mas são alicerçados sobre um sem fim de argumentos e projetos que se alinham às pautas sobre este novo mundo necessário e, acredita-se, possível.

Sendo, portanto, o agricultor orgânico o protagonista do fazer agrícola orgânico, do estabelecer objetivos que se relacionam a esta escolha, do seguir à risca as metodologias e as práticas de uma agricultura mais limpa é adequado e essencial reconhecer este sujeito,

buscando entendimentos do que é explícito e o do que habita suas subjetividades.

Ao adentrar os ambientes de atuação do produtor orgânico, apreendendo suas concepções, está-se estabelecendo conexões e intersecções entre as ciências aqui arroladas, a sociologia e a antropologia; algumas das principais vicissitudes do mundo contemporâneo, como a degradação da natureza e as suas consequências; e o saber do que mobiliza, valora e constitui os interesses destes sujeitos.

A pesquisa, portanto, se edifica na conjunção de vários saberes, e de um, em especial, que é ao mesmo tempo simples e o mais complexo que é a aproximação dos sujeitos rurais, atuantes no campo, dedicados a um fazer árduo, penoso, arriscado, mas do qual não abre mão: a ideologia orgânica.

### **1.5.1 O olhar de fora – a pesquisadora**

No terreno grande, quase chácara, plantávamos de tudo. Minha mãe sempre falou da importância da horta para termos abundância em casa, além de alimentos frescos.

Quando fomos morar em Mostardas, cidade do interior do Rio Grande do Sul, lá pela década de 1980, as únicas culturas que se viam eram a de arroz e de cebola. Terra arenosa que, segundo os locais, não produzia hortaliças e frutíferas. Mas minha mãe não estava convencida disso.

Perdida entre a Lagoa dos Patos e o mar, esquecida pela civilização, nem mesmo o asfalto chegava por aquelas bandas, conhecida apenas pelo acesso restrito que foi chamado adequadamente de “estrada do inferno” Mostardas, que foi colonizada por portugueses, não oferecia muitos recursos, estrutura ou mesmo conhecimento que pudesse ser

acessado para que preenchêssemos os longos dias ora muito frios, ora muito ventosos daquela região meridional do Brasil.

Mas me recordo de encontrarmos aquele lote, muito sujo e abandonado, e ali iniciarmos um árduo trabalho de plantio, construção daquela que seria a nossa morada e, com muito otimismo, arriscar-se em culturas agrícolas não exploradas naquela região.

Na época, em especial por aquelas bandas, o cultivo orgânico não estava em pauta. No plantio do arroz e da cebola já era uma prática assimilada a inserção de defensivos agrícolas. E não se aventava hipóteses sobre outras possibilidades.

Eu então com doze anos de idade, não concebia a dimensão de questões tão contundentes e que se explanavam a minha volta. Ajudava minha família a limpar a horta, virar a terra, fazer as cercas de taquara, arrancar os inços, plantar, colher e, a melhor parte, degustar todas aquelas maravilhas oriundas do nosso trabalho. Ia também para a escola e lá viajava pelo mundo do conhecimento como quem deseja imergir no mundo a partir dos livros. O estudo sempre foi minha grande paixão.

Tanto minha mãe como meu padrasto não eram pessoas "letradas". Não estudaram e também não saíram muito de suas cercanias. Viveram a vida pacata de pessoas que plantam e colhem, que se envolvem somente o necessário com a comunidade, porque em cidade pequena as confusões entre vizinhos proliferam. Mas alguns posicionamentos eram contraditórios em ambos se comparados com a comunidade em que estávamos inseridos. Um exemplo disso era o discurso do alimento sem veneno. Eu cresci ouvindo esse mantra: "tudo o que brota da nossa horta é saudável porque não usamos veneno".

Confirmando o que minha mãe acreditava, o terreno arenoso e, segundo comentavam, carregado de salitre em função da proximidade com o mar, era generoso nas suas entregas. Todas as sementes e mudas dos mais variados cultivos nasciam e frutificavam com viço. Tomate, alface, batatas, aipim, cenoura, vagem, uva, laranjas, bergamotas, butiá, araçá, goiaba, limão, temperos os mais variados, jabuticaba e, claro, um jardim cuidado com o maior zelo e com as mais lindas flores.

Passados alguns anos os vizinhos começaram a notar o quanto o trabalho do casal vinha alterando aquele pedaço de chão. E a casa virou quase que um ponto de coleta de mudas para a comunidade que se abastecia diariamente ali.

Eu não sabia, naquela época, o quanto as frutas e verduras da nossa horta tinham mais sabor. Nunca comprávamos produtos de fruteira, então não havia comparativos. Talvez também porque meus interesses habitavam outras esferas.

Sai de casa muito cedo para trabalhar e tão logo foi possível me mudei para a cidade grande. Nos finais de semana que visitava minha mãe voltava sempre com o porta-malas do carro lotado de todas as “comidas saudáveis” produzidas pelos dois.

Durante muito tempo acreditei que desse contexto inicial de vida restaram apenas lembranças saudosas de comer muito tomate com limão e sal debaixo do sol escaldante do verão (coisa que nunca me fez passar mal, apesar dos avisos da minha mãe) e das noites mais estreladas que eu já presenciei. Mas aos poucos, no tempo que a vida vive para cada um, fui me recordando de outras histórias e de outros saberes que foram voltando aos poucos, lenta, porém continuamente.

A alimentação foi sempre central no meu reconhecimento como indivíduo, assim como pertencente a uma teia social. É como se o alimento e o conhecer sobre e a sua manipulação estivessem intrinsecamente ligados à construção da minha própria identidade, tanto para minha família, quanto amigos e pessoas a quem eu desejo que estejam próximas. A minha história está imbricada com a busca de sabores, aromas e lugares que manejam o alimento para significar a vida.

Tenho acompanhado com interesse as análises e efeitos das transformações sociais emergentes. São convites ao novo que nos chegam a cada dia nas formas mais variadas. Mudanças de toda a sorte sobre as quais ora nos sentimos contemplados e ora somos meros contempladores. E, de forma muito natural, se deu minha inserção em

um desses campos de tensionamento entre uma prática instituída e a possibilidade de uma nova perspectiva.

Ao iniciar o trabalho como voluntária da comunidade, atuando na comunicação da Feira, vi despertar meu interesse pelo alimento orgânico, pela agricultura, pelo plantio e pela colheita. A cada sábado, nas atividades desenvolvidas pelo grupo em apoio aos feirantes, eram estimulados em mim novos questionamentos sobre a condição de trabalho, de socialização, de vida, enfim, dos integrantes desse campo.

E assim se inicia e se desenvolve esta investigação que se deu entre a Feira, as casas, as hortas e os espaços de confraternização.

Neste primeiro capítulo apresento alguns dos autores principais que dialogaram com os reconhecimentos do campo e que tornaram possíveis alguns esclarecimentos sobre as complexidades encontradas.

## **2 AGRONEGÓCIO, AGROECOLOGIA, AGRICULTURA ORGÂNICA**

Para que seja possível imergir nas realidades cotidianas dos produtores orgânicos - nosso principal interesse - é imprescindível fazê-lo a partir de alguns entendimentos que antecedem até mesmo a reflexão sobre as escolhas (ou imposições) que amparam os sujeitos em suas trajetórias de vida.

Assim, este capítulo apresenta alguns dos principais movimentos e disputas mercadológicas e sociais que emergem no cenário local (e de certa forma internacional) diretamente relacionados aos resultados das práticas da agricultura convencional e da agricultura orgânica.

A primeira parte refere-se às tensões que atuam sobre a sociedade em relação à subsistência do planeta. Tais entendimentos serão desenvolvidos a partir da correlação de tais temas com a produção agrícola e seus desafios, arrolando os principais movimentos que marcaram a agricultura desde o século XX até o contexto atual. A conformação deste cenário se faz possível a partir, principalmente, da distinção entre a agricultura convencional e a agricultura orgânica e a relação de ambas com a sustentabilidade (BOFF, 2016).

A segunda abordagem apresenta os percursos formais da agricultura orgânica no Brasil e como estes aportes legais contribuíram para a atual configuração da produção e do mercado orgânico.

É, portanto, com o objetivo de apresentar uma visão holística sobre a produção orgânica no Brasil, que se arrola tais contextos e construções cronológicas.

### **2.1 O que fizemos com o planeta? um mundo em reconstrução compulsória**

O assunto é pauta nos principais veículos midiáticos, está nos discursos dos influenciadores, de *personas* públicas e nos diálogos entre indivíduos comuns que, em maior ou menor intensidade, são pressionados a entender e a discutir a temática: a sustentabilidade do planeta que habitamos.

A convocação à responsabilidade do ser humano em relação ao planeta é relativamente recente, ao menos no que diz respeito ao consenso popular. Começamos, enquanto sociedade, a dedicar atenção a esta questão, no Brasil, já no adiantado do século XX.

*Embora já se constate, na história do pensamento brasileiro, preocupações de caráter preservacionista, (PÁDUA, 1987) não há, em período anterior à década de 70, manifestações de cunho ecológico que coloquem em questão o padrão industrial de desenvolvimento, a relação sociedade-ambiente, ou mesmo os instrumentos que intermediam essa relação., mais especificamente a partir da década de 70. (BRANDENBURG, 2005, P. 51).*

O tema, no entanto, já fazia parte de discussões em esferas especializadas e, principalmente, em determinados países que perceberam mudanças contundentes no meio ambiente em razão da ação humana.

É comum, atualmente, acessarmos conteúdos que abordam os termos desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, mas é igualmente abundante a carência de entendimentos definitivos e acessíveis que apresentem a distinção sobre estes temas. O desenvolvimento sustentável teve seu primeiro conceito formal publicado no Relatório Brundtland (cuja primeira versão foi apresentada a partir do documento “Nosso Futuro Comum”), passando a ser, assim, assumido pela ONU:

*Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança no qual a exploração de recursos, o direcionamento de investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais estão todas em harmonia e aumentam o potencial atual e futuro para atender às necessidades e*

Percebe-se, assim, o desenvolvimento como um processo que “satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.”<sup>18</sup>

Já as definições sobre sustentabilidade são erigidas a partir de diferentes perspectivas, que, de modo geral, concentram sua orientação sobre a atuação da humanidade no planeta com o objetivo de identificar formas de viabilizar a continuação da vida na terra.

A sustentabilidade, como uma temática social, está diretamente associada à ecologia, ou à preservação do meio ambiente e suas espécies. Ao aprofundarmo-nos no assunto, entretanto, é possível reconhecer a amplitude de tal questão, que envolve todos os movimentos e processos desenvolvidos pelo homem junto aos recursos naturais e de encontro aos mesmos.

De acordo com Boff (2011, p. 116):

*Sustentabilidade é toda a ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade da vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.*

Assumo, portanto, a sustentabilidade a partir da orientação de Boff por estar alinhada com a sua concepção de que o ser humano precisa desenvolver a condição de atuar no planeta de forma sinérgica e harmônica, estando consciente das repercussões de suas escolhas e ações. A atuação do indivíduo deve ser considerada e ampliada, reverberando nas demais esferas coletivas, responsabilizando e transformando os mercados e todas as demais associações presentes na sociedade.

---

<sup>17</sup> Conceito disponível em: <https://www.ecycle.com.br/desenvolvimento-sustentavel/> Acesso em 19/setembro/2021.

<sup>18</sup> Disponível em: [ecobrasil.eco.br/site\\_content/30-categoria-conceitos/1003-nosso-futuro-comum-relatorio-brundtland](http://ecobrasil.eco.br/site_content/30-categoria-conceitos/1003-nosso-futuro-comum-relatorio-brundtland). Acesso em 19 de setembro/2021

É notório que as questões relativas à sustentabilidade e ao desenvolvimento sustentável fazem parte de movimentos e iniciativas nos mais diversos campos de conhecimento e de atuação. O século XX, em especial, deflagrou o processo de conscientização que vem explorando e esclarecendo as condições ambientais e os riscos de uma atuação imprudente sobre os recursos da terra. Tais entendimentos promoveram movimentos que agregaram pessoas físicas e jurídicas, iniciativas públicas e privadas. Deste período em diante se consolidaram conhecimentos, novas práticas, proposições e, principalmente, se erigiu, em muitas instâncias, a consciência sobre pautas e assuntos que não faziam parte do repertório nosso de cada dia:

*Só criaremos sustentabilidade nesta frente geofísica se assumirmos seriamente o princípio do cuidado e da precaução e desenvolvermos realmente um sentimento de mútua pertença e de responsabilidade universal. Dito na linguagem da moderna cosmologia: estas atitudes representam a curvatura do espaço no nível humano. A curvatura do cuidado faz com que o universo e a Terra se inclinem para dentro de si mesmos e confirmam coesão e sustentabilidade a si mesmos e a todos os seres que se encontram sempre interconectados. Nossas atividades industrialistas estão desestruturando este processo." (BOFF, 2011,p. 23)*

É neste cenário e com tais preocupações que se estabeleceram alguns dos principais desafios que a humanidade enfrenta atualmente: conciliar a vida, o mercado, e os recursos naturais disponíveis. Os sujeitos dos primeiros manifestos ecológicos dos anos de 1960, 1970 e até a chegada dos anos 2000, foram surpreendidos pela convocação à sua ação sobre algo ainda disforme, em que não havia papéis sociais definidos e tampouco certezas sobre qual o nível presente de risco global. As notícias davam conta apenas de que havia uma mudança necessária e que esta afetaria a todos.

Apesar de não ser possível reconhecer a sustentabilidade a partir de um único tema (pela própria complexidade imbricada em sua essência) entendo como necessário definir um recorte a fim de dar conta dos interesses do presente estudo. Portanto, para efetivação dos

objetivos estabelecidos nesta tese, recorro à sustentabilidade em relação, principalmente, às questões ambientais, pois com esta perspectiva é possível estabelecer os diálogos necessários junto aos sujeitos analisados.

Para entender o momento atual é necessário evocar os principais fatos e movimentos recentes que impactaram a relação homem/natureza. Em meados do século XXI, entre as décadas de 1950 e 1970 iniciou-se o processo denominado “Revolução verde”<sup>19</sup>, estabelecido no México e estendido para os Estados Unidos, que consistia em utilizar recursos tecnológicos para otimizar a produção em escala global. A Revolução Verde se apoiava, especialmente, em quatro vertentes: no desenvolvimento de sementes geneticamente modificadas a fim de que se adaptassem a qualquer condição climática, solo, e outras adversidades; no uso ampliado de maquinários que substituiriam o trabalho manual aumentando, assim, a efetividade dos processos; o uso intensivo de agrotóxicos, fertilizantes, defensivos agrícolas que pudessem melhorar a produtividade; e o aperfeiçoamento dos processos de irrigação.

Essas iniciativas, quando percebidas a partir de uma escala global, como se propunha a ser, assumem uma perspectiva positiva sobre os processos porque consideram que, havendo mais alimentos, estão garantidos os direitos de acesso à alimentação para todas as pessoas do globo. No entanto, tais procedimentos carregaram pontos frágeis que foram diretamente proporcionais à implantação dos sistemas assumidos pela Revolução Verde. De acordo com ANDRADE e LOCATEL, “(...) o processo denominado de Revolução Verde desvalorizou os saberes que havia no campo, tentou destruí-los, ao desqualificá-los como se fossem mera magia ou superstição.” (2019, p. 212), e isso porque tratou de aplicar processos em escala, desmantelando os sistemas de policultura em favor das grandes propriedades voltadas para a monocultura, trocando a mão de obra do agricultor pelo trabalho das

---

<sup>19</sup> Sobre a Revolução verde: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-revolucao-verde.htm>, acesso em 16 de agosto de 2021

máquinas e aplicando defensivos em grande quantidade para a eliminação de pragas sem, no entanto, considerar as consequências para as pessoas e para a natureza.

A partir das mudanças promovidas pela Revolução Verde o pequeno agricultor foi pressionado a sair de suas pequenas propriedades, dando lugar aos grandes campos verdejantes de soja, milho, trigo, arroz, e outras monoculturas. Já sem trabalho (com os maquinários o trabalho manual já não era mais necessário) e não tendo condições de competir em preço e produtividade com a agricultura em escala, o pequeno agricultor não identifica a possibilidade de fazer frente às novas tecnologias que se apresentam.

Na contramão da Revolução Verde alguns acontecimentos deram corpo a debates outros que incitavam críticas às formas de exploração da terra e de seus recursos. O livro Primavera Silenciosa, escrito pela ambientalista norte-americana Raquel Carson, em 1962, representou um marco no que tange a essas discussões, pontuando as repercussões negativas da utilização dos produtos químicos, entre outras questões, nos processos de produção dos alimentos.

A obra de Carson (2010) acena para a degradação de um meio ambiente subjugado à utilização de produtos (principalmente defensivos agrícolas) que promoveriam o desequilíbrio ambiental. A obra, publicada no auge da Revolução Verde, foi o alerta necessário para que pesquisadores e ecologistas de todo o mundo atentassem para as repercussões dos processos e das práticas adotadas nas monoculturas oriundas da revolução verde.

Considerando especificamente o cenário rural brasileiro analisado por Brandenburg (2005) é possível reconhecer que a chamada modernização agrícola se direcionava para a maximização dos resultados da agricultura, sem considerar, entretanto, suas consequências. Tanto na agricultura quanto na pecuária foram investidos pesados recursos, inclusive subsidiados pelo Estado, para o aumento dos resultados da produção rural.

Também as pesquisas acadêmicas na área do agronegócio

objetivavam atingir melhores níveis de produção. E, neste caso, vale mencionar as proposições do teórico alemão Justus von Liebig (1803 – 1873), que defenderam que a otimização dos resultados da agricultura seria tanto maior quanto mais substâncias químicas fossem incorporadas ao solo. O trabalho do químico Liebig teve grande influência sobre a implementação das novas práticas agrícolas.

A agricultura que passa a se adotar em larga escala se desenvolve, portanto, a partir do amplo uso de fertilizantes químicos, agrotóxicos, da seleção de espécies melhoradas e da irrigação. E este modelo passou a ser considerado como agricultura convencional, ou seja, não orgânica. (KAMIYAMA, 2011).

Por mais que os objetivos estabelecidos fossem destinados ao atendimento das necessidades primárias da população, houve repercussões indesejadas para muitos agentes que atuavam neste segmento. Considerando o contexto Brasil, inúmeros foram os agricultores que ficaram à margem das estratégias propostas e aplicadas pelo Estado.

Os pequenos agricultores, originários da agricultura familiar sofreram os reveses deste movimento, sendo excluídos deste mercado que priorizava as grandes plantações, com foco na monocultura, que exigiam investimentos mais altos (que apesar de subsidiados também contavam com recursos dos próprios agricultores) que, portanto, não eram acessíveis a estas famílias de baixa renda (BRANDENBURG, 2005).

Na contracorrente da agricultura convencional, no entanto, a partir da década de 1970, na Europa introduziram-se os primeiros produtos orgânicos. Àquela época já se percebia no mercado um interesse por novos produtos, que chegassem ao consumidor trazendo um alimento mais natural, que não passasse por tantos processos e utilização de químicos para a sua fertilização.

Em 1972 o movimento em favor de produtos orgânicos recebeu o primeiro e mais importante órgão de regulação e fomento, a *IFOAM – International Federation of the Organic Agriculture*. A IFOAM atua até hoje como uma das mais importantes organizações não governamentais

em exercício internacional junto ao produto orgânico. Atualmente se estabelece em mais de 120 países, inclusive no Brasil<sup>20</sup>. Neste mesmo ano dois importantes acontecimentos contribuíram para a sedimentação do tema entre os mais diversos agentes: o relatório do Clube de Roma<sup>21</sup> e a Conferência de Estocolmo. Adiante, em 1988, o Relatório Brundtland<sup>22</sup> marcou de forma, também, significativa tal trajetória.

Um importante evento marcou, no ano de 1992, o início de uma discussão que se tornou mundial e que vem atingindo países, empresas e indivíduos: a sustentabilidade. Articulado pela Organização das Nações Unidas – ONU, foi o Rio de Janeiro que abrigou o Foro Global de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais – a ECO 92. Este foi um dos mais importantes eventos a impulsionar o tensionamento das pautas que se inseriram junto às principais lideranças mundiais, de governos a empresas e sociedade em geral. Foi da ECO 92 que emergiu a “Agenda 21”<sup>23</sup> Dos 179 países participantes do evento, 92 assinaram a Agenda 21 Global que tem como articuladores o “desenvolvimento sustentável”, termo que se erige a partir da definição dos pilares de sustentação da Agenda 21: proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

A década de 1990 foi realmente importante no que diz respeito ao despertar para muitas das questões que são, até os dias de hoje, atuais nas pautas sociais.

---

<sup>20</sup> Matéria consultada no site <https://flourishnegocios.com.br/o-presente-e-o-futuro-dos-alimentos-organicos-no-brasil/> acesso em 15 de agosto de 2021.

<sup>21</sup> O clube de Roma nasceu em 1968, na Itália, a partir da iniciativa de alguns gestores influentes, como o italiano Aurelio Peccei (FIAT) para discutirem sobre o meio ambiente. Assumidos alguns compromissos entre os participantes, foi em 1972 que o Clube de Roma conseguiu realmente mobilizar atenção para a causa quando realizou um levantamento junto ao Massachusetts Institute Technology – MIT – sobre o desenvolvimento sustentável, destacando que os recursos do planeta são findáveis e, por isso, a necessidade de agir para estancar as ações danosas sobre o mesmo. Fonte:

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/o-clube-de-roma-1972/20122>. Acesso: 25/agosto/21.

<sup>22</sup> O Relatório Brundtland – nome da Primeira Ministra da Noruega à época(1983) – foi o compilado dos dez anos da Conferência de Estocolmo. No documento avaliou-se as condições do meio ambiente, bem como apontou-se para práticas necessárias com a finalidade de estancar os danos planeta. A partir do relatório se chegou à noção de desenvolvimento sustentável. Disponível em:

[http://www.ecobrasil.eco.br/site\\_content/30-categoria-conceitos/1003-nosso-futuro-comum-relatorio-brundtland](http://www.ecobrasil.eco.br/site_content/30-categoria-conceitos/1003-nosso-futuro-comum-relatorio-brundtland). Acesso em 15 de agosto de 2021.

<sup>23</sup> Ministério do Meio Ambiente, sobre a ECO 92: <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global.html>. Consulta em 15 de agosto de 2021..

Faz-se necessário destacar que a agroecologia se difere de produto orgânico. A agroecologia contém o produto orgânico, mas nem todo orgânico tem origem em um processo agroecológico. De acordo com CAPORAL E COSTABEBER (2009, p. 250).

*"Ainda que possa parecer demasiado filosófico, nunca é demais enfatizar que a Agroecologia tem como um de seus princípios a questão da ética, tanto no sentido estrito, de uma nova relação com o outro, isto é, entre os seres humanos, como no sentido mais amplo da intervenção humana no meio ambiente. Ou seja, como nossa ação ou omissão podem afetar positiva e/ou negativamente a outras pessoas, aos animais ou à natureza"* (2009, P. 250)

Para os autores a agroecologia parte do princípio da sustentabilidade, ou seja, a preservação do meio ambiente e a busca de um modelo autossustentável, deve orientar as decisões tecnológicas. É preciso levar em conta:

*- Manejo adequado das matas existentes, proteção à fauna e reflorestamento. - Proteção de vertentes, arroios e rios (preservação da mata ciliar). - Proteção permanente do solo - cobertura todo o ano com plantas melhoradoras ou culturas comerciais, práticas conservacionistas, plantio direto ou cultivo mínimo. - Eliminação do uso de venenos agrícolas, ou substituição por produtos menos tóxicos ou biológicos na fase de transição. - Restituição permanente da fertilidade do solo - adubação verde e adubação orgânica (buscar a substituição de adubos químicos e eliminação dos produtos de alta solubilidade e potencialmente tóxicos). Reciclagem de nutrientes, inclusive com aproveitamento de lixo, fixação biológica de nitrogênio. - Diversificação de culturas e busca do equilíbrio quanto a necessária diversidade de espécies. (CAPORAL E COSTABEBER, 2009, P.186*

Na perspectiva dos autores a produção em larga escala, que estabeleceu a agricultura como passamos a assumir a partir do agronegócio é falha, em especial, porque desconsidera as experiências, vivências e o conhecimento adquirido pelos agricultores em toda a sua trajetória e relação com a natureza. O homem do campo foi negligenciado em seus saberes empíricos e as vivências que ele já possuía poderiam ter se somado às novas tecnologias a fim de criar, realmente, um projeto em que o homem e a natureza pudessem

consolidar suas existências de forma mais harmônica. No próximo item será apresentado o percurso legal da agricultura orgânica no Brasil.

## **2.2 Percursos da certificação de produtos orgânicos no Brasil**

O século passado contemplou grandes transformações na agricultura denominada convencional. Mas, como contracultura, surgiu uma série de iniciativas em busca de formas de produção natural, em especial na Europa (França, Alemanha, Áustria, Japão, entre outros). De acordo com Alves, Santos e Azevedo (2012) estes movimentos foram articulados de forma independente entre si, o que caracteriza um cenário bastante diverso do que encontramos atualmente.

No Brasil é possível identificar os primeiros movimentos nessa direção na década de 70 e eram manifestos a partir de pequenas comunidades e famílias que já buscavam formas alternativas àquela agricultura estimulada a partir da Revolução Verde. Esses pioneiros já possuíam uma consciência crítica em relação ao sistema subsidiado pelo Estado e desejavam estabelecer uma relação menos agressiva com a natureza, de forma que a atuação do homem, a partir da agricultura e/ou de outras formas de manejo, não explorassem os recursos até a sua finitude.

Nos ambientes acadêmicos em sintonia com discussões produzidas por organizações internacionais já se estabeleciam os questionamentos sobre as repercussões dos processos convencionais sobre o meio ambiente e em relação ao homem do campo que precisava se ajustar a tais sistemas.

Na pauta das discussões destacavam-se, a partir da década de 80, a questão da sustentabilidade - em seu largo espectro de abrangência - mas também a dificuldade do homem do campo, o pequeno agricultor, ou agricultor familiar, que foi conduzido à

marginalidade do processo da agricultura de larga escala uma vez que não tinha recursos e/ou a intenção de atuar a partir do manejo convencional.

O que se presenciou, então, nesta época foi o início de um movimento em busca de regulações para a produção orgânica. Em 1994 se estabeleceu o Comitê Nacional de Produtos Orgânicos, com a finalidade de reconhecer os processos e buscar as normatizações junto ao governo Federal. Deste Comitê derivaram as CPOrg, Comissão de Produção Orgânica, que visavam promover a integração entre os agentes componentes do processo. As CPOrgs são formadas por representantes tanto da sociedade civil, quanto de empresas privadas, públicas e ONGs. Atualmente cada Estado mantém a sua CPOrg e no Rio Grande do Sul esta Comissão é representada por 24 entidades<sup>24</sup>.

Ainda em 1994 o Ministério da Agricultura (MA) foi acionado pelas CPOrgs a fim de constituir a legislação que orientaria a produção orgânica. Este movimento resultou, inicialmente, na Portaria MA nº 178 de agosto de 1994 que criou a Comissão Especial para propor normas de certificação de produtos orgânicos<sup>25</sup>. Assim, em 1999, surgiu a Instrução Normativa (IN) nº 7 de 17/05/1999 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA.

*Em seu texto, a IN no 7 traz as normas de produção orgânica e o conceito de sistema orgânico de produção agropecuária e industrial como sendo todo aquele em que se adotam tecnologias que otimizem o uso de recursos naturais e socioeconômicos, respeitando a integridade cultural e tendo por objetivo a auto sustentação no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energias não renováveis e a eliminação do emprego de agrotóxicos e outros insumos artificiais tóxicos, organismos geneticamente modificados – (OGM)/transgênicos, ou radiações ionizantes em qualquer fase do processo de produção, armazenamento e de consumo, e entre os mesmos, privilegiando a preservação da saúde ambiental e humana, assegurando a transparência em todos os estágios da produção e da transformação (Alves, Santos & Azevedo, 2012, p. 22)*

---

<sup>24</sup> A relação de entidades pertencentes, atualmente, à CPOrg no RS consta como anexo desta pesquisa.

<sup>25</sup> Agricultura orgânica no Brasil: sua trajetória para a certificação compulsória. Disponível em: [https://orgprints.org/id/eprint/22814/1/Alves\\_Agricultura%20org%C3%A2nica.pdf](https://orgprints.org/id/eprint/22814/1/Alves_Agricultura%20org%C3%A2nica.pdf). Acesso em 16 de agosto de 2021.

O movimento em busca do reconhecimento da produção orgânica no Brasil foi, desde sempre, um processo participativo. Sendo o Brasil um país de grande extensão territorial abrange diferentes formas de cultivo e, por consequência, a representatividade de cada região se fez necessária. Quando, em 2002, foi proposta a IN 006, que definia os critérios de credenciamento da produção, os grupos nacionais manifestaram sua insatisfação alegando justamente este caráter diversificado do extenso Brasil agrícola, defendendo a necessidade de que tais verificadores contemplassem as regionalidades. A partir das discussões, mas não sem tensionamentos, foi se estabelecendo o cenário legal que promoveu a condição necessária para que a agricultura orgânica se construísse de forma diversificada, porém, amparada pelo reconhecimento legal.

A IN 07/1999 foi estabelecida, portanto, adequando os processos de certificação às realidades regionais. A partir deste movimento outras regulações sucederam, culminado na lei 10.831, de 2003, que considera os pressupostos da agricultura orgânica (mas não somente isso), estabelecendo que os produtos orgânicos devem ser certificados a partir dos organismos credenciados e credibilizados para tal.

Tendo como diretriz a uniformidade dos processos e do reconhecimento do produto orgânico, o Decreto 6.323 estabeleceu o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica, identificado por um selo válido em todo o território nacional.

*Figura 5 - selo orgânico.*



Fonte: O Globo, 2022.<sup>26</sup>

Sobre este decreto é importante destacar o fato de que nem todos os produtos orgânicos precisam ser certificados para serem comercializados diretamente ao consumidor. As famílias que produzem orgânicos, mas não desejam certificar devem estar vinculadas a uma OCS - Organização de Controle Social, que tem como base a atuação através da responsabilidade solidária (os membros da OCS garantem o cumprimento das diretrizes estabelecidas para as práticas da AO (Alves, Santos & Azevedo, 2012).

A tabela abaixo apresenta as principais Instruções que constituíram as políticas para os produtos orgânicos e sua certificação.

*Tabela 2 - principais Instruções que constituíram as políticas para os produtos orgânicos e sua certificação.*

ANO	PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO	OBJETIVO
Agosto de 1994	Portaria MA nº 178	Criar uma Comissão Especial para propor normas de certificação de produtos orgânicos.
Setembro de 1994	Portaria MA nº 190	Comitê Nacional de Produtos Orgânicos
Abril de 1995	Portaria MA nº 192	Comissão Nacional de Produtos Orgânicos
Mai de 1999	IN nº 7 - MAPA	Normas disciplinadoras
Abril de 2001	Portaria MA nº 19,	Regimento Interno do Colegiado Nacional de Produtos Orgânicos – CNPOrg
2002	Alteração da IN nº 7 - MAPA	Contemplando as especificidades de cada região

<sup>26</sup> Obtido em <https://ogimg.infoglobo.com.br/in/13014410-a88-4a7/FT1086A/Selo-Organico.jpg> Acesso em 03/2022.

23 de dezembro de 2003	Lei 10.831 - MAPA	Conceituação/preceitos da agricultura orgânica
Julho de 2004	Alteração da IN nº 7 pela IN nº 16	Reavaliação dos papéis dos órgãos controladores
Dezembro de 2007	Decreto nº 6.323	Regulamentação da Lei 10.831 - sobre as relações de trabalho. Instituiu o Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica e o selo.
Dezembro de 2008	Alteração da IN nº 7 pela IN nº 64	Aprovação do regulamento técnico para Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal,
Mai de 2009	IN nº 17 - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério do Meio Ambiente	Aprovação das normas técnicas para a obtenção de produtos orgânicos a partir do extrativismo sustentável orgânico.
Mai de 2009	IN nº 18	Trata da logística e da manutenção do produto orgânico.
Mai de 2009	IN nº 19	Trata dos mecanismos de controle e informações sobre a produção orgânica
Julho de 2009	Decreto nº 6.913	Dispões sobre questões que envolvem pesquisa, experimentação, comunicação, entre outros da produção orgânica.
Novembro de 2009	IN nº 50	Selo único oficial

Fonte: desenvolvida pela autora com base em Alves, Santos e Azevedo, 2012.

De acordo com Brasil (2008) a legislação brasileira assegura a autenticidade da produção orgânica a partir de três diferentes possibilidades que são: "as certificações, os Sistemas Participativos de Garantia e o Controle Social para a Venda Direta sem Certificação. Os chamados SPG - Sistemas Participativos de Garantia, junto com a Certificação, compõem o Sistema Brasileiro de Avaliação da

Conformidade Orgânica – SisOrg. ”.(p. 7). De acordo com o MAPA é imperativo que este sistema tenha intersecção com outras formas de verificação a partir do Controle Social (pessoas credibilizadas para promoverem avaliação das práticas, fornecedores, entre outros) e da responsabilidade solidária (cada integrante da cadeia da agricultura orgânica assume responsabilidades junto aos demais pertencentes) que poderão assegurar a qualidade dos produtos orgânicos mesmo considerando as realidades sociais das diferentes regiões do país.

Em relação à responsabilidade solidária seria pertinente considerar que esta evidencia a questão da moralidade dos sujeitos rurais. De acordo com CAPORAL E COSTABEBER (2009), a necessidade de repensar as formas de produção e consumo suscitam o sentido moral, a ética dos sujeitos envolvidos uma vez que quando praticados interferem em questões que afetarão o outro, ou seja, no caso da sustentabilidade este outro é aquele que herdará um mundo ameaçado. Além disso, a moralidade referida é estabelecida a partir dos seus pares, ou seja, de outros agricultores que estão envolvidos com a produção orgânica e que passam a serem, também, aqueles que credibilizam os processos da agricultura orgânica.

Para os autores CAPORAL E COSTABEBER (2009) o consumo ou o lucro, seguindo a lógica capitalista, assume um caráter individual. No entanto, a agroecologia engloba outros sentidos que reconstruem os fundamentos mercadológicos transformando-os, a partir de perspectivas coletivas, em responsabilidade com o outro. Ao produzir (ou consumir), portanto, os sujeitos tomam consciência de que estão envolvidos em uma prática que os qualifica enquanto integrantes de um movimento que aciona não somente as necessidades e valores presentes, mas que se justifica a partir da consideração de um tempo-espaço futuros, em que as próximas gerações serão beneficiadas ou prejudicadas.

Seguindo, portanto, a lógica de Responsabilidade Solidária a formação do SPG se dá a partir de dois eixos: os Membros do Sistema e as OPAC - Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade.

Os Membros do Sistema podem ser pessoas físicas ou jurídicas

que atuam para garantir que os processos estejam de acordo com a definição do SPG. Já as OPACs são certificadoras, ou seja, “é a pessoa jurídica que assume a responsabilidade formal pelo conjunto de atividades desenvolvidas num SPG” (BRASIL, 2008).

O que reconhecemos é que o processo de certificação está, atualmente, instituído a partir de possibilidades que foram se articulando de acordo com as possibilidades locais, mas também subordinado a inúmeras questões legais que afetam diretamente a condição de muitos produtores obterem as certificações e as manterem nas mesmas.

Outras políticas públicas e iniciativas foram surgindo a fim de regulamentar, por um lado, e conferir garantias aos movimentos agroecológicos e outras lutas que foram se somando.

No quadro abaixo Moura (apud SAMBUICHI, 2017) apresenta alguns dos principais movimentos e iniciativas em favor da regularização da agroecologia e da produção orgânica:

Figura 6 - quadro de iniciativas com enfoque agroecológico

**Principais iniciativas com enfoque agroecológico e produção orgânica nas políticas públicas (1985-2002)**

Período	Iniciativas
1989-1992	A política municipal de abastecimento alimentar na Prefeitura de Porto Alegre-RS, que reunia ações de fortalecimento das feiras livres, incluindo-se a Feira da Coolmeia. Essa feira foi uma das primeiras e maiores feiras agroecológicas do Brasil. Promoveu-se também a manutenção de um centro de referência em agroecologia.
1992	Sistema Integrado de Produção Agroecológica (Fazendinha Agroecológica Km 47); trata-se de parceria entre a Embrapa Agrobiologia, a Pesagro e a UFRJ no município de Seropédica-RJ, no qual pesquisadores, estudantes, técnicos e produtores interagem para a construção do conhecimento (capacitação de produtores e técnicos, bem como elaboração de dissertações e teses).
1990	Projeto Piloto – PDA.
1994	Criação de comissão no Mapa para tratar da regulamentação da agricultura orgânica. Programa de Tecnologia e Desenvolvimento Rural Sustentável desenvolvido na região Sul, por entidades governamentais e não governamentais de ensino, pesquisa e extensão. Foi formado pelas seguintes entidades: Embrapa, UFRGS, Emater/RS, Fepagro/RS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Rede TA-Sul e o Programa de Cooperação em Agroecologia.
1995	Realização, em Porto Alegre-RS, da Conferência Tecnológica e Desenvolvimento Rural Sustentável. Essa conferência representa um marco na mudança de orientação e incorporação do debate agroecológico nas instituições de ensino, pesquisa e extensão rural na região Sul.
1997- 2000	Projeto Lumiar: proposta do Inra emergencial para descentralizar os serviços de prestação de assistência técnica aos assentados da reforma agrária.
1998	Rede Agroecologia Rio – Projeto com recursos da Finep e da Faperj (1998 e 1999), para o desenvolvimento da agricultura orgânica, em parceria com a Embrapa, a Emater-Rio, a Pesagro-Rio, a UFRJ, a Abio, a AS-PTA e a Agrinatura.
1999-2002	A Emater/RS definiu os princípios agroecológicos como política pública prioritária para a agricultura familiar.
1999	Publicação da IN nº 007/1999 do Mapa, fruto da discussão entre a sociedade civil e o Poder Executivo. Essa IN dispõe sobre as normas e os procedimentos para a produção, a tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e a certificação da qualidade para os produtos orgânicos de origem vegetal e animal no Brasil.
2000	GT, coordenado pela Embrapa Agrobiologia, para identificar demandas de pesquisa sobre agricultura orgânica no Brasil.
2002	Definição dos procedimentos para o credenciamento das certificadoras definidos pela IN nº 006/2002 do Mapa.

Fonte: Moura, 2017, p. 34

Buscando consolidar as trajetórias percorridas no reconhecimento da agroecologia e com vistas a facilitar este entendimento a partir da cronologia das ações, MOURA (2017) apresenta as principais Leis e Projetos que tramitaram, de 2003 a 2010, época em que a produção orgânica no país foi reconhecida internacionalmente, tendo reconhecidas algumas iniciativas que serviram de modelo para outros países, de acordo com a autora.

*Figura 7 marcos legais da agroecologia.*

Marco Legal	Descrição
Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003	Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências.
Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007	Regulamenta a Lei nº 10.831/2003.
Decreto nº 6.913, de 23 de julho de 2009	Estabelece os procedimentos para o registro dos produtos fitossanitários com uso aprovado para a agricultura orgânica.
Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003	O art. 19 cria o PAA.
Decreto nº 4.739, de 13 de junho de 2003	Transfere competências relativas à Ater do Mapa para o MDA.
Lei nº 1.346, de 15 de setembro de 2006	Estabelece a Losan, que instituiu o Sisan
Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009	Regulamenta a alimentação escolar, ampliando o acesso a todos os alunos matriculados na rede pública e destinando 30% do valor para a compra da produção da agricultura familiar.
Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010	Regulamenta a Pnater e institui o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (Pronater)
Decreto nº 7.215, de 15 de junho de 2010	Além de realizar mudanças nos procedimentos de contratação dos serviços de Ater, houve uma alteração importante: a substituição do termo "agroecologia" por formulação que orienta os serviços de Ater pela "adoção dos princípios da agricultura de base ecológica como enfoque preferencial para o desenvolvimento de sistemas de produção sustentável".
Lei nº 11.775/2008	Cria a PGPM-Bio, que garante um atendimento específico para os extrativistas.
Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009	Institui a Política Nacional sobre Mudança do Clima.
Decreto nº 6.476, de 5 de junho de 2009	Promulga o TIRFAA.
Decreto nº 7.390/2010	Institui o Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), entre outros. Estabelece formas e fontes de financiamento. Cria o Plano Setorial de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas para a Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura (Plano ABC).
Lei nº 12.512, de 14 de outubro de 2011	Institui o Programa de Apoio à Conservação Ambiental (Programa Bolsa Verde) e o Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais.
Decreto nº 7.572, de 8 de setembro de 2011	Regulamenta o Programa Bolsa Verde. Esse programa relaciona-se com duas iniciativas do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo).

Fonte: Moura, 2017, p. 34

De acordo com Araújo, Guimarães e Taboas (2017) salientam que a partir de iniciativa do governo federal e de organizações da sociedade civil, em 2012, foi instituída a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO. O seu objetivo era o de

*(...) integrar, articular, adequar e organizar políticas, programas e ações fomentadoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, no intuito de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável e a garantia da segurança alimentar brasileira. (Brasil, 2013).*

A partir da PNAPO estabeleceu-se o PLANAPO, que é o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, que visou organizar os dados sobre a agroecologia e produção orgânica. De fato, tais instrumentos, de acordo com Araújo, Guimarães e Taboas (2017) consolidou informações e a condição de reconhecer o cenário agroecológico que se estabelecia no país.

## **2.3 A agroecologia no contexto Brasil e RS**

As informações divulgadas a partir dos órgãos pertinentes dão conta de aumentos significativos no consumo de produtos orgânicos no Brasil. O censo agropecuário realizado pelo IBGE, identificou que entre 2006 e 2017 cresceu em mais de 1000% o número de estabelecimentos com oferta de produtos orgânicos. Este número soma um montante de 68.716 locais. Este número possivelmente já seja bastante mais significativo atualmente, considerando as várias tendências já apontadas por outros estudos, que sinalizam a crescente adesão aos orgânicos.

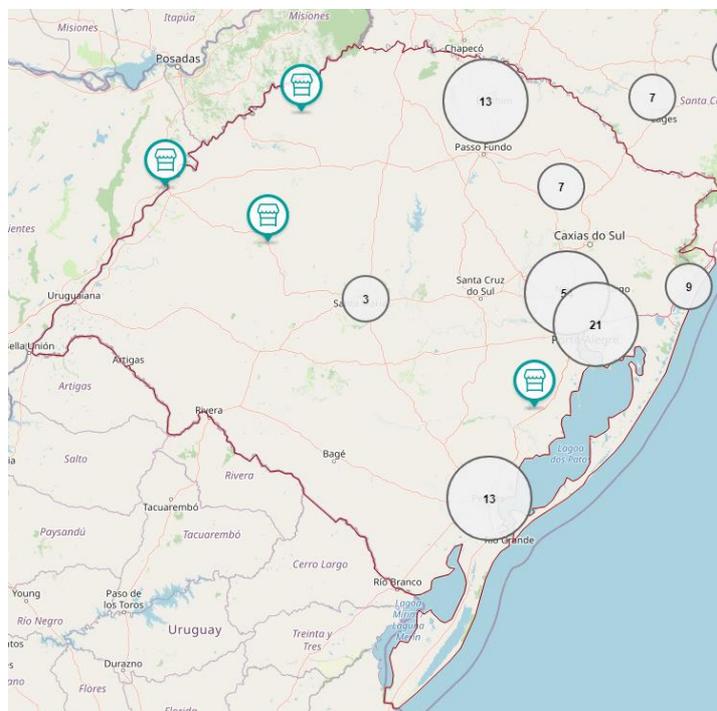
No mesmo censo, Minas Gerais congrega o maior número de produtores, seguido pelos Estados de Pernambuco, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. De acordo com Sambuichi (et al, 2017, p. 11) "A área de produção orgânica tem crescido no mundo. Ela foi estimada em 43,7 milhões de hectares no final de 2014 e aumentou para 50,9 milhões de hectares em 2015, contando com cerca de 2,4 milhões de produtores". E, conforme dados apresentados pelo MAPA, o número de produtores de orgânicos no Estado do RS cresceu 38,4% entre 2016 e 2017<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Dados disponibilizados no site do MAPA: <https://dados.gov.br/dataset/cadastro->

O mapa abaixo apresenta o número de Feiras Orgânicas no RS, que soma um total de 117 unidades em todo o estado.

Figura 8 - Feiras orgânicas no Rio Grande do Sul em 2022.



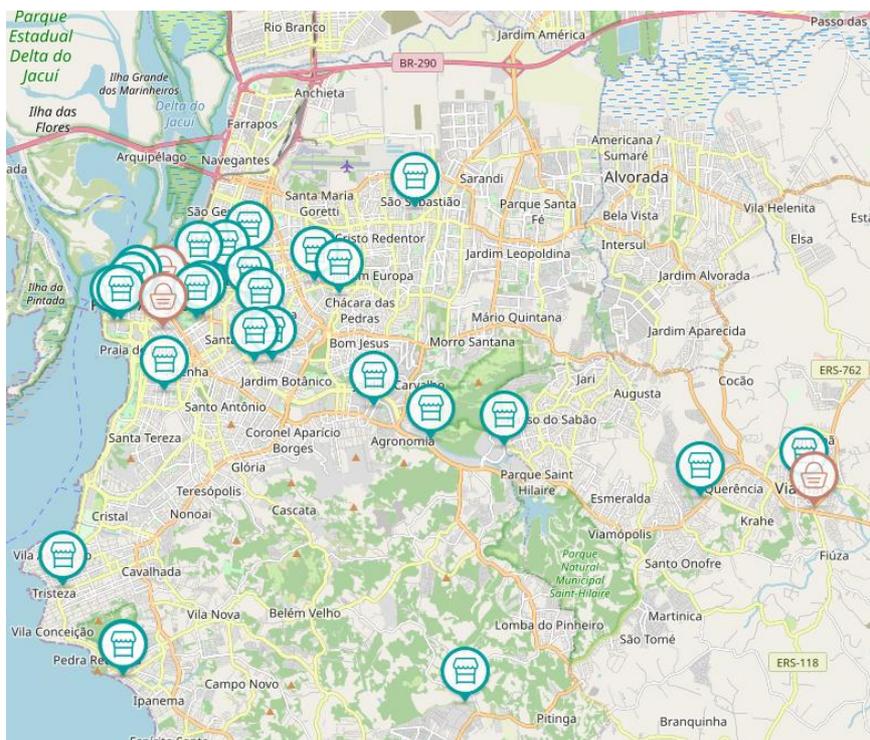
Fonte: Mapa de Feiras Orgânicas <sup>28</sup>

Na próxima imagem estão mapeadas as Feiras ecológicas, regulamentadas pela SMIC, e também outras iniciativas que comercializam orgânicos junto a outros produtos, nos Bairros de Porto Alegre.

Figura 9 - Feiras orgânicas em Porto Alegre.

nacional-de-produtores-organicos<https://www.agricultura.rs.gov.br/agroecologia-e-producao-organica-avancam-no-estado-com-apoio-de-politicas-publicas>, publicado em 2/07/2018, acesso em 20/11/2021.

<sup>28</sup> Disponível em Disponível em <https://feirasorganicas.org.br/uf/rs/> Acesso em 02/2022



Fonte: Mapa de Feiras Orgânicas <sup>29</sup>

De acordo com Moura (2017) desde 1994 o Rio Grande do Sul capitaneou movimentos importantes que conectaram a iniciativa privada com instituições governamentais em favor da construção de soluções em busca do desenvolvimento rural sustentável.

A Emater/RS foi e continua sendo um importante organismo no acompanhamento dos agricultores, incentivando, desenvolvendo estratégias para a viabilização das pequenas propriedades e fomentando as práticas sustentáveis nas atividades.

---

<sup>29</sup> Idem anterior;

### **3. A FEIRA ORGÂNICA**

O interesse em estudar os(as) agricultores(as) a partir de suas práticas de produção orgânica, e de como este fazer repercute em suas vidas cotidianas nasceu quando a Feira Orgânica Rômulo Telles veio a se instalar muito próximo da minha casa. Não foi um interesse imediato e, possivelmente, o maior despertar para o tema ocorreu quando uma amiga me convidou para conhecer algumas pessoas da Feira.

Era final de semana e, como todos os outros, nos reuníamos na praça que fica a não mais que 50 metros da minha casa. As praças são, geralmente, em qualquer cidade, um espaço de confraternização, onde os amigos, aqui no Rio Grande do Sul, aproveitam para tomar o chimarrão e, como se diz, colocar a conversa em dia.

Eu já conhecia a Feira que acontecia naquele espaço, aos sábados pela manhã, mas não era cliente. A Feira Orgânica começou pequena, com poucas bancas, e não me chamava muito a atenção porque a prática de preços era maior que as feiras não orgânicas. Naquele momento, no ano de 2016, já havia um movimento considerável em favor do consumo de orgânicos em detrimento dos produtos com defensivos agrícolas, os “venenos”, conforme denominam os agricultores orgânicos, mas o assunto ainda não havia adquirido relevância para mim.

Naquele final de semana nos reunimos na praça para amenizar a saudade de amigos que há muito eu não via, que moravam em outra cidade e estavam a passeio. Cheios de novidades queríamos trocar experiências, contar nossos feitos e estreitar aquela intimidade que só conseguimos quando estamos fisicamente próximos.

As amigas chegaram e decidiram, antes de nos reunirmos, fazerem suas compras na Feira. E lá foram: hortaliças que, segundo elas, só tem benefícios porque tem mais sabor, duram mais na geladeira e ainda têm ótimos resultados porque são cultivadas por famílias que amam o que fazem (cabe salientar que as pessoas em questão são

ativistas de esquerda e dos movimentos que valorizam o homem do campo, os orgânicos, a agroecologia e uma série de outras demandas que estão em pauta na sociedade atual).

Ao voltarem com as sacolas recheadas pelos tais produtos especiais sentamo-nos na grama verdinha da praça, mais ou menos próximos de onde estavam os feirantes (na época eu ainda usava essa denominação) e se iniciou aquele momento solene e esperado por tantos meses de afastamento.

Quando estávamos em pleno aquecimento dos assuntos que seriam destrinchados com bergamotas e mate, se aproximou do grupo uma senhora. Ela trazia consigo um banquinho pequeno, daqueles que se monta na hora de sentar. Sem a menor cerimônia ela se juntou a nós e, imediatamente, mudou a temática da conversação. Eu fiquei muito surpresa com aquela chegada, tão sem cerimônia. Não sabia como tratar ou mesmo como me inserir nos assuntos que foram assumidos a partir dali. Estava mais preocupada na perda de intimidade, promovida pela nova integrante, mas também fiquei curiosa com aquele comportamento tão diferente daqueles reconhecidos em nossos contextos. Somente algum tempo depois eu consegui me apropriar do que estava envolvido naquela cena.

As amigas a trataram calorosamente: conversaram sobre a vida, o quanto a feira estava movimentada, como era importante para o Bairro uma feira orgânica, e sobre diversas outras tessituras. E eu me limitei a observar.

Aquela foi a ocasião em que, primeiramente, percebi que naquele ambiente conviviam modelos culturais bastante distintos. Na praça, que todos os sábados abriga a feira de alimentos orgânicos, se desenvolve muito mais que apenas comércio. Passei, então, a observar com mais interesse as trocas que ocorriam naquele ambiente, as pessoas que conferiam vida àquele cenário. Aos poucos foi-se consolidando em mim a intenção de conhecer mais sobre aqueles indivíduos que, nas intersecções promovidas pela Feira, mostravam mais de si e, possivelmente, absorviam também as possibilidades daquele contexto.

Assim iniciou-se minha incursão em campo, despertada por uma situação não planejada e que havia me causado um importante estranhamento: a distância entre “aquele mundo” do produtor rural e o meu próprio, de cidadina.

A intervenção da Tereza na situação relatada na praça foi o estopim que despertou minha curiosidade sobre a cultura - ou aspectos culturais presentes - daqueles sujeitos que compunham o grupo de produtores orgânicos.

É, portanto, com a perspectiva de apreensão das práticas cotidianas, a partir do viés orgânico, desses sujeitos, que se construiu a minha observação sobre as pessoas e o conjunto de informações arroladas a partir de suas interações e manifestações, tanto nos ambientes da Feira quanto nos demais contextos analisados. Apesar da atenção às orientações metodológicas e da recorrente visita aos autores que ampararam esta Tese, a mesma não se fez sem muitas tensões entre o visto, o ouvido e o relatado, ou seja, toda a edificação se deu nos contrastes tensionados a todo o tempo a fim de verificar a validade e a veracidade das proposições apreendidas a todo o tempo. E este reconhecimento do que está explícito, mas também pelo que fica subentendido nos contextos dos observados, é sempre desafiador, pois é a partir daí que se estabelecem os achados relevantes da pesquisa. Foi importante, portanto, criar, a todo o tempo, o distanciamento necessário – mas não tão espaçoso que pudesse gerar indiferença, e não tão próximo, que passasse despercebido – que conduzisse à identificação daquilo que forneceria condições de melhor compreensão destes indivíduos em suas ações e motivações.

### **3.1 O que é uma “Feira Orgânica”**

A feira, sob a perspectiva do interesse deste estudo, foi o

espaço primeiro de reconhecimento das manifestações do produtor orgânico diante daqueles para os quais apresenta – de forma consciente e organizada – os argumentos que embasam e constroem o sentido e a diferenciação do seu trabalho. Daí a importância de dedicar atenção a este lugar que é, além de espaço de comercialização, também ambiente de socialização e construção de novos saberes (LEÃO, 2019).

De acordo com VEDANA “Se feiras livres e mercados de rua ainda fazem parte da paisagem urbana é porque essa forma de comercializar alimentos permanece plena de sentido para seus habitués, trabalhadores ou fregueses.” (2013, p. 46). Para a autora, a feira assume um caráter de articulação que se consolidou em cultura urbana e envolve mais que as negociações comerciais, promovendo uma série de ressignificações a partir destas trocas.

*Figura 10 - um sábado de Feira.*



Fonte: a própria autora.

As feiras livres ou feiras de rua - como são normalmente conhecidas - têm como objetivo maior a compra e a venda dos mais diversos produtos e não são práticas recentes de mercado, ao contrário, acontecem desde que os sujeitos citadinos começaram a trocar e comercializar produtos, ampliando a condição de produção para a

subsistência para uma economia de mercado (CORDÁZ, 2021)<sup>30</sup>. Estes espaços de comercialização, entretanto, se articulam, atualmente, a partir de diferentes configurações, de acordo com a característica dos produtos, dos produtores, do ambiente que abriga tal manifestação e a partir da legislação que regulamenta estas práticas (LEÃO, 2019).

No que se refere à sua apresentação para os públicos podem existir a céu aberto ou abrigadas em ambientes fechados e, em especial, nas duas últimas décadas no Brasil, apareceram nos centros urbanos as feiras dedicadas à oferta de produtos diferenciados, que se propõe às mais diversas abordagens: produtos desenvolvidos em pequena escala por designers (como exemplo pode-se recorrer à Open Feira de Design, em Porto Alegre), feiras de produtos de segunda mão (denominadas second hand, brechós, upcyclings, feiras de produtos vintage) e, também diferenciadas (em relação às feiras de produtos convencionais), estão as feiras de alimentos orgânicos.

Apesar de haver relevância no entendimento das Feiras como ambientes em que ocorrem as mais diversas formas de interpretação e apropriação da realidade, nosso recorte de interesse para esta pesquisa se alicerça no que se refere especificamente à Feira Orgânica Rômulo Telles, palco das tratativas comerciais e sociais estabelecidas pelos sujeitos analisados neste estudo.

Em Porto Alegre/RS, cidade que abriga a Rômulo Telles, existem sete feiras orgânicas distribuídas ao longo da semana. As feiras “ecológicas”, de acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio – SMIC, no site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (SMIC, 2021):

*(...) oferecem produtos diretamente dos produtores da área rural de Porto Alegre e do interior do Estado (até 200 km da Capital) para a comercialização direta ao consumidor. Os hortigranjeiros e alimentos agroindustrializados não têm agrotóxicos, pesticidas e substâncias sintéticas<sup>31</sup>.*

---

<sup>30</sup> CORDÁZ, KATHERINA. A história das feiras de rua. Disponível em: <https://www.comes.com.br/post/a-hist%C3%B3ria-das-feiras-de-rua>. Acesso em 27 de setembro de 2021

<sup>31</sup> Disponível em: [https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/default.php?p\\_secao=206](https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/default.php?p_secao=206). Acesso em 30 de setembro de 2021.

Fiz questão de destacar a nomenclatura utilizada pela Prefeitura – “ecológica” – pois a utilização desta ou da expressão agroecológica carrega mais do que encerra na definição de produto orgânico (LUCION,2020; CAPORAL E COSTABEBER, 2009; ANDRADE E LOCATEL, 2019). Apesar dos discursos, na feira, contemplarem a agroecologia, o que se está entregando é, efetivamente o produto orgânico, pois nem todos os produtores estão alinhados e praticam a agroecologia. Podemos considerar, portanto, que as feiras de Porto Alegre são apresentadas como ecológicas (talvez porque seja um termo mais acessível ao entendimento dos públicos), mas na sua essência são feiras orgânicas (que podem ou não estar contidas nas práticas da agroecologia).

Adentrando especificamente o contexto de estudo pretendo apresentar neste item alguns dos principais momentos que marcaram, até então, a constituição e existência da Feira Orgânica Rômulo Telles, reconstruindo-a a partir das entrevistas realizadas com os representantes da comunidade, aqueles que estiveram presentes desde os primeiros movimentos em busca de promover uma feira no bairro; a partir de informações coletadas nas conversas com os produtores; e a partir, em especial, das observações possíveis *in loco*. Considero relevante resgatar esta história porque a partir da mesma é possível situar as mudanças que se constituíram neste ambiente em paralelo com as próprias transformações destes agentes, os produtores orgânicos, junto aos seus pares e à comunidade.

O estabelecimento da Feira Orgânica Rômulo Telles contou com a participação da comunidade desde o seu início. A iniciativa de trazer para o bairro Petrópolis uma feira orgânica partiu, originalmente, da iniciativa de uma moradora do Bairro que é, atualmente, representante da Comunidade, na Comissão da Feira.

Foi em uma conversa com um dos integrantes do Conselho de Feiras ecológicas de Porto Alegre, que surgiu a possibilidade de um abaixo-assinado a fim de mobilizar as pessoas do Bairro em busca da implantação de uma Feira.

O movimento iniciou-se em julho de 2015 a partir, portanto, da iniciativa da comunidade representada, em especial, por duas moradoras da região, que fizeram várias cópias de um documento que tinha como objetivo coletar assinaturas de moradores para a solicitação da instalação da Feira. Foram angariadas, ao longo de um mês, aproximadamente, seiscentas assinaturas. Conforme relato, o grupo de mães da praça André Forster foi importante para que o documento atingisse o número relevante de assinaturas porque as mesmas pegaram os documentos e foram em busca de adesões<sup>32</sup>.

Entre a coleta de assinaturas e o início da feira passaram-se um ano e três meses. Carmen foi uma das mobilizadoras do projeto e se tornou, a pessoa de referência da comunidade para a Prefeitura, conversando com a Empresa Pública de Transporte e Circulação S/A - EPTC, que fez a visita na rua Rômulo Telles para avaliar o trânsito local, com a Secretaria Municipal do meio Ambiente - SMAM, com a Secretaria Municipal da Indústria e Comércio - SMIC, entre outros órgãos que se envolveram e, por fim, aprovaram a instalação da Feira.

A feira teve início em 29 de outubro de 2016, um sábado.

As representantes estavam presentes quando chegaram os produtores e os recepcionaram iniciando, assim, uma relação de apoio junto àquele grupo que ainda não tinha um caráter coletivo.

Àquela época cada produtor trouxe a sua própria estrutura para montar sua banca. Cada um improvisou o que poderia precariamente caracterizar o seu espaço de comercialização. Carmen relata que os produtores se organizaram como puderam: trouxeram guarda-sóis, tapumes de lona, improvisando as bancas. Mas uma questão coisa chamou a atenção dela em relação ao casal: "ela estava bem arrumada, notava-se que se prepararam para estar na Feira, e o seu Ernesto chamava muita atenção porque ele veio de camisa, calça e sapato social. Estava

---

<sup>32</sup> O grupo era composto por mães com filhos pequenos, entre dois e sete anos, que frequentavam a praça e que se tornaram próximas, organizadas em um grupo de whatsapp em que trocavam experiências de maternidade e também agendavam encontros das crianças na praça.

pronto para o 'evento'."

Depois de conhecer mais a fundo tanto seu Ernesto, esposo, quanto Tereza, essa dedicação em se arrumar para vir pra feira faz todo o sentido para mim. Eles moram no interior de Nova Bassano, cidade pequena do RS. Lá têm um convívio intenso com a comunidade local, composta, em sua maioria, por pessoas que vivem os mesmos costumes e valores que eles próprios. Montar a feira na capital, Porto Alegre, exige outro tipo de socialização, outros comportamentos e a construção de uma identidade que precisa se aproximar daqueles com os quais eles passarão a conviver, mesmo que de forma esporádica.

Ao penetrar os ambientes distintos dos seus próprios, saindo de seus espaços de conforto e de domínio, o sujeito precisa representar um papel diferente daquele desempenhado no seu cotidiano para, assim, ser entendido e aceito junto ao novo grupo social (GOFFMANN, 1985). Aos poucos, no entanto, conforme CARNEIRO (2013), estes mesmos sujeitos - rurais - vão percebendo que a sua diferenciação enquanto sujeitos carregados de saberes e costumes outros são os aspectos mais valorizados junto aos citadinos, que valorizam e admiram o modo de viver rural.

Seguindo a história deste primeiro dia a entrevistada descreveu os principais fatos que marcaram este início. Não havia padronização alguma, nem mesmo definição dos espaços das bancas, e os produtores, em sua maioria, trouxeram bancas improvisadas. Como muitos deles vêm de longe (é permitido produtores localizados a até 200 km), normalmente chegam cedo, entre 5 e 6 horas da manhã e já iniciam a organização dos espaços. Àquele momento, no dia 1 da Feira, os produtores foram chegando, se apresentando, arrumando seus espaços e organizando, aos poucos, e sem nenhuma gestão, a sua presença naquele espaço.

Algumas pessoas do bairro já tinham conhecimento do início da Feira pois faziam parte do grupo de WhatsApp das mães da praça, e foi um dia em que estavam todos aprendendo com as dinâmicas que ali se estabeleciam. Carmen relatou que "foi um dia bem feliz, apesar do

movimento ainda tímido”. Entre os produtores já se iniciavam as conversas em que buscavam reconhecer as suas respectivas cooperativas, mas para ela todas aquelas informações faziam parte de um repertório que a nossa respondente não dominava. É importante destacar que cada banca está associada a uma Cooperativa. Esta é uma regra institucionalizada para garantir a participação em Feiras Orgânicas. Uma banca pode ter até dois produtores, ou seja, duas famílias diferentes, mas ambas devem pertencer à mesma Cooperativa.

As histórias dos produtores iam, portanto, se mesclando às características de suas respectivas cooperativas e, assim, se delineava o perfil daquelas pessoas que ali se apresentavam. Eu pude perceber isso, claro, a partir tanto das conversas com a Comissão da Feira, quanto da minha imersão, posteriormente, junto àquele espaço e aos produtores em suas vidas cotidianas.

Em uma das vivências realizadas junto ao campo uma narrou determinada situação vivida em outra feira, também em Porto Alegre. Segundo ela, foram convidados a “colocar banca” em uma Feira que acontecia aos sábados, na Zona Sul da cidade. Aquela iniciativa estava, também, no seu início, mas era economicamente viável para a família. Em determinado dia em que ela estava sozinha na banca (o marido não estava presente) ela ouviu um dos clientes comentar que não ia comprar naquela banca porque “não compro dessa gente do MST”. Segundo ela, imediatamente juntou seus produtos e se retirou da Feira, não voltando mais a oferecer produtos naquele local. Na entrevista ela relembra como se sentiu desrespeitada:

*A gente trabalha meses para trazer um produto bom, de qualidade, tem o cuidado de selecionar porque sabe que as pessoas só vão escolher o que estiver perfeito (mesmo sendo orgânico) e, ainda assim, passamos por esse tipo de humilhação, ah, não. Eu cheguei em casa e falei pro Pedro: 'lá eu não boto mais os meus pés.'*

Na manifestação da produtora estão reveladas algumas das tensões que estão presentes nas relações dos produtores com os

consumidores e, muito importante, o modo como o agricultor percebe o seu trabalho e o produto originário do mesmo. O trabalho do campo, que resulta em alimento, é o trabalho sobre o sagrado, sobre aquilo que tem valores simbólicos para além do produto em si (WOORTMANN,1986 / TEDESCO, 1998 / MACIEL, 2001 / LUCION, 2020). Em Woortmann (1986) é possível identificar as classificações dos alimentos a partir do trabalho:

*...a comida ainda se classifica conforme originada do roçado ou da fazenda, e da cidade. Na maioria dos grupos rurais (e mesmo alguns urbanos) se privilegia a comida do roçado/fazenda, mesmo que a que provém da mata possa, em alguns contextos, ser considerada mais forte. A comida do roçado é a comida do trabalho, e por isso é a mais forte; a comida da cidade é a comida comprada, e por isso a mais fraca. (p. 107)*

Ao final daquele primeiro dia de Feira, na Rômulo Telles, os produtores estavam felizes e agradecidos pela mobilização da comunidade. A Comissão relatou que todos estavam surpresos com a receptividade e o carinho recebido dos consumidores e Tereza comentou que nunca antes havia recebido agradecimentos por fazerem uma feira e, aproveitando a oportunidade, brincou: “estou me sentindo o gás da Coca-Cola”.

Essa frase, dita com tanta espontaneidade, marcou aquele momento e foi muito recorrente nos momentos em que se resgatava aquele primeiro dia de Feira. Carmem retomou, em uma de nossas entrevistas, este episódio e comentou: “olha a frase que ela me usa em uma feira orgânica!”. E aqui, se percebe, na sutileza deste estranhamento, o quanto as identidades são forjadas de acordo com a necessidade do ambiente, do espaço/tempo. Se esta frase tivesse sido pronunciada em um almoço de família em Nova Bassano (cidade de origem de Tereza e do Seu Ernesto), em que as pessoas estão, efetivamente, se alimentando a partir de hortaliças orgânicas, possivelmente seria entendida como apenas uma brincadeira. Já, quando proferida na feira, em um local em que o discurso constrói a imagem necessária para credibilizar o trabalho do agricultor orgânico, essa frase

foi percebida como inadequada. E, assim, mesmo que a partir de pequenos detalhes, se percebe a distância entre o comportamento do campesino e do sujeito urbano.

O que estou propondo aqui é que existem dois universos simbólicos que estão se aproximando: de um lado a cidade grande, com as mais variadas manifestações culturais, mas que está acostumada com tensões entre os grupos que disputam territórios imaginários de conhecimentos, valores e crenças. E de outro lado o agricultor, que domina comportamentos daquele seu espaço de atuação, o campo, e que ainda não se apropriou do repertório articulado pelos habitantes deste outro território. As intersecções que aproximam os dois ambientes ocorrem nos domínios da Feira, onde têm a oportunidade de se constituir como “autoridades” no que diz respeito ao seu fazer especializado, quanto se perceberem em situações vulneráveis, como por exemplo, quando não dominam determinadas regras subjetivas de comportamento que dizem respeito aos códigos apreendidos pelos cidadãos.

Não quero dizer aqui, pois seria ingênuo, que estamos diante de dois universos opostos de atuação. De acordo com CARNEIRO (2013, p.53)

*Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais. No entanto, tal processo não resulta, a nosso ver, numa homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano a um continuum dominado pela cena urbana (...)*

Certamente, tanto produtores quanto consumidores têm muito mais em comum do que diferenças marcantes visto que o campo e a cidade há muito já estabelecem relações de troca, otimizadas por tantas transformações na comunicação, no acesso facilitado aos ambientes rurais e às possibilidades comerciais que têm se intensificado de forma direta entre produtores e consumidores. O que me interessa é destacar justamente as questões em que se evidenciam as diferenças pois são

estas que contribuíram para o entendimento da construção identitária deste grupo, os produtores.

De acordo com Cuervo (2015), em pesquisa realizada junto à FAE - Feira Agrocológica, também em Porto Alegre, é possível identificar que se estabelecem, tanto no que tange ao produtor, quanto ao consumidor, aspectos constituintes identitários. Para a autora, a pesquisa junto à Feira, que é reconhecida como a primeira Feira Agroecológica do Brasil, apresentou as seguintes evidências:

*(...) três dimensões emergem: sociocultural, ideológica e a relacional. No eixo sociocultural aparece a comunidade de práticas com o sentimento de pertença em relação à agroecologia e uma preocupação com a saúde, já no eixo ideológico uma responsabilidade com as questões socioambientais e uma atuação política através do consumo. A alimentação como um campo de atuação política, pode ser vista no caso de compras diretas do produtor e de produção agroecológica. A questão ambiental está fortemente marcada, na feira. Por fim, no eixo das relações, aparece a sociabilidade e confiança.*

Tais evidências identificadas pela autora podem ser reconhecidas, também, junto aos produtores e a comunidade da Rômulo Telles, e sugiro que estes aspectos contribuem para o fortalecimento do grupo de representantes da comunidade em apoio aos produtores.

Assim, na sequência dos trabalhos a comunidade continuou a ter importante papel junto à constituição da Feira, apoiando as iniciativas e propondo pontos de melhoria. E, conforme se estabeleciam os processos e se dava a compreensão e apreensão das realidades um do outro (campesino e cidadão) tais conexões se tornavam mais intensas, promovendo significativas trocas em que as gentilezas, os favores, e as dádivas (MAUSS, 1974) se concretizaram, aprofundando o comprometimento de ambos junto àquele empreendimento, que é a Feira, e uns com os outros.

Carmem, uma das representantes da comunidade, assumiu o protagonismo nas ações que visavam estabelecer processos e as regras daquele ambiente. Nesta questão desejo destacar o fato de uma pessoa “de fora” do grupo assumir tal organização: ela convocava reuniões às

sete horas da manhã, início da Feira, quando o movimento ainda estava fraco, para definir questões como o estabelecimento de uma tabela de preços que pudesse ser viável para o grupo; discutia o que poderia ser melhorado para atender os clientes; estabeleceu uma relação que definia o produtor e a cooperativa a qual pertencia; propôs expor na Banca o número de cada uma; escrevia as atas das reuniões que serviriam de registro para o grupo. O que chama a atenção aqui é o fato de ser alguém externo ao grupo de produtores a assumir esta gestão, já que tais processos são algo pertencente ao grupo de produtores. Por que a organização deste espaço de comercialização dos produtos foi cedida para a representante da comunidade?

Poderíamos assumir algumas hipóteses. A primeira delas é que a aquela sujeita foi adquirindo a confiança do grupo e conseguiu oferecer para os produtores uma possibilidade de não se preocuparem com algumas questões que não estavam diretamente relacionadas ao produto e a sua comercialização. A segunda hipótese é que estes sujeitos assumem que o seu campo de domínio é a agricultura e que outras questões não fazem parte do seu repertório, apesar de serem estas parte das atividades que vêm desenvolvendo; uma terceira hipótese poderia ser construída sobre exatamente a diferença entre os ambientes rural e urbano, camponês e citadino. Eles reconhecem esta diferença, que é, também, cultural, e, intimidados pela falta de domínio, acabam se resguardando em uma posição/postura marginal, conferindo àqueles que têm o domínio do campo a posição de autoridade.

Esta questão pode ser tensionada quando comparada a outras Feiras com as quais tive contato e que não tinham a participação efetiva e constante da Comunidade (ou de um representante desta). Nestes locais os produtores não conseguiram se organizar de forma tão efetiva: o diálogo entre eles era precário, o que dificultava o seu alinhamento em termos de prática de preços e de ações para atrair os consumidores, por exemplo, e, conseqüentemente, foram feiras que apresentaram dificuldade em conquistar o seu público e em promover a manutenção e crescimento econômico da mesma. Nestes casos houve a necessidade de

contratação de profissionais externos que trouxessem sugestões a partir de uma visão estratégica de negócios e que conduzissem a comunicação da Feira nas redes sociais.

No caso da Rômulo Telles as representantes da comunidade se tornaram facilitadoras que os conduziam de forma segura por aqueles trâmites burocráticos necessários para o estabelecimento daquela unidade de comércio. Carmem traduzia as orientações dos vários agentes atuantes na regulação da Feira e promovia, junto aos produtores, as ações necessárias para atender a tais demandas. Além disso, agia junto aos consumidores como uma mediadora credibilizada pelo fato de ser da comunidade local, ou seja, podemos considerar que ela se constituiu em uma eminência parda.

CUERVO, HAHMANN E PIZZINATO (2019) se utilizaram do conceito de “comunidades de práticas” (apud Wenger, 2001), para entender as relações estabelecidas entre os sujeitos atuantes neste ambiente, em especial os produtores e os consumidores. As comunidades de prática se caracterizam, principalmente, quando as pessoas do seu interior “compartilham um fazer, e aprendem como fazê-lo melhor interagindo regularmente.” (p. 284). Neste fazer se estabelecem, de acordo com os autores, o “comprometimento mútuo, ação conjunta e repertório compartilhado” (p. 284).

É possível, a partir desta noção, reconhecer que se estabelecem, também na Feira Rômulo Telles, em especial, o compartilhamento do fazer, entre os produtores e as representantes da comunidade, além de ser comungados os valores tangibilizados no repertório, em torno dos conceitos orgânicos. As ações conjuntas se realizam sempre que a comunidade se reúne para participar das comemorações, de ações sociais e das decisões que impactam a Feira, o produtor e a comunidade.

Esta relação agricultor/representante da comunidade trouxe para o grupo uma série de benefícios. Não que as tensões não estivessem presentes. Em muitas situações houve discussões acaloradas no grupo em que os sujeitos ora se posicionavam, ora se retraíam, mas percebia-

se quando não estavam satisfeitos com alguma intervenção. Alguns produtores se destacavam por serem mais atuantes no grupo, em especial nas reuniões, como era o caso de Fabio, que assumiu como representante dos produtores na Comissão da Feira e, mais tarde, também como parte da diretoria do Conselho de Feiras Ecológicas do Município de Porto Alegre/RS.

No Conselho de Feiras se discutiam temas que regulamentavam a presença das mesmas no Município, os preços praticados e as diretrizes gerais que deveriam ser seguidas por todas. Uma das questões levantadas era a necessidade de padronização das bancas e esta questão veio a partir da SMIC, em janeiro de 2017. A Comissão da Feira apresentou, então, essa questão para o grupo, em reunião, e Fabio se disponibilizou a produzir as Bancas, o que o grupo, depois de alguns debates e discussões sobre valores, chegou a uma aprovação.

Além de produzir as bancas de acordo com a padronização exigida pela prefeitura, Fabio também ofereceu ao grupo a possibilidade de armazenamento, montagem e desmontagem. Novamente, coletivamente chegaram à deliberação de quais agricultores utilizariam o serviço. Grande parte deles aderiu à esta proposta.

Para que este serviço se estabelecesse de forma legalizada, Fabio abriu uma Microempresa Individual - MEI, comprou um caminhão e contratou mais dois funcionários, sendo um deles Fabio, um dos principais facilitadores da minha inserção no grupo de pesquisa. Neste ínterim se formava um novo negócio que atendia àquele nicho de mercado de produtos orgânicos, mas que, entretanto, não pertencia à agricultura, ao cultivo da terra ou mesmo aos valores imbricados na cultura orgânica.

De acordo com SCHNEIDER (2003) as mudanças contundentes promovidas pela modernização da agricultura, em especial a partir da década de 1970, pressionaram as famílias do campo a buscar novas formas de trabalho e remuneração. A incorporação de novas atividades que não faziam parte do cotidiano e das práticas do agricultor promoveu uma "diversificação crescente das fontes de renda e da inserção

profissional dos indivíduos pertencentes a uma mesma família de agricultores.” (p. 74). Estas novas práticas são analisadas a partir do conceito de pluriatividade (SCHNEIDER, 1999; CARNEIRO, 2013), que significa o desenvolvimento de atividades diversas não agrícolas incorporadas ao seu repertório e práticas profissionais.

Além da incorporação da atividade de montagem e desmontagem de bancas, Fabio ingressou como representante de uma empresa paulista de adubos e fertilizantes orgânicos, passando a fornecer para outros produtores orgânicos e empresas que comercializam este produto. Adiante, ainda, ele ofereceu a atividade de montagem das bancas para Fabio, alegando que não tinha mais interesse em dar continuidade porque o trabalho se tornara muito exaustivo e pouco rentável (as bancas eram sempre montadas na madrugada anterior à Feira, o que significava uma noite de trabalho). Fabio, então, assumiu a montagem das bancas, passando, assim, pelo mesmo processo de abertura de uma MEI.

Além da padronização das bancas, outras melhorias foram implementadas: as representantes da comunidade, propuseram a produção de aventais para os produtores, placas com o número de identificação das Bancas, crachás e uma tabela de preços para cada banca.

Os valores definidos na tabela de preços foram acordados coletivamente, entre os produtores, conduzidos pela representante da comunidade. No ano de 2017, eles demonstravam muita união, em especial na tomada de decisões. O grupo sempre se reunia e discutia as questões coletivas demonstrando querer valorizar o que era melhor para o grupo. Percebia-se, segundo a Comissão da Feira, que todos estavam muito satisfeitos com o resultado daquele projeto e com o crescimento do número de consumidores.

Apesar da união em torno dos objetivos era possível perceber, em alguns comportamentos sutis, as diferenças que marcavam os seus posicionamentos. Acompanhando o grupo e atuando junto a eles, na comunicação, foi possível perceber quais eram os pontos de aproximação

e os pontos de atrito existentes nas relações. Aos poucos foi possível identificar que a agricultura orgânica é o elemento agregador, mas que existem outras tantas variáveis que contribuem para que as oposições se estabeleçam.

A Comissão da Feira começou a promover alguns eventos na praça, convidando músicos, academias para aulas abertas, oficinas de madeira, entre outras atividades. Integrou-se ao grupo da comunidade uma nutricionista, que passou a promover na Feira as degustações de produtos das Bancas, o que gerou um envolvimento importante dos consumidores.

Após um ano de Feira foi comemorado o primeiro Natal. Novamente, mobilizados pelas representantes da comunidade, foi organizado um piquenique na praça em que cada um dos produtores preparou e trouxe o seu prato. O grupo estava feliz com os resultados daquele primeiro ano e empolgados para o próximo.

Carmem capitaneou todas as ações especiais da Feira, visitando patrocinadores (outras empresas próximas), conversando com os produtores, e articulando novas formas de estimular as pessoas a frequentarem a Feira e a praça. Na questão do envolvimento de outras empresas do Bairro patrocinando as ações destaque, em especial, o empreendimento da construtora Wollens, que edificou um prédio em frente à praça, que dá vistas para a própria Feira.

A Comissão visitou o empreendimento e buscou patrocínio para a Banca Cultural (espaço da comunidade dentro da Feira, onde realizamos as degustações e outras ações de cunho cultural) e também para o pórtico de entrada, que apresenta em destaque a identidade da Feira e o logotipo da Wollens. Algumas questões emergem deste assunto e podem contribuir para problematizar a identidade do grupo de produtores e sua atuação em oposição a empreendimentos/sujeitos que habitam as esferas metropolitanas, como é o caso desta grande construtora do mercado.

Um dos fatos que me chamou a atenção é que os produtores nunca tiveram acesso a essas empresas e tratativas, sendo tudo

realizado pelas representantes da comunidade. Outras empresas de médio porte do bairro, como a Ferragem Thony e a Guarida Imóveis (esta última tendo adotado a praça, sendo responsável pela manutenção da mesma) também investiram em algumas das ações realizadas, figurando suas marcas como apoiadoras dos eventos realizados e de investimentos na Feira/prança. Todos estes movimentos foram promovidos pelas representantes da Comunidade e, em nenhum momento, houve o interesse destas empresas em criar um diálogo mais próximo junto aos produtores ou mesmo de conhecer a proposta e o propósito da empreitada.

O que eu pude avaliar sobre isso é o fato de que existe, nitidamente, uma distância considerável entre o que se propõe a partir da agroecologia - econômica, política e simbolicamente - e aqueles negócios que se aproximaram nestes pontos de contato específicos. As empresas que se envolveram com as promoções da Feira não tinham aderência às suas ações e seus objetivos, e tais intersecções foram possíveis porque existe um interesse de grande parte da população em torno da sustentabilidade, tema que permeia a agricultura orgânica e agroecológica. É como se estas empresas estivessem se vinculando a ações que não são autênticas em relação ao seu posicionamento de mercado. Além disso, os produtores orgânicos não tiveram participação e articulação nestas negociações, possivelmente porque não foram convocados, mas também porque não têm propriedade sobre as questões que envolvem tais tratativas e estratégias, sendo este um domínio daqueles que habitam este espaço de manifestação, a cidade, o bairro.

### **3.2 As tensões sociais: a cultura, a economia e a política**

A Feira é um ambiente de comercialização. Esta é a definição formal/racional. No entanto, ao imergir nos contextos passam a se desvelar um sem fim de emaranhados que dão vida e complexidade a esses agentes e a suas relações.

Os estudos realizados sobre os agricultores, no Brasil, dão conta, em sua maioria, das questões econômicas imbricadas no tema (TEDESCO, 1998; LUCION, 2020, FONSECA, 2005; CARNEIRO, 2013), das questões produtivas (WOORTMANN & WOORTMANN, 1997; SCHNEIDER, 2017); e sobre a família constituída nos ambientes rurais, ou sobre a agricultura familiar (ALMEIDA, 1986; WOORTMANN, 1986). O presente trabalho se alimenta de todas essas questões para conformar a sua proposição central que é o entendimento das identidades dos produtores orgânicos e, para isso, utilizei todas as informações disponíveis que pudessem esquadrihar, a partir destes registros, quais são as bases formadoras dos projetos, das escolhas e dos comportamentos destes indivíduos.

Este mosaico de possibilidades se mostra ainda mais complexo quando adentramos no campo de reconhecimento destes sujeitos, de suas atuações e motivações cotidianas. Isso significa que não estamos nos aprofundando em um grupo homogêneo em suas culturas e práticas, muito antes pelo contrário, identificamos motivações, interpretações e aplicações diversas dos seus ideários e na atividade diária. A heterogeneidade destes sujeitos, contrariando o que poderia ser o imaginário citadino, já foi identificada por CARNEIRO (2013) que aponta as mudanças vivenciadas pelo agricultor, tornando esta categoria menos uniforme nestes dias, justamente porque acessa e realiza constantes trocas entre o rural e o urbano, seja através do seu trabalho que transita entre os dois universos, seja pelo fato de que os citadinos também adentram os espaços rurais em busca de experiências e vivências outras.

Para CARNEIRO (2013) a identidade campesina não deve ser buscada a partir, exclusivamente, do contraste entre o campo e o urbano. As perspectivas para estes reconhecimentos precisam ampliar o campo de possibilidades, considerando, por exemplo, que as articulações

do homem do campo acontecem a partir de negociações que ele articula entre aquilo que está observando (alteridade) e o que lhe é próximo. Assim, quando adentra outras estruturas e reconhece sociabilidades e culturas outras a partir de trocas realizadas mais intensamente entre ele e aqueles que habitam os espaços urbanos não se rompem os seus próprios sistemas simbólicos reconhecidos.

*Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social (CARNEIRO, 2018, p.58).*

De acordo com a autora, a heterogeneidade social contribui para que se ampliem os repertórios de conhecimentos e as possibilidades de atuação nos ambientes diversos, mas não rompe com a cultura endêmica.

Assim, na observação entre os produtores e estes com os consumidores, foi possível reconhecer, aos poucos, a partir de um olhar insistente, as diferenças que ora emergiam, ora pairavam tênues, percebidas apenas por aqueles que estavam conscientes das diferenças que permeavam aquela conjunção.

Como já mencionado a consolidação da Feira enquanto um comércio viável foi se construindo sistematicamente, com a presença recorrente da Feira nos finais de semana, a partir da construção de uma comunicação frequente nas redes sociais e tendo o envolvimento de pessoas da comunidade que serviram como uma rede de apoio para que aquele negócio se firmasse. No entanto, nem todas essas ações de suporte foram suficientes para evitar os estranhamentos e o julgamento de alguns clientes que carregavam posicionamentos políticos, ideológicos e outros - não me aprofundei na percepção dos consumidores por não ser este o foco do trabalho - que acabavam por escolher as bancas (os produtores) que, na sua percepção, mais se aproximavam dos seus valores.

A agricultura orgânica no Brasil se consolidou, historicamente, a partir de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da agricultura familiar campesina e, nessa perspectiva, portanto, parte importante dessa trajetória se desenvolveu paralelamente ao Movimento dos Sem Terra, MST. Parte dos agricultores que participa da Feira é assentado do MST, ou seja, são integrantes de famílias que foram beneficiadas pelas reformas agrárias realizadas, em especial, a partir dos anos 2000. Outros produtores não são vinculados ao Movimento, e parte destes se identifica com as políticas neoliberais. Estas questões emergiram no contexto da Feira a partir da manifestação dos produtores assentados, que expunham bandeiras do Movimento dos Sem Terra, usavam boné com esta identidade e compunham seus discursos a partir de argumentos que dialogam com as proposições de partidos da esquerda política brasileira, em especial, do PT - Partido dos Trabalhadores.

Tal manifestação político ideológica fez com que alguns consumidores se afastassem das bancas dos produtores advindos do MST. Isso foi percebido por que, neste início da Feira, essas bancas comercializavam bem menos produtos que os demais, que mantinham a neutralidade política. Sobre essa questão, confirmada "Representante 1", em especial, ela relata que, ao perceber tal movimento, conversou com os produtores, recomendando que eles não manifestassem suas origens no Movimento e menos ainda sobre a filiação aos movimentos partidários, como o PT.

Nessa época o Partido dos Trabalhadores, que ainda estava no poder com a então Presidente do país, Dilma Roussef, já estava passando por um grande desgaste que culminou em um golpe de Estado que destituiu a Presidente. Ou seja, as disputas políticas estavam acirradas e, em todas as esferas do cotidiano, sentíamos as repercussões destes acontecimentos.

Alguns produtores mantiveram ainda, por um tempo, suas bandeiras do Movimento hasteadas na Feira, mas como as disputas políticas estavam cada vez mais acirradas e os consumidores se afastando destas Bancas, aos poucos foram omitindo a sua identificação

política e tornando a Feira mais neutra no que diz respeito a tais posicionamentos. Tal questão, de modo geral, era um assunto muito delicado e não era discutido abertamente. As conversas aconteciam de modo mais localizado, geralmente trazidas pela Comissão, junto a cada produtor.

Ela relatou que, em determinada situação, um dos produtores foi até a Banca do Pedro e buscou grande parte dos tomates cereja que este último ainda dispunha. A representante, então, perguntou o porquê de ele ter trazido a produção para a sua Banca. Ele respondeu que já tinha vendido todos os tomates na sua banca e que o Pedro ainda tinha muito tomate para oferecer. Afirmou que os clientes não iam naquela banca, mesmo que faltasse produtos na dele, porque o Pedro era do MST e ele, apesar de ele mesmo também ser, nunca se manifestara, então os consumidores não tinham preconceito de comprar dele.

Assim, diante das recorrentes situações como esta os agricultores foram reorganizando seus comportamentos e suas manifestações. Retiraram as bandeiras do Movimento, não manifestaram mais suas preferências políticas e passaram a engendrar os discursos de forma mais adaptada ao ambiente de inserção. Quanto aos consumidores é importante salientar que havia também aqueles que se identificavam com os valores de esquerda e que iam para a Feira com camisetas, bottons e bonés do PT, declarando claramente suas escolhas políticas e, possivelmente, associando o produtor/produto orgânico aos preceitos da política endossada pelos movimentos políticos de esquerda. Quando tais consumidores chegavam às Bancas e traziam as questões políticas para debate os produtores se retraíam e apenas ouviam suas percepções sem se posicionar.

Percebe-se que estes sujeitos - os produtores - estavam observando e aprendendo a transitar naquela realidade outra pertencente aos seus consumidores. Estavam convocando conscientemente sua racionalidade ponderando quais performances serviriam para chegarem aos seus propósitos. Tal articulação dialoga com VELHO (1994), quando define que os sujeitos estabelecem *projetos*

que orientam um plano de ação para o atingimento dos seus objetivos. Para o autor, tais planos não se fazem sem negociações e tensões que os obrigam, por vezes, a ajustar seus percursos. Na concepção do autor:

*Relaciono projeto, como uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no campo de possibilidades, inarredável dimensão sociocultural constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nessa dialética os indivíduos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos através de suas trajetórias existenciais. (VELHO, 1994, p.8)*

Mesmo quando eu ingressei no campo, ou seja, quando passei a atuar à Feira, foi possível ainda perceber os embates velados que ameaçavam as intersecções entre os campos produtor/consumidor. Neste sentido, foi possível perceber que os produtores pertencentes ao MST redefiniram sua atuação porque perceberam que eram a parte frágil da relação visto que estavam no território hegemônico por outra posição.

Mas não somente os indivíduos pertencentes ao MST precisaram reorganizar e revisitar discursos e comportamentos. De fato, em muitas circunstâncias - que já apareceram e ainda emergirão neste estudo - percebeu-se a necessidade de novas articulações, por parte dos produtores, para que pudessem se estabelecer os diálogos presentes e constantes na Feira, junto aos consumidores e aos seus pares.

A distância entre os dois mundos - o rural e o urbano - ora parece se encurtar ora se alargar. Autores como WANDERLEY (2000); WOORTMANN (1997); CARNEIRO (2013), já discutiram a posição do homem do campo em relação ao homem da cidade. Tal relação é permeada, mesmo que no imaginário desses grupos, por uma construção hierárquica, que evoca, por vezes, a subserviência do rural, a autoridade do cidadão (letrado) sobre o camponês (desprovido de conhecimentos acadêmicos). Essas questões surgiram também nas observações realizadas. Não que estes fatos estivessem aparentes a ponto de serem evidentes, mas emergiam em situações pontuais, como se fizessem parte de um cenário em segundo plano, pronto a ser acionado em caso de necessidade.

Certa vez, fizemos um evento na praça que ocupou, além da calçada das Bancas, também uma parte da grama. Uma senhora, moradora do bairro, passeando com o cachorro, aproximou-se de mim e comentou (acredito que ela não sabia que eu fazia parte da organização): “além de ocuparem a calçada ainda ocupam o espaço que os nossos cachorros têm pra brincar. Daqui a pouco vão tomar conta do bairro inteiro...” Nesta declaração foi possível reconhecer os dois mundos: o mundo da cidade, da praça, dos cachorros que precisam das praças para brincar, das trocas entre os iguais (outras pessoas que também têm cachorros e que socializam nestes momentos); e o outro: um “forasteiro”, que apenas passa pelo local, comercializa e vai embora. Apesar de também socializar, ele pertence a outro lugar.

Em outra ocasião desvelou-se, novamente, a distância entre a comunidade e o grupo da Feira. As bancas são montadas na madrugada de sexta-feira para sábado, movimento que se inicia em torno das 23h, se estendendo até por volta das 3h. Alguns moradores do entorno já haviam manifestado insatisfação com os barulhos da montagem, chegando às janelas e xingando os montadores. Certa noite, no entanto, um dos moradores de um prédio lindeiro à Feira começou a atirar ovos contra os produtores e montadores. O “atirador” não falou nada, não houve nenhuma manifestação naquele momento, mas acredita-se que aconteceu por conta do movimento da montagem das bancas. Os produtores chamaram a polícia e registraram um boletim de ocorrência. Os montadores passaram a ter mais cuidado com os barulhos e não aconteceu nenhum novo episódio.

A prática da Observação Participante proporciona ao pesquisador um sem fim de controvérsias. Por vezes questionamos, inclusive, nosso próprio relato. Esta sensação de estranhamento, tão necessária para a aplicação do método, nos coloca diante de situações tão inusitadas que demoram até mesmo para serem compreendidas dentro do arcabouço de conhecimento que se está acessando. Os exemplos convocados encerram tais dificuldades. Olhar para o outro requer empatia, mas requer também que nos coloquemos de tal forma

distantes que seja possível permitir novos entendimentos. Assim como é possível identificar tantas manifestações de satisfação das pessoas que frequentam a Feira, é também notório que existem terrenos movediços nesta relação e que podem emergir a qualquer descuido dos produtores. Em uma das entrevistas com o produtor Pedro ele me afirmou que os consumidores são muito egoístas:

*...eles chegam na Feira e se sentem bem porque sabem que vão consumir um produto que não tem veneno. Mas eles estão preocupados com a saúde deles, e da família deles. Eles não estão interessados em como aquele produto foi plantado e cuidado. Não querem saber quantas horas de trabalho nós tivemos ou se perdemos parte da produção porque choveu demais ou porque fez sol demais. Ele quer levar o melhor produto, sem nenhum furinho de lagarta, em um tamanho igual ao do supermercado, que é cheio de veneno. Ele compara. E ele não quer saber se aquela verdura que ele deixou na banca porque tinha um buraquinho vai fazer falta no final da feira pra nós, que vivemos disso. (informação verbal)*

Essa perspectiva que se constrói a partir da visão do processo de produção orgânica, que considera as condições de sobrevivência a partir da agricultura familiar, e que é alicerçada nos valores considerados mais nobres ao agricultor orgânico, certamente se choca com a perspectiva do consumidor.

É notório que encontramos diversos perfis de consumidores: aqueles que compram na Feira por conveniência (proximidade); os que se acostumaram com o “passeio” na Feira e que, além de comprar, se tornaram próximos dos produtores; aqueles que buscam uma dieta mais saudável; os adeptos do veganismo e vegetarianismo; e os ativistas, que são ecologistas atuantes. Em cada um destes perfis (e possivelmente poderíamos identificar outros se este fosse o intento) é possível identificar diferentes níveis de entendimento sobre os produtos e, principalmente, sobre as construções ideológicas e simbólicas que compõem a agroecologia e o orgânico.

Assim, tendo que lidar com tantas diversidades e sensibilidades sobre a temática que envolve a agricultura orgânica, foi possível perceber, em especial no ambiente da Feira, que os produtores

mesclavam seus modos de atuação: ora articulavam falas, argumentos e, até mesmo, o silêncio, a fim de aproximarem-se e manterem seus clientes. Em outras situações, no entanto, convocaram fortemente elementos que os distanciava do ambiente urbano, como por exemplo, quando falavam da terra, das sociabilidades do interior, da calma de chegar em casa e tomar um chimarrão na varanda de casa observando a natureza ou ouvindo o canto dos pássaros. Quando indagados sobre a vida no campo todos eram categóricos em defender a beleza de ser rural, enfatizando que a vida na cidade não contempla os encantos de viver no campo.

### **3.3 A pandemia e as tensões que se intensificaram na feira**

As conversas com a Carmem, representante da comunidade, foram muito importantes para apresentar as dificuldades vividas, também, entre os próprios produtores.

Normalmente eu não participava das reuniões de Comissão porque não era parte integrante da mesma, mas as principais discussões sempre me chegavam a partir de Fabio ou mesmo da representante Carmem. Nessas reuniões, como já mencionado anteriormente, eram dispostas as necessidades de melhorias, as reclamações dos consumidores e, principalmente, os problemas entre os próprios produtores.

Os mais comuns se referiam à prática de preços em que todos deveriam seguir a tabela definida junto ao coletivo, como eles mesmos faziam questão de destacar (em especial o grupo pertencente ao MST). Quando algum dos produtores estava praticando um preço abaixo da tabela o grupo acionava a Carmem que promovia uma reunião para discutir a questão (às vezes ela mesma conversava com o produtor para

que seguisse a decisão de preços do grupo). Normalmente se conseguia solucionar nas conversas, sempre puxadas pela Carmem e bastante discutidas por Fabio, que sempre se estendia nos discursos.

Desde que eu comecei a acompanhar o grupo, uma questão era recorrente: o controle social. Este, que é um dos preceitos da credibilidade da agricultura orgânica, é exercido por representantes da sociedade e pelos próprios produtores, como forma de uma acreditação entre pares. Não raras foram as vezes em que o grupo demonstrava desconfiança sobre alguns de seus colegas de feira. Eles levantavam dúvidas sobre a possível ausência de certificado de alguns produtos; que tal produtor não podia vender aquele produto na Banca porque não era autorizado; ou mesmo que os produtos eram demasiadamente “perfeitos” para serem orgânicos.

Os produtores e a comunidade podiam verificar as práticas e as informações de várias formas: solicitando os certificados e comparando com o que estava sendo oferecido na Banca; visitando as propriedades para confirmar se os produtos da Feira estavam realmente sendo plantados naquele local; e solicitando uma fiscalização do MAPA.

Enquanto eu acompanhei a Feira foram realizadas três fiscalizações do MAPA (tenho a informação de que uma delas foi solicitada pelos produtores). Foram realizadas, pelas representantes da Comunidade, Carmem e Ana, cinco visitas às propriedades dos produtores (com registro de fotos da propriedade, da plantação e da família) e, em muitas situações, a Carmem avaliou a documentação dos produtores para confirmar se todos os produtos tinham certificado. Participei de uma destas visitas, mas não como fiscal, mas na condição de pesquisadora.

Em alguns casos, tanto nas propriedades quanto nas bancas, em que não havia documentos que certificassem o caráter orgânico de um determinado produto, a Carmem pedia que fossem retirados da Banca, o que foi acatado com algumas reclamações veladas (conversas paralelas que eu acabei presenciando, em que os produtores reclamavam que a Carmem queria ser a “dona” da Feira).

Havia, entretanto, algumas “contravenções”: como alguns consumidores já se tornaram próximos, amigos, “de confiança”, era possível, por exemplo, encomendar algumas coisas que não faziam parte dos produtos autorizados. Era possível encomendar farinha de trigo orgânica (que era certificada, mas cujo produtor não tinha autorização para vender na banca), e até queijo feito em casa (não orgânico). Soube de casos em que Carmem “descobriu” a comercialização destes itens de forma não registrada e chamou a atenção dos produtores para que não burlassem as regras estabelecidas. Estes pequenos desvios das normas geralmente causavam muitos transtornos entre os produtores e a representante da comunidade e eles comentavam que ela “se acha a dona da Feira”. Mesmo assim, com todas as reclamações e desconfortos ainda acatavam as suas falas e permitiam sua intervenção em todos os assuntos relacionados à Feira.

Pedro, nas entrevistas realizadas na sua propriedade, comentou as divergências identificadas na Feira. Para ele cada produtor deveria poder escolher o valor dos seus produtos: “Eu por mim vendia a alface a R\$ 3,50. Mas a gente tem que olhar que aquele carinha, se não vender a R\$ 2,00 não vai ter dinheiro em casa.” Segundo ele a tabela não deveria ser imposta, deveriam ser considerados os contextos de cada um.

Pedro também comenta que alguns produtores são ou estão mais motivados que outros, no sentido de conseguirem produzir mais, ou vender mais. E defende que cada um tem o seu tempo, está vivendo um determinado estágio na sua própria vida pessoal. Defende que quando, na Comissão, se estabelece uma situação de controle, de regra, está-se desconsiderando que aquela pessoa pode estar vivenciando alguma dificuldade.

*Somos famílias, trabalhadoras, que lutam, que constroem a agroecologia, mas que são diferentes entre si. No meu pensamento, algumas essências dessas acabam virando contradição. A disputa pelo cliente, por exemplo, na Feira, isso não faz sentido. E isso tá como pano de fundo de tudo. Se alguém tá autorizado ou não a levar um brócolis, a trazer uma couve flor... Isso não tem nada a ver. Se eu tiver bem, o outro*

*tem que tá bem também. Não adianta um tá bem e os outros sem nada.*

Estas questões não apareceram somente nas suas falas. Acompanhando o trabalho de Pedro, que é vinculado à uma Cooperativa, foi possível identificar, no depoimento de funcionários da mesma, seus subordinados, que a maneira como ele conduz o trabalho é totalmente coerente com este posicionamento, o que para os entrevistados, demonstra a busca de Pedro por justiça e igualdade.

Sobre as fiscalizações do MAPA, estas aconteciam sempre “de surpresa”. Os profissionais recolhiam alguns produtos, de bancas aleatórias (se houvesse alguma denúncia os fiscais pegavam produtos da banca acusada), e faziam os testes nos alimentos para identificar possíveis contaminações. Em uma destas visitas foi identificada a presença de produtos não permitidos na agricultura orgânica. As respectivas Cooperativas dos produtores foram notificadas e os produtores foram afastados da Feira.

Os produtores afastados eram justamente aqueles de quem o grupo desconfiava. Quando houve a comprovação de que estavam comercializando convencionais, alguns produtores queriam abafar a história e outros defenderam que fosse contada a verdade para os consumidores que perguntassem o motivo da ausência daquelas bancas. Pelo que pude perceber alguns preferiram não se manifestar junto aos consumidores e outros esclareceram o motivo real, mesmo sob pena de que a imagem da Feira fosse prejudicada.

Essa situação foi, possivelmente, uma das mais delicadas vividas pelos produtores, na Feira. Se a notícia se espalhasse poderia afetar negativamente a imagem “da Rômulo”. Por outro lado, o afastamento dos dois contraventores poderia reforçar a seriedade do processo de fiscalização e daquele ambiente como um todo. Naquela situação a força do grupo (o coletivo) não foi suficiente para chegarem a um consenso e, assim, cada um optou pelo que acreditava ser o menos danoso ou o mais impactante.

Os produtores mantiveram-se firmes aos propósitos de coletividade, sendo suas decisões acertadas sempre em grupo, por mais que em certas situações eles divergissem. Pude analisar que algumas questões contribuíram, entretanto, para que em determinado momento essa união fosse abalada. Fabio se afastou da comissão e também, ao que pude perceber, escolheu a neutralidade no grupo. Já não se via ele organizar as pautas, ou mesmo elencar questões importantes para a organização da Feira.

Por mais que o grupo manifestasse certa resistência a algumas de suas falas contundentes, proferidas nas reuniões de Comissão, ele, a partir do seu posicionamento, se estabeleceu como uma liderança importante para os produtores, mesmo porque, muitos deles não tinham intenção de manejar com questões que extrapolavam a sua produção e a sua banca, ou seja, alguns não queriam se envolver diretamente com os assuntos relacionados à administração da Feira, ou ao grupo, preferindo focar no seu trabalho específico. Ao se retirar, aparentemente, causou um certo esfacelamento na unidade do grupo.

É possível problematizar o comportamento destes sujeitos - envolverem-se ou não nas questões maiores, as questões do grupo - recorrendo à noção de *projetos individuais* (VELHO, 1994). Para o autor os projetos individuais dizem respeito ao que aquele sujeito tem em mente, deseja, projeta e não necessariamente envolve a coletividade, apesar de estar contido nela (o sujeito não abstrai o ambiente, a cultura que o ampara, mas a coloca em perspectiva). E, neste caso, é importante considerar o quanto este indivíduo é indivíduo e o quanto dele é o resultado da cultura em que está envolvido, ou seja, o quanto ele está imerso em uma construção social cultural que desloca o foco do sujeito priorizando o social. Assim também é possível correlacionar ao ensaio de CAILLÉ (1998) sobre o indivíduo contemporâneo à luz do paradigma da dádiva (MAUSS, 1974), em que o autor resgata a potencialidade de Mauss e sugere uma nova proposição - nem individualismo nem holismo. A partir da apreensão de CAILLÉ proponho que as negociações realizadas pelos nossos sujeitos produtores se constituem perante a

negociação cotidiana entre o que lhes é seu, enquanto pessoas com projetos, e o que diz respeito ao grupo, incluindo-se neste.

Durante esta pesquisa, outro fato exerceu importante impacto sobre os produtores e sobre as dinâmicas da Feira: a pandemia do Corona Vírus, ou COVID 19. Esta virose, que acometeu o mundo inteiro levando milhares de pessoas à morte e outras tantas a sofrimento, trouxe consigo a necessidade de distanciamento social, sendo decretado o *lockdown* (fechamento de todos os estabelecimentos comerciais) durante o início da pandemia (março de 2020), inclusive da Feira e, portanto, repercutindo em uma série de mudanças que afetaram diretamente a comercialização presencial. A economia do país foi bastante afetada e as repercussões foram e estão sendo absorvidas por todo o mercado e, de forma contundente, pelos produtores locais que trabalham com produtos mais caros, por serem orgânicos e não de larga escala.

As atividades da Feira foram suspensas por um mês para evitar as aglomerações na praça. Durante este período a Comissão da Feira, incluindo a representante da comunidade, a Carmem, negociou com a Prefeitura local a fim de viabilizar, com segurança, o retorno às vendas. Com muitas medidas preventivas a Prefeitura autorizou o retorno. A partir daquele momento as bancas precisavam ter 5m de distanciamento uma da outra; os produtores e consumidores deveriam permanecer de máscara e deveriam ser evitadas as conversas paralelas entre os produtores e estes com os clientes.

Todos estavam vivendo uma nova condição. A socialização, característica dos ambientes da Feira, não era mais possível. As reuniões de Comissão estavam proibidas para evitar aglomerações. A Banca de degustação, utilizada para divulgar produtos de todas as Bancas e promover experimentação dos produtos teve que ser suspensa e o que pairava sobre a Feira, outrora permeada pelas conversas, brincadeiras, trocas, risos e abraços, era o silêncio. A quietude daquele ambiente era avassaladora. Os clientes, poucos, que vinham fazer as compras estavam com medo e ficavam o menor tempo possível. O rigor dos protocolos

determinava o fim de uma das mais importantes características daquele ambiente: as trocas sociais. Naquele momento o que se sobressaia era a mais pura e simples comercialização.

Orientados a não saírem de casa por todas as autoridades sanitárias, muitos produtores, em especial os idosos, não vieram mais à Feira. Alguns ficaram até seis meses ausentes, aguardando a baixa do número de contaminações. A Tereza e o seu João, ambos com mais de sessenta anos, permaneceram um ano em *lockdown* total, o que resultou, ao final, em uma desistência definitiva da sua participação junto ao grupo.

A pandemia trouxe o medo, a desconfiança, o distanciamento e o arrefecimento das relações entre os produtores e destes com os consumidores.

Destaco, sobre a pandemia, três questões centrais como fator de análise sobre a construção destes indivíduos agricultores. Em primeiro lugar, os movimentos que buscaram ajustar as determinações do Poder Público e a viabilidade da Feira. Todos tiveram que lidar com uma situação inesperada e inusitada, presenciando as notícias de um mundo inteiro sofrendo as consequências de uma doença sobre a qual não se sabia praticamente nada e com o receio de contaminação nos ambientes da Feira. Mesmo atuando em um dos piores cenários, os produtores e a comunidade conseguiram se articular e manter o negócio funcionando. Eles acessaram todos os seus recursos para empreender as negociações com os órgãos públicos responsáveis. Acionaram a SMIC, a SMAM, e os representantes (inclusive políticos aderentes ao tema dos orgânicos) para a liberação da Feira e a apropriação dos protocolos. E conseguiram.

Neste caso se destaca o poder do grupo que se juntou a representantes de outras Feiras, otimizando a força do coletivo e recorrendo aos órgãos competentes para viabilizar o retorno, de forma segura. A experiência dos produtores que participam do MST foi muito valiosa porque estes sujeitos estão acostumados às negociações que envolvem poder público e comunidade facilitando, portanto, o processo

no que tange ao empenho e assertividade necessários para atingir seus objetivos.

No entanto, as repercussões da pandemia foram sentidas também nas relações sociais. A Feira teve que se adaptar em termos de estrutura física. O distanciamento mínimo entre as Bancas passou a ser de 8 metros, o que ampliou o espaço de montagem e, o que antes, era uma lateral da praça, passou a ser duas laterais. Desta forma, o que pude perceber, é que os clientes já não circulavam em toda a Feira, acabavam (talvez por medo da exposição por um período de tempo maior) se concentrando em uma ou duas bancas. Por outro lado, não houve mais reuniões porque a vigilância sanitária recomendou que não se fizessem aglomerações, e isso possivelmente tenha distanciado, também, os produtores uns dos outros.

Como a praça está situada em um terreno não plano, o início da Feira (a banca 01) fica na parte baixa, e as últimas estão na parte mais alta do terreno. O silêncio que se estabelecia durante a Feira, perdurava durante a montagem e desmontagem das bancas, e os produtores já não conversavam mais entre si. Alguns comentários paralelos começaram a surgir sobre aqueles que estavam praticando os preços mais baixos, aqueles que ficaram com os melhores lugares da Feira, os que ampliavam os seus espaços com caixas em locais indevidos e esse falatório se ampliou, originando no grupo uma separação: os de baixo e os de cima.

Os “de baixo” eram os produtores que permaneceram com suas bancas mais ou menos próximos ao seu local de origem (montagem das bancas antes da pandemia), e os “de cima” foram aqueles que tiveram que se mudar e, portanto, reclamavam que perderam clientes porque estes não chegavam até eles.

Em uma das conversas com a Carmem ela relatou que estava desanimada e que não sabia como reunir, novamente, o grupo. Para ela, eles tinham perdido o senso de grupo e isso se deu porque não foi mais possível trabalhar as relações sociais com eles, visto que só podiam chegar, vender e ir embora, de preferência em silêncio.

Eu percebia que os comportamentos já não eram os mesmos. As questões que antes eram tratadas coletivamente passaram a ser vistas individualmente, e em benefício próprio. Começaram a surgir “denúncias” para a Comissão da Feira, principalmente sobre aqueles que estavam com excedentes e vendiam os preços abaixo da tabela. E o clima, antes de cordialidade, começou a adquirir contornos de concorrência.

É importante destacar, em um contexto mais amplo, as dificuldades vividas no ano de 2020, pela maioria das pessoas. O mundo presenciou a devastação de vidas, de economias, de culturas - e todos precisaram se readaptar ao que foi chamado de “o novo normal”. Isso incluía o trabalho em casa (home office), o distanciamento social e a insegurança sobre a própria vida que estava, como nunca, em perigo. Além desta questão, o Brasil estava sob o comando do Presidente Jair Messias Bolsonaro que foi, para muitos, o pior presidente da história. Com tendências de uma política de direita, o governo cortou subsídios e incentivo para a agricultura orgânica, investindo pesadamente na agricultura convencional, sendo que, um terço de todos os agrotóxicos permitidos no Brasil (967 produtos) foram liberados em dois anos de governo<sup>33</sup>. Além do amplo incentivo à cultura de grande escala, a retirada de subsídios e apoio à agricultura familiar e orgânica representou, a partir deste governo, um retrocesso para este segmento.

Não somente no que diz respeito direto à produção de orgânicos, o governo Bolsonaro incentivou, também, o desmatamento para “a passagem da boiada”, como mencionou o então Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, em uma conhecida reunião de ministros da cúpula do governo. Tal incentivo à pecuária vai de encontro ao movimento orgânico e agroecológico, posicionamento que coloca o governo no extremo oposto a estas questões.

---

<sup>33</sup> Pedro Grigori - Agência Pública/Repórter Brasil | Bolsonaro bate o próprio recorde: 2020 é o ano com maior aprovação de agrotóxicos da história. Matéria de 18/janeiro/2021. <https://reporterbrasil.org.br/2021/01/bolsonaro-bate-o-proprio-recorde-2020-e-o-ano-com-maior-aprovacao-de-agrotoxicos-da-historia/> Acesso em 15/setembro/2021

Saliento, aqui, este cenário porque diz respeito diretamente à articulação da agricultura familiar e orgânica, que tem estreita relação com as medidas legais e sociais que viabilizam ou dificultam o desenvolvimento dos agentes que dela fazem parte. Assim, os produtores, como os demais segmentos de mercado, sentiram os impactos da pandemia, refletidos na economia, na saúde, e nas relações sociais que foram alteradas drasticamente.

A partir do próximo capítulo adentro as outras esferas da vida dos produtores, que dizem respeito, principalmente, aos espaços de convivência, trabalho nas hortas e relações pessoais.

## **4. COTIDIANO, FAMÍLIA E TRABALHO - DIMENSÕES DE AÇÃO E DE ATUAÇÃO**

Este capítulo se destina a apresentar outros aspectos da vida destes produtores orgânicos, para além do ambiente exclusivo da Feira Orgânica Rômulo Telles.

Para discorrer sobre suas construções acerquei-me de observações e conversas, por vezes entrevistas, junto aos sujeitos, utilizando sempre como orientador de meus questionamentos o interesse em saber como estes consolidavam seus saberes, práticas e discursos articulados com a agricultura orgânica e a agroecologia.

Na busca pelo reconhecimento destes sujeitos em suas dimensões mais amplas em relação ao contexto da Feira, elenquei as categorias Cotidiano, Trabalho e Família como principais para a investigação.

### **4.1 O cotidiano do produtor orgânico**

Adentrar o espaço em que se concebe o cotidiano de determinado indivíduo ou grupo analisado pode parecer, em um primeiro olhar, investigar os fazeres comuns a todo o dia, como o trabalho, o lazer, as relações que se estabelecem entre os indivíduos. E tudo isso faz, realmente, parte do cotidiano daquele(s) caracterizado(s) como investigado(s) neste estudo.

No entanto, o cotidiano que nos interessa nesta Tese é aquele que surge no atrito de todas as questões dadas no dia a dia e aquelas que aparecem sem serem anunciadas, ou seja, aquilo que não é esperado e faz com que os agentes desta trajetória tenham que refletir e reorganizar seus pensamentos e ações.

De acordo com TEDESCO (1998) o cotidiano é um espaço/tempo privilegiado para o desenvolvimento dos interesses das

ciências sociais uma vez que é neste cenário que os sujeitos precisam realizar sua vida concebida e sua vida vivida.

Quando o autor considera tais dimensões está indo ao encontro de possibilidades que existem nas intenções e, muitas vezes, nos discursos, mas que podem ou não serem realizadas nas ações e manifestações dos comportamentos. E este cotidiano, enquanto resultado de expressões apreendidas, não se faz apenas a partir dos projetos do indivíduo, mas é o resultado de interações e tensões que estes articulam junto a sua unidade familiar, seus pares no trabalho e a partir de relações que estabelece com outros sujeitos, em muitas situações, distintos e distantes de sua forma de conceber o mundo.

As socializações oportunizadas pelas incursões dos indivíduos em outras realidades e, atualmente, são muitas as possibilidades destas trocas, são convocatórias recebidas a cada novo conhecimento adquirido, a cada nova manifestação diferenciada analisada. Esta é, possivelmente, resultado e característica de um mundo em que as fronteiras são mais tênues, efeito da globalização, ou seja, oportunizam-se as trocas culturais que podem resultar em apropriações de outras formas de vivências.

Assim, o cotidiano, tão relevante para o reconhecimento dos sujeitos analisados, aparece como categoria de imbricações diversas em que a biografia (fatos vivenciados e relatados) se entrelaçam com as concepções apreendidas empiricamente no trânsito e nos encontros com outros agentes.

Para adentrar, portanto, este universo, é importante considerar os demais contextos já aparentes na pesquisa, como a inserção destes sujeitos rurais em situações urbanas, quando estudaram, trabalharam em atividades outras que não a lavoura, quando se articulam junto às Feiras e outros espaços de comercialização, quando debatem suas ideologias junto a grupos representativos do município, como prefeituras e outras representações legais. Mas é também imperativo os reconhecer no ambiente de domínio dos seus fazeres, quando estão junto aos seus, convivendo e construindo, naturalmente, o seu mundo da vida. Acerco-

me de dois autores principais para auxiliar a compreensão do cotidiano: Michel de Certeau (1998) e Erving Goffman(1985).

Para CERTEAU o interesse de estudo se consolidou, especialmente, no reconhecimento do dia-a-dia daquele que sinalizam ser “o homem comum”, desprovido de reconhecimentos, marginal aos interesses evidenciados pelas discussões centrais à sociedade, como o mercantilismo, por exemplo. Importa-lhe o homem simples, no qual se estabelecem as tessituras de uma vida, ancorada no presente (cotidiano) e percebida na perspectiva de si, mas em relação também ao outro.

Já em GOFFMAN encontramos as tramas do dia a dia na construção de si junto ao outro, na cotidianidade, em que o sujeito, assim como um ator, precisa estabelecer uma imagem, ou um personagem, a fim de gerar a percepção, ou credibilidade desejada.

Evoco, em especial, os dois autores, para entender como se consolida o universo de si nos cotidianos dos produtores orgânicos, na intenção de demonstrar e entender suas formações identitárias que incluem tanto as intenções quanto as ações não planejadas.

## **4.2 Falas, discursos e (in)coerências**

CERTEAU (1998), interessado no cotidiano dos indivíduos anônimos, assume a perspectiva de que o sujeito se constitui a partir de suas relações sociais. Assim, percorre um caminho em que busca entender como se estabelecem as construções que definem a pessoa, dentro do seu círculo social e a partir de suas manifestações. As enunciações do indivíduo e como constrói suas falas são analisadas, pelo autor, a partir, principalmente, da linguística, e constroem orientações para a composição das identidades que vão se forjando nesses cotidianos.

Procurei, ao longo da Tese, entender, assim como CERTEAU, como aqueles indivíduos analisados, agricultores, feirantes, se

reconheciam a partir de si mesmos e como edificaram, ou pretendiam, a sua unidade perante ao outro. Tal coerência manifesta em relação e para o outro é necessária, segundo GOFFMAN (1985), pois é a partir dela que o sujeito será acreditado no seu grupo de atuação e poderá, assim, forjar uma identidade que possa qualificá-lo dentro da coletividade da qual participa.

Muitas foram as oportunidades de verificar, na prática, as falas e os comportamentos, tanto nos ambientes que exigiam do emissor uma atenção maior ao que estava sendo emitido, quanto naqueles momentos em que, mais libertos das pressões sociais, conseguiam se articular de forma mais natural, parecendo serem menos comprometidos com a construção daquela "persona" idealizada.

O que pude perceber a partir da observação dos sujeitos analisados é existiam determinados comportamentos reservados a certas ocasiões. A Feira, em especial, se consolidava em um espaço em que os produtores se articulavam de forma mais controlada, pois estavam fora do seu habitat de domínio (a casa, o sítio, a cooperativa, os encontros com os vizinhos e parentes). Aqui, na cidade, precisavam reconhecer os códigos vigentes para que pudessem se inserir de forma mais natural e, possivelmente, serem melhor aceitos. Vários momentos, a partir de manifestações diversas, demonstraram o cuidado em ser adequado ao que o contexto exigia.

Em algumas situações, no entanto, e para alguns produtores, este "adequar-se" era, de certa forma, menos intenso. Conforme GOFFMANN (1985), os indivíduos constroem a sua vida cotidiana estabelecendo conexões com o outro, no entanto, para que tais conexões sejam possíveis, existe uma expectativa - do outro - que precisa ser cumprida, ou superada. Caso o sujeito não consiga demonstrar o quanto ele é preparado/adequado para ocupar a posição para a qual ele se propôs, ou foi designado, é possível que ele perca sua credibilidade e autoridade para desenvolver seu propósito.

Pude perceber, em vários momentos, as incoerências dos feirantes entre seus discursos e suas práticas. Não que isso seja anormal

no ser/fazer humano e cotidiano, mas destaco aqui porque pude acompanhar, em várias situações de tensão, a necessidade e o esforço dos mesmos a fim de obterem a credibilidade necessária para se tornarem autoridade naquele assunto (feira, produtos orgânicos, o valor do campo, entre outras temáticas).

Algumas questões pertenciam à Feira e aos produtores - as conversas sobre o orgânico, sobre a sustentabilidade, a amabilidade que se espera no atendimento, as explicações sobre o cultivo da terra, e outras tramas que estão imbricadas neste "fazer a feira". No entanto, outras tantas não pertenciam àquele contexto, como por exemplo, quaisquer manifestações que pudessem indicar que os produtores não estavam sendo "ecológicos".

É importante destacar que a percepção de "ecologia" se concentra em algumas atitudes dos produtores e também dos consumidores - que também estão construindo suas personas no ambiente da Feira - como por exemplo, usar o mínimo de plástico nas embalagens, ter uma banca que se caracterize como orgânica e isso inclui, por exemplo, incentivar o uso da *ecobag*<sup>34</sup>, ter o selo de certificação orgânica exposto na Banca e, claro, trazer sempre em suas falas o quanto a agroecologia e o orgânicos estão presentes em suas atitudes e nas ações que empreendem. Neste aspecto devo aqui ressaltar que as redes sociais (Facebook e Instagram) têm sido também um ponto de construção importante da identidade destes produtores, em especial, as redes sociais digitais da Feira.

No que diz respeito às redes sociais pessoais, alguns produtores as utilizam para discutir temas relacionados à agroecologia, à agricultura, aos produtos que estão plantando e colhendo naquele momento, mas a grande maioria que utiliza, por exemplo, a rede social Facebook<sup>35</sup>, usa apenas para a socialização com amigos.

---

<sup>34</sup> *Ecobag* são sacolas, geralmente produzidas de tecido, não descartáveis.

<sup>35</sup> O Facebook é uma Rede Social que tem o objetivo de promover interações entre pessoas e grupos. Atualmente o Brasil é o terceiro maior usuário desta rede, e 25% dos seus usuários têm mais de 45 anos, sendo que do total de usuários 53,3% são mulheres. Fonte:

<https://www.shopify.com.br/blog/estatisticas-facebook#:~:text=Idade%20m%C3%A9dia%20dos%20usu%C3%A1rios%20do%20Facebook%20>

Em alguns momentos conversei com os produtores sobre a sua utilização dos meios digitais. Cheguei a acompanhar, através dos seus perfis, como interagem no Facebook, principal veículo utilizado pelos mesmos. Identifiquei que suas postagens, de modo geral, tinham o objetivo de socialização, de apresentar o que estavam realizando na sua vida pessoal, sem grande preocupação com a construção daquele sujeito/identidade da Feira. Nestes ambientes digitais fazem partilha das coisas de casa, fotos suas ou de seus filhos e netos, retratam as comemorações, por vezes as festas da comunidade, e outras informações que têm a ver com o grupo de convivência. Ou seja, as redes sociais ainda não são centrais na sua construção como produtores orgânicos que atuam na Feira Orgânica Rômulo Telles.

Fui percebendo, no entanto, que a partir do trabalho de divulgação da Feira nas redes Facebook e Instagram, alguns produtores, em especial os mais jovens, filhos dos produtores da Rômulo Telles, e que acompanhavam seus pais no trabalho, começaram a explorar mais as possibilidades das redes. Percebi que alguns destes jovens abriram contas empresariais nas duas redes sociais e começaram a postar a produção, a horta, os produtos da agroindústria e a, realmente, construir sua identidade de comunicação nos meios digitais.

Durante o período da pesquisa foi possível identificar vários perfis profissionais sendo criados e, sistematicamente, melhorados para apresentar os produtos, a propriedade, a família trabalhadora rural. Esta mudança, tão facilmente percebida nas construções das redes sociais refletia, também, as transformações que os produtores estavam vivenciando nos seus perfis na própria Feira. Tanto em um quanto em outro espaço de construção de identidade e de apresentação - a Feira física e o ambiente digital - era perceptível o contínuo refinamento das manifestações, nas falas, nos comportamentos, nos diálogos estabelecidos, em especial com os consumidores. Percebia-se que esta construção se dava em cada experiência junto ao outro (clientes) e

também em relação a sua segurança pessoal, que de forma evidente, se mostrava mais firme.

Obviamente alguns produtores apresentaram, desde sempre, maior preparo nesta construção identitária. Conseguiram edificar, em defesa do orgânico e da agroecologia, a sua própria maneira de pensar e perceber o mundo. Certamente, no grupo analisado, as pessoas que mais se destacavam nesta proximidade com a agroecologia e que conseguiam, efetivamente, associar esta questão de modo direto a si mesmos, eram os participantes do MST.

Não desejo aqui afirmar que todos os produtores que fazem parte do Movimento, mesmo restrito à Feira em questão, consigam fortalecer-se a partir destes discursos, ou que consigam transmitir segurança e confiabilidade a partir dos seus conhecimentos associados à luta pela Terra, à importância da Terra e dos orgânicos, a sua dedicação em relação às causas sustentáveis. Definitivamente, nem todos possuíam a intenção e/ou a condição de articularem tais defesas em favor de uma identidade sua ancorada no orgânico e nas tramas que levam a este e o constroem.

No entanto, em relação àqueles que estabeleciam e demonstravam suas crenças, o que denominavam "ideologias", no MST, o faziam de forma excepcionalmente contundente e coerente (destaco que estou aqui analisando os discursos proferidos entre os sujeitos e seus pares e o sujeito e os clientes, me limitando a analisar, neste momento, o dia a dia a da Feira).

Nas reuniões realizadas na praça, junto à Feira, os produtores discutiam as questões pertinentes à organização daquele espaço de comercialização. Arrolavam assuntos como o espaço das bancas, o que cada produtor poderia trazer para vender, os preços praticados, entre outras questões. Estes eram momentos em que as construções de *personagens* (GOFFMAN, 1985) apareciam com muita evidência. Alguns se limitavam ao voto (sempre havia, ao final, a votação individual, mas o processo era acompanhado da defesa das escolhas), e outros sujeitos

usavam aquela oportunidade para erigir seu posicionamento em relação a questões diversas, que poderiam ou não estar na pauta.

Estas eram, para mim, uma das melhores oportunidades de entender as forças que estavam em jogo naquele ambiente. Em muitos momentos eu questioneei qual era o pano de fundo que permitia que aqueles sujeitos da Feira pudessem ocupar o mesmo espaço de comercialização, ou seja, me indagava sobre qual era a motivação que os unia - se é que existia alguma. Com o andamento da pesquisa várias informações foram se somando e reconheci que aquele ambiente era múltiplo, com formações diversas, com origens distintas e passei a orientar minhas investigações não para um todo unificado, mas para alguns pontos de convergência que, em momento algum chegaram a ser unânimes.

Eu poderia afirmar que o alimento orgânico era o mais importante fio condutor na equalização das motivações e interesses. No entanto, nem mesmo esta questão, que perpassava a todos, foi capaz de dar conta de promover uma convergência segura entre todos os investigados. Isso porque, nem mesmo esta temática era percebida de forma semelhante por todos os envolvidos.

Para alguns o orgânico se caracterizava por ser um outro modo de pensar a realidade, um futuro diferente daquele que está sendo construído pelo agronegócio. Um futuro que seja possível para "toda" a humanidade, orientado pela sustentabilidade, pela igualdade, pela busca de um mundo mais seguro - sob várias perspectivas, sejam elas econômicas, educacionais, trabalhistas, de lazer (trecho adaptado de uma das conversas com Julio, na vivência na propriedade).

Outros produtores, no entanto, buscavam no orgânico uma forma de sustentação da família, que alinhava a sua responsabilidade enquanto indivíduo junto ao seu grupo de atuação ao que tinha disponível: uma pequena propriedade, com recursos parcos de produção, e que poderia obter reconhecimento e lucro condizentes com o seu esforço. Para estes, o discurso da agroecologia tangenciava a produção orgânica, mas não era o seu foco.

E havia ainda o produtor que percebeu um mercado promissor nos produtos orgânicos, tanto nas hortas quanto nas agroindústrias, e passou a se envolver com o produto. O seu foco é o produto. Ele constrói os seus argumentos baseados em uma mercadoria que atende a um público interessado nos benefícios associados a esta oferta. A origem deste agente, entretanto, não é na terra, na agricultura, e alguns destes não vivem, no seu dia a dia, as lutas que consolidam o mercado de orgânicos no país, como por exemplo, a "militância"<sup>36</sup> em favor da agroecologia e contra os pacotes governamentais que favorecem o agronegócio.

Tais reconhecimentos e percepções sobre as diferentes motivações presentes na prática da produção orgânica me conduziram a buscar uma organização, uma classificação destes sujeitos. Assim, estabeleci as seguintes diferenciações:

- Ativista: é aquele produtor que se alicerça na agroecologia. Ele conhece, com profundidade, os aspectos fundantes do campo. Atua nos movimentos sociais e dissemina a informação, Busca o conhecimento formal e a agricultura é, para ele, uma prática de transformação social;

- Pertencente: estes produtores pertencem ao grupo, plantam dentro das orientações e determinações da produção orgânica, mas sua visão e atuação é, ainda, restrita a valores do produto e aos resultados tangíveis que conferem a ele a condição de sustentação sua e da família. Ele têm aderência aos benefícios da agroecologia, mas é tímido, ainda, em sua aplicação no cotidiano;

- Situacionistas: estes sujeitos não tem como foco a agroecologia. A sua perspectiva é mercadológica, e a produção orgânica é uma atividade rentável. Ele, no entanto, não assume responsabilidades

---

<sup>36</sup> o termo militância é empregado, em especial, pelos participantes do MST quando se articulam para defender as bases da agroecologia, contra governos, empresas do agronegócio e outras entidades que ameacem as temáticas associadas à sua luta pela terra.

com a ideologia agroecológica e usa o conhecimento para a produção, com foco na venda, e não na transformação social.

Estas diferentes percepções de mundo, de interesses e de valores distanciam os produtores entre si, mas, acredito, dificilmente são percebidas pelos consumidores. Alguns clientes se interessam e se aproximam de maneira mais sistemática, chegando a visitar a propriedade, trocando informações e outras possibilidades com os produtores e, talvez dessa forma, consigam perceber as diferentes ideologias envolvidas, que se constituem como posicionamentos identitários destes sujeitos. Mas no cotidiano da Feira estas motivações são envolvidas pela percepção de histórias semelhantes.

### **4.3 A vida social**

Algumas comemorações em datas especiais assumem um caráter muito relevante para alguns destes produtores investigados. Os aniversários, festas da comunidade, festas de colheita, todos se constituem em momento de confraternização em principalmente, em momentos de reunir aqueles que estão distantes, mas que continuam próximos, como parentes e amigos que não se veem há tempos.

Nestas datas se reúnem, em primeiro lugar, os parentes mais chegados, os vizinhos, e as pessoas “de fora” que foram se tornando mais próximas, como aconteceu com algumas pessoas envolvidas com a Feira, como eu e minha família.

*Figura 11 – Fim de semana, aniversário em Nova Bassano*



Fonte: a própria autora.

Uma das primeiras comemorações que pude participar foi a festa de aniversário de Tereza. Meses antes da data, dia 02 de fevereiro de 2019, ela já avisou aos convidados que faria a comemoração na sua casa, em Nova Bassano. Estes momentos foram muito importantes porque permitiram, como afirma BARROS FILHO (2000), entender os comportamentos a partir de sua origem, ou seja, onde acontecem, na vertente de suas manifestações. Para o autor o ambiente não se trata apenas de um espaço geográfico, mas de um contexto em que é possível o reconhecimento das forças sociais que atuam sobre os agentes, conformando seus comportamentos.

Poucas pessoas da Feira foram convidadas para a comemoração do aniversário, e foi possível perceber que esta escolha ensejava uma série de interpretações sobre quem são - os seus papéis sociais - naquele espaço de socialização e, principalmente quais eram os motivos, atribuídos por Tereza, para a escolha daquelas pessoas para a sua comemoração. O convite se estendeu às representantes da comunidade, incluindo a nutricionista da Feira, ao Fabio, que se tornou muito próximo à aniversariante, e à mim e minha família.

Realmente questionei o fato de ela ter convidado as representantes da comunidade e não tenha estendido o convite a nenhum dos produtores da Feira, mesmo que com alguns deles ela mantivesse proximidade. Cheguei à conclusão que aquele convite se dera em função da dedicação daquelas pessoas ao projeto da Feira e à sua representatividade enquanto sujeitos de articulações da Feira e dos produtores junto aos órgãos públicos, à comunidade, entre outros. Elas se dedicaram firmemente ao propósito dos orgânicos no Bairro e investiram, efetivamente, muitos esforços para que a Feira se firmasse junto aos consumidores e também aos órgãos responsáveis, como Prefeitura e MAPA.

MARCEL MAUSS, em seu Ensaio sobre a Dádiva (1974) problematiza a reciprocidade, os valores subjetivos e intrínsecos dos presentes, a obrigatoriedade da retribuição de forma comparativa (recebo algo como forma de dádiva, logo preciso preparar-me para a retribuição a partir de algo do mesmo valor ou mais relevante). MAUSS oportuniza, a partir deste texto, entendermos quais são os valores abstratos imbricados nas relações de troca, na ação do presentear. Para o autor a dádiva constrói uma relação de comprometimento entre os sujeitos - aquele que dá e aquele que recebe - colocando-os em posições de dívidas morais - não explícitas, em que se substituem entre si na relação de credor/devedor.

Assim, a partir de tais comprometimentos que se estabelecem de maneira não explícita, o convite para a festa de aniversário se constitui em uma dádiva entregue aos convidados, uma vez que a família

os recebe em sua casa, um espaço que é reservado aos que são íntimos da família, como uma demonstração de confiança e valorização. Destaca-se mais ainda, neste caso, porque o convite foi feito a poucas pessoas, conferindo destaque àqueles que foram os escolhidos para partilhar com a aniversariante deste momento.

Conforme previsto o aniversário aconteceu na casa da família, no interior de Nova Bassano. Tereza nos convidou para nos hospedarmos em sua casa, porém ponderamos que, naquele momento de festa em que haveria tantas pessoas junto à família, seria mais adequado nos hospedarmos em um hotel, na cidade (a 10 km do sítio da família).

Chegamos em Nova Bassano por volta das 14h da tarde e o Gustavo, irmão da Tereza, já nos esperava em um local combinado. Nos dirigimos, então, ao hotel, a fim de deixar as bagagens e rumamos para o sítio da família. Quando lá chegamos, por volta de 18h a festa já estava animada. A felicidade com que a família nos recebeu fez-nos sentirmos totalmente bem-vindos e eu estava muito satisfeita em ter conseguido adentrar, de maneira tão íntima, os espaços e as relações daquela família.

Este momento de observação foi muito importante. Era a primeira vez que eu realmente me inseria no ambiente de socialização cotidiana dos meus observados, uma vez que em outras ocasiões eu visitei outras casas, mas sempre como uma visita "técnica", para entrevistar, visitar a lavoura, mas nunca como convidada para uma comemoração e, mais ainda, nunca com tanto entusiasmo pela minha presença.

A confraternização aconteceu em um ambiente anexo à casa. O ambiente era simples, mas extremamente acolhedor. Três mesas compridas, de aproximadamente uns seis metros estavam arrumadas já com pratos, copos e talheres. Pratos e copos eram de plástico, descartáveis. Na lateral destas foram dispostas outras pequenas estruturas em que foram, mais tarde, colocados os pratos do "buffet". No fundo do salão havia um tanque de lavar roupas, de cimento, grande,

e onde uma água límpida, que foi encanada de uma fonte natural que passa lindeira à casa, corria todo o tempo.

Naquela noite não ingressei na casa principal, mas ela me chamou a atenção porque era bem próxima da estrada de chão que continua depois da residência e costura diversos “interiores” daquela região que se mostrava tão exuberante em sua natureza.

Ao chegarmos os demais convidados já estavam na festa. Além da família de Tereza, estavam também as três representantes da comunidade da Feira. Eles chegaram cedo no sítio e aproveitaram para fazer o que na Feira era chamado de “visita à propriedade”. Seu Ernesto me contou que eles foram na roça, fizeram questão de visitar todas as plantações e “se certificar” de que tudo vinha mesmo daquela propriedade. Quando ele comentou sobre isso, chamou-me a atenção o tom com que destacou este fato.

Realmente, no dia seguinte, pudemos constatar, em uma conversa com Tereza, que uma das visitantes foi indelicada quando destacou, ao analisar a lavoura, que a partir daquele momento poderia “defender” Tereza junto a alguns consumidores que duvidavam que eles produzissem todos aqueles tipos de verduras, legumes e chás que ofereciam na banca.

Era comum ouvirmos rumores sobre alguns consumidores que tinham desconfianças sobre os produtos serem orgânicos, sobre a variedade oferecida em algumas Bancas, e também em relação aos aspectos das frutas e verduras maiores, mais “viçosas”. Estas desconfianças nunca chegaram a mim diretamente pelos consumidores, mas eram trazidos, sempre, na figura de Carmem.

No dia seguinte à festa, ao resgatar o episódio ocorrido no dia anterior, Tereza se emocionou e afirmou que nunca imaginou que os consumidores duvidassem que eles eram honestos.

A revelação demonstrou que existe uma falta de confiança de algumas pessoas que frequentam a Feira em relação ao produto que é oferecido pela família de Tereza. Esta definição encerra o que, de fato, ficou exposto. Por outro lado, sob a perspectiva da família, em especial

da Tereza (seu Ernesto não se manifestou sobre isso), tal comentário atingiu um aspecto que, pelo que pude reconhecer ao longo de todas as interações com eles, é muito importante: a moralidade vivida (de dentro) e a percebida (de fora).

Quando alguém duvida, colocando sob suspeita o produto, o fruto do trabalho daqueles produtores, não estão falando apenas sobre produtos ou sobre o trabalho, estão falando da própria construção ética, moral e familiar (porque esses são valores construídos dentro da família). Foi possível depreender, nesta e em outras situações análogas, que o trabalho assume aspectos sagrados e, portanto, associados ao que é de mais valioso para estas pessoas. O trabalho é o que os constitui dentro de determinados padrões no grupo em que estão inseridos. No caso dos orgânicos, especificamente, que é um labor muito mais árduo e suscetível às ameaças do ambiente (visto que não podem usar químicos para prevenir ou acabar com quaisquer pragas), a simples insinuação de que a família pode estar “vendendo gato por lebre” é, possivelmente, uma das maiores ofensas que podem sofrer. A perspectiva da moralidade como um valor essencial do campo, das famílias camponesas, é abordado por WOORTMANN (1990), que destaca sua perspectiva:

*“...não se vê a terra como objeto de trabalho, mas como expressão de uma moralidade; não em sua exterioridade como fator de produção, mas como algo pensado e representado no contexto de valorações éticas. Vê-se a terra, não como natureza sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico, mas como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. Como patrimônio, ou como dívida de Deus, a terra não é simples coisa ou mercadoria.”  
(p.12)*

Ao evidenciar-se o questionamento de alguns consumidores sobre o trabalho, especificamente da família de Tereza, abriu-se uma ferida. Em minhas reflexões sobre esta revelação fiquei imaginando o quanto o comentário evidencia a hierarquia que, mesmo informal, permeia as relações. A “verificação técnica” do grupo, e o seu testemunho de que tudo está correto, é importante para que os produtores/feirantes sejam endossados por aqueles que não são *de*

*dentro*. Mas, outro aspecto, também possível, pode ter motivado a fala da visitante e se refere ao fato de ninguém estar imune ao julgamento e consequentes punições caso não esteja de acordo com as regras que constituem o que é o que não é orgânico - prova disso são as certificações entre pares.

De qualquer forma foi possível identificar, a partir daí, o distanciamento estabelecido entre Tereza e o grupo de representantes da comunidade, levando a crer que aquele comentário, feito em espaço/tempo inadequados, feriu aquela relação. Outro aspecto que, ao longo do tempo apareceu é que o encantamento de Tereza com a Feira e os seus consumidores, pode ter sido abalado com a revelação, uma vez que ela não tinha conhecimento sobre quem duvidara de sua idoneidade.

Durante a comemoração ficamos todo o tempo no ambiente da festa, convivendo, conversando e degustando as dezenas de opções que foram oferecidas pelos anfitriões. As comidas, aliás, foram uma parte central daquela socialização.

Enquanto os homens se reuniram em torno do churrasco, que estava sendo assado na parte mais aos fundos do ambiente, as mulheres ficavam conversando, no ora de pé, ora sentadas nas cadeiras em volta da mesa, sobre os mais diversos assuntos. Neste momento, procurei socializar com todas as pessoas, mas minha atenção estava mais direcionada para o mapeamento das dinâmicas que ali se estabelecia, além de, de certa forma, me admirar pela forma acolhedora com que a família recebia os visitantes e, também, pela felicidade estampada no semblante da nossa anfitriã e aniversariante.

Havia muitas opções de alimentação: o churrasco era o prato principal, tendo carnes de gado, porco e galinha e, além disso, também a degustação dos aperitivos como salsichão. No buffet, improvisado ao lado das mesas, era possível servir-se de massa(macarrão) ao molho vermelho, arroz, salada de maionese e muitas saladas verdes – tudo da horta, certamente.

Ao questionar nossa anfitriã sobre a variedade de receitas oferecidas ela revelou que tudo fora feito pela família: as duas noras, a

cunhada e outras parentas que estavam presentes trouxeram alguns pratos já prontos (salgados e doces). E outros alimentos foram preparados na tarde que antecedeu o evento, na cozinha da casa principal, mas sem envolver a aniversariante. Neste relato a família se destaca como uma só: no ritual que comemorava o aniversário todas se mobilizaram para que os convidados fossem muito bem recebidos – o que ficou claro que era o objetivo da aniversariante – mas também que ela própria pudesse aproveitar a ocasião.

É possível recorrer, novamente, MAUSS (1974) para pensar a relação de reciprocidade vivida dentro desta família. Filhos, noras, irmãos, cunhadas e sobrinhos, todos participaram do evento e, mais que isso, ritualizaram a preparação deste evento. Houve um momento anterior, do qual não participamos, em que foi promovida a “feitura” da festa. Por parte das mulheres foi organizada a casa, o ambiente que acolheria os visitantes no jantar, foram preparados os pratos que seriam servidos e foi realizada a limpeza antes e depois do jantar.

Aos homens ficaram reservadas as providências em relação ao prato principal: o churrasco. O abate dos animais não aconteceu naquele dia, mas foi realizado com este propósito. Neste momento, anterior, também os homens se juntaram para este ritual. Também os coube a compra das bebidas, incluindo cervejas e refrigerantes. A dádiva, de acordo com MAUSS, se estabelece entre os grupos que significam e ritualizam as trocas. Neste caso específico, um aniversário, houve mais que troca de presentes. A família ofereceu o seu trabalho, os alimentos que dispunham em suas próprias casas, os conhecimentos sobre a culinária (cada uma das parentas contribuiu com o prato que melhor sabia cozinhar) e, assim como no *Potlatch* de MAUSS, todos ali desempenhavam atividades que também tinham a intenção de surpreender os convidados a partir de seus dotes culinários.

Não houve, nessa ocasião, destaques especiais para a “defesa” dos orgânicos, ou mesmo qualquer discussão sobre o consumo de produtos não orgânicos. Foi possível entender que naquele ambiente, e de acordo com o tom dado pelos anfitriões, se estava em outra seara,

diferente da Feira, em que a socialização acontecia entre amigos, e não havia a relação produtores de orgânicos e consumidores dos mesmos. Ali, naquele ambiente e com a proposta de uma comemoração tão íntima, os assuntos foram elencados a partir de outras possibilidades, como se a máscara social a ser usada, conforme definição de GOFFMAN (1985), fosse outra. Para o autor, que propôs reflexões sobre as representações de papéis sociais que desempenhamos de acordo com o ambiente e com os demais atores com que estamos envolvidos, nos apropriamos de construções simbólicas e de manifestações distintas para compor personagens que possam dar conta de se adequar às demandas específicas de cada situação. Assim, me apropriando da perspectiva de Goffman, percebi que as elaborações que ocorriam na festa de aniversário, em muito se diferenciavam das relações e dos discursos da Feira.

Algumas pequenas amostras de descolamento de papéis (em relação ao contexto) ficaram aparentes nos pequenos detalhes captados das conversas cruzadas que se desenvolviam de forma fluida. Quando Marília, a nutricionista da Feira colocou massa e salada de maionese no prato, imediatamente o Fabio teceu um comentário sobre isto, destacando “até tu, Marília!?”. Ela ficou, aparentemente, um pouco constrangida, e argumentou que nem sempre está vigilante com o que come, e que é natural se permitir, eventualmente, alguns “exageros”.

Desejo destacar, nesta observação do Fabio, as tensões sociais e as expectativas alimentadas em relação ao personagem a ser desempenhado por cada um. Ao socializar, em determinado ambiente com o qual já se está familiarizado e onde se sabe exatamente qual é o papel a ser desempenhado todo o conjunto de discursos, comportamentos e ações parecem “naturalmente” convergir para a construção da coerência do indivíduo, no contexto e de acordo com o que se espera do mesmo.

Na Feira, por exemplo, o produtor sabe, de antemão, qual é o seu papel. Ele manipula as falas que o conduzem, de forma segura, a transitar entre os vários perfis de agentes que dele se aproximam. E o

faz, inclusive, acessando as várias possibilidades de conhecimento de que dispõe e que são esperados em cada nova configuração do ambiente e/ou dos seus interlocutores. Ao dialogar, por exemplo, com consumidores veganos, o produtor orgânico sabe que não deve adentrar assuntos que exponham que ele é consumidor de carne, ovos, ou leite e seus derivados. O consumo destes é uma prática velada, que deve ser reservada aos espaços de casa, na sua vida particular/privada. Isto porque o consumo destes alimentos vai de encontro à expectativa de alguns ativistas do veganismo de que o orgânico está imbricado do todo que constitui a ideologia vegana.

Em outras conversas, entretanto, quando o consumidor demonstra que não é adepto do veganismo (o produtor sabe que precisa ter esta sinalização) ele pode comentar sobre o consumo de alimentos de origem animal, poderá trocar receitas, falar sobre o churrasco temperado com as ervas orgânicas, por exemplo, e fazer estes dois universos dialogarem de forma natural (o que não aconteceria em uma discussão com não consumidores de carne). De acordo com GIDDENS (2000), "o 'prestar contas' refere-se à capacidades e inclinações discursivas dos atores, não esgotando as relações entre as 'reservas de conhecimento' e a ação." (p.17)

Diferente destes espaços já dominados, em que os agentes sabem quais são as construções racionais e simbólicas que devem ser acionadas para erigir o seu papel e a sua persona, são aqueles que ainda não foram experienciados e em que tais sujeitos precisarão entender como podem se estabelecer a fim de criar novas socializações, não perdendo, porém, alguns elementos básicos formadores de uma certa coerência que o qualifica. Seria, por exemplo, inaceitável, que na festa fossem oferecidas hortaliças que não viessem da horta. Quanto aos demais alimentos, visto que são "comprados", não se espera que sejam orgânicos. Neste caso, o consumo de carne também não é questionado, uma vez que apenas um nicho dentro da feira tem como narrativa o veganismo.

Assim como no episódio relatado sobre a Marília foi destacada uma ação diferente daquela normalmente assumida nos ambientes da feira, outras questões apareceram como um *deslocamento* no que diz respeito ao discurso e à prática, ou, sob outra perspectiva, sobre aquilo que é de um determinado espaço/tempo, discutido por GIDDENS (2000), quando defende que "(...) as intersecções tempo-espaço se encontram envolvidas em toda a existência social de maneira essencial."(p. 12).

Ao observar os diálogos e construções simbólicas que emergiam daqueles agentes uma, em especial, se destacou a ponto de se tornar "assunto" no dia seguinte. Foi possível perceber que as posturas foram resguardadas – por mais que houvesse interações entre todos, a conversa fluía de forma mais harmônica entre seus pares. E, por mais dicotômico que possa parecer, a temática da agricultura orgânica, da agroecologia, foi todo o tempo estimulada pelos "de fora", ou seja, pela comunidade da Rômulo Telles, enquanto que os produtores estavam construindo outras conversas, ora em tom de brincadeira, ora falando sobre a vida na comunidade local.

Em determinado momento, antes do jantar ser servido, uma das representantes da comunidade pediu a palavra e fez uma homenagem à Tereza, evidenciando o quanto aquela produtora era importante para todos nós e que, prova disso, era a nossa presença no seu aniversário. Ela assumiu, assim, um protagonismo. Mesmo que não fosse da família, ou que ninguém a tivesse designado para tal missão, sentiu-se na condição de "protocolar" aquele momento com um discurso. No dia seguinte, quando nos reunimos, novamente, na casa, eu, Tereza e Fabio, comentamos o fato as pessoas ficaram próximas aos "seus". Ou seja, quem era da cidade ficou com os da cidade e assim também os demais. Busquei entender, então, como os dois percebiam isso e ambos relataram se tratar de um comportamento de segregação, como se o fato de estar ali tornar as pessoas (na percepção dos dois interlocutores) parte daquele grupo e. Ou seja, mesmo em um ambiente e situação bastante íntimos, ainda se mantinha a distância. No meu caso fiquei junto à família da aniversariante porque era meu foco de interesse para

essa pesquisa e, certamente, eu já tinha mais proximidade com a família que os demais.

Desta conversa surgiram pontos interessantes a serem aventados: da perspectiva de Tereza e de Fabio pode-se depreender que eles se sentem distantes e diferentes da convidada e se reconhecem – enquanto “iguais” entre si, neste comparativo; Ela é a sua alteridade, ou seja, ela é da cidade, é a comunidade (bairro da Feira), é a organizadora e a detentora de determinados protocolos que pertencem à cidade; Analisando os comportamentos de Carmem pode-se perceber o quanto ela trata com seriedade o papel que desempenha na Feira e junto aos produtores a ponto de não abrir mão desse personagem, mesmo em outros contextos.

Imbricados de conhecimentos tácitos e explícitos esses atores buscam, entre si, intersecções que possam favorecê-los nos diversos aspectos da vida vivida em grupo. Consolidam sistemas de colaboração mútuos que são organizados de acordo com *projetos* e que, nas práticas cotidianas, são estressados, rearranjados, negociados e, por vezes, reavaliados a fim de entender o quanto estão servindo aos seus propósitos. Na junção dos agentes que pertencem a ambientes diferentes – o campo e a cidade – se percebe que algumas das principais dificuldades se dão pela falta de conexões básicas: as experiências pregressas orientam muitas das escolhas. E, assim, partindo de vivências e saberes distintos, a *ação* que define o comportamento sofre interpretações carregadas de outros saberes e, conseqüentemente, de outras ações.

#### **4.4 Construções familiares - arranjos e rearranjos nas vivências coletivas**

Entre os entrevistados e observados nesta Tese pude conviver com casais que trabalham juntos, nas Bancas da Feira, com unidades

familiares em que pai, mãe e filhos atuam na Feira e, também, com jovens que vêm sozinhos para a Feira, mas que contam com uma família que produz, sendo os mesmos os representantes desta família naquele espaço de comercialização.

A concepção de família pode ser vista, de acordo com BOUDIEU (1996, p. 126), a partir de várias perspectivas, incluindo a forma como o Estado a concebe, o senso comum e, possivelmente o mais relevante para este trabalho, a maneira como cada família se percebe:

*...no discurso que a família faz sobre a família, a unidade doméstica é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimento e de ação e apoiado em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito a maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo econômico, a família é o lugar da confiança e da doação - por oposição ao mercado e à dívida retribuída - ou, para falar como Aristóteles, da *philia*, palavra que traduzimos frequentemente por amizade e que designa de fato a recusa do espírito calculista; O lugar onde se suspende o interesse no sentido estrito do termo, isto é, a procura de equivalência nas trocas. O discurso comum frequentemente (e, sem dúvida, universalmente, inspira-se na família de modelos ideais das relações humanas (em conceitos como os de fraternidade, por exemplo), e as relações familiares em sua definição oficial tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda relação social.*

A definição de família é, portanto, construída socialmente e, segundo o autor, o modo como se percebe esta unidade, atualmente, é muito recente. Esta amplitude conceitual e também prática das questões que cercam o cotidiano, emoldurando suas enunciações, dificulta sobremaneira a análise de determinados cenários e seus agentes, pois o pesquisador carece trabalhar sobre pontos de convergência que possam substancializar suas investigações.

Assim, mesmo considerando que as organizações familiares não se encerram em estruturas fechadas, podendo variar em amplitude, em graus de parentesco, em relação às proximidades que se formam mesmo sem laços consanguíneos, é necessário estabelecer recortes que estabeleçam definições confortáveis para o que se pretende discutir.

Reconheci, portanto, em ALMEIDA (1996) uma proposição segura para realizar as intenções das análises aqui estabelecidas. Para o autor, a família pode ser caracterizada pela unidade familiar, ou seja, as pessoas que convivem no mesmo teto e que têm ou não algum grau de parentesco. A outra perspectiva pode ser tida como aqueles indivíduos que possuem parentesco, mas que não necessariamente coabitam. A definição de que me cerco para analisar os indivíduos estudados é a que considera família como as pessoas que habitam o mesmo espaço, possuindo algum grau de parentesco, ou que estabeleceram matrimônio, ou mesma foram assimiladas a este grupo como parte da família (no caso de adoção). Assim, ao mencionar a família estou considerando, conforme ALMEIDA, a unidade familiar.

#### **4.5 Os filhos**

Durante toda a investigação ficou evidente a influência e a presença da família junto a estes indivíduos. As suas construções identitárias são dadas, vivenciadas e percebidas a partir das referências culturais que envolvem o seu grupo mais próximo. E, por mais que isso possa parecer natural, e possivelmente óbvio para quem esteja acessando esta informação, esclareço o destaque desta questão pois não se trata exclusivamente de ser suscetível à influência do meio, mas de articular a sua existência a partir do exemplo, em especial dos pais, seguindo seus passos e orientando sua existência de acordo com os mesmos valores e objetivos estabelecidos anteriormente, pelos progenitores.

Uma discussão recorrente nos trabalhos que envolvem família rural são as dissidências dos filhos de pais agricultores (BRANDÃO, 1999; WANDERLEY, 2000; Woortmann, 2018;). Acostumados a ver as dificuldades enfrentadas pela família, é comum que a geração atual busque outras formas de sustento, geralmente associadas à busca de

qualificação a partir do estudo e ao ingresso no mercado de trabalho, com migração para as cidades mais próximas ao local de moradia da família.

Figura 12 - Família



Fonte: a própria autora.

Foi possível identificar empreendimentos que seguiram esta ordem, em relação aos filhos de alguns dos agricultores. No entanto reconheci algumas distinções em relação a este comportamento. Em primeiro lugar, apenas uma das agricultoras jovens acompanhada nesta investigação, iniciou sua vida profissional na cidade, trabalhando como vendedora de loja. Mesmo tendo buscado este caminho alternativo, ela logo regressou para a casa dos pais e passou a dedicar-se exclusivamente às lidas na horta e na comercialização dos alimentos na sua região e na Feira Rômulo Telles.

A maioria dos jovens, filhos dos produtores da Feira, estão vinculados ao trabalho agrícola, na propriedade, junto aos pais. Todos estudaram ou ainda estão cursando o Ensino Superior, mas optaram por graduar-se em áreas com aderência à agricultura, em especial à agroecologia, privilegiando o conhecimento associado à sustentabilidade como base para a produção agrícola.

Esta constatação é de extrema relevância porque, em relação ao grupo estudado, demonstra a renovação do interesse e da esperança destes jovens, em relação à vida no campo. Apesar de muito se discutir o desinteresse das novas gerações em permanecerem no campo, o que vimos, a partir dos reconhecimentos aqui estabelecidos, é que estes jovens, iniciados na agroecologia têm interesse e estão imbuídos de dedicação a fim de dar continuidade ao legado dos pais.

É possível que a agroecologia esteja ressignificando o valor da vida no campo. Não somente isso, certamente, pois temos visto que a pós-modernidade promoveu muitas consequências indesejadas (GIDDENS, 1997), como por exemplo, a perda de identidades tradicionais que conferiam segurança aos indivíduos, colocando-os, a partir das mudanças promovidas, em situações de vulnerabilidade social e emocional. Assim, eles percebem que o alimento orgânico se consolida como um projeto de vida (VELHO, 1994) que pode possibilitar arranjos que conciliem tanto as vivências desejadas da cidade (frequentar a universidade, por exemplo) quanto a condição de manter-se na terra e fazer dela um negócio rentável e mais satisfatório do que a vida dos centros urbanos.

Em conversas realizadas com estes jovens foi possível coletar relatos que dão conta tanto das suas experiências negativas vividas fora de casa (sub empregos, baixos salários, falta de oportunidades para atuação em áreas/empresas estabelecidas nas cidades) e também do seu desinteresse por associar-se a produção de bens e serviços que não carregam a ideologia da sustentabilidade, da consciência ecológica, da moralidade presente na vida no campo (WOORTAMAN, 2018).

Os jovens filhos dos produtores rurais orgânicos da Feira articulam seus discursos e suas práticas (as que puderam ser identificadas) de forma coerente, defendendo que a vida no campo, na produção orgânica, além de ter viabilidade econômica, se apresenta como um caminho mais seguro para que consigam garantir a realização de seus *projetos* e *trajetórias* de vida (VELHO, 1994).

Luiza, uma jovem 28 anos, é responsável por uma das Bancas e, sozinha, traz os produtos todos os finais de semana para a Feira. Ela reside com o pai, em um sítio e lá, segundo ela, o pai planta o máximo de variedades possível.

Ela perdeu a mãe enquanto ainda era criança e o pai tomou conta de todos os sete filhos. Atualmente, todos já estão casados e residem próximos ao sítio, mas nenhum deles se envolve com a sua atividade e do pai. Relata que quando era mais jovem saiu de casa e foi trabalhar no comércio, em uma cidade próxima. “Eu trabalhava no comércio, mas eu queria mudar a minha vida. Não era aquilo que eu queria pra minha vida. Com aquilo eu não estava fazendo diferença nenhuma, pra ninguém.”

Durante as conversas realizadas com Luiza, na Feira, os valores de família e da sustentabilidade associadas ao trabalho apareciam de modo muito forte. Ela contava a história e costurava a mesma com uma reverência muito forte ao pai que, segundo ela, é um símbolo de força para toda a família. No trabalho na Banca, Luiza se destacava, demonstrando conhecimento sobre as ervas, as suas propriedades, e apropriou-se dos conhecimentos sobre as PANCS, uma das principais ofertas da sua banca, se tornando, para muitos clientes, a principal referência em ervas aromáticas e temperos.

Luiza, no entanto, nunca demonstrava orgulho sobre si mesmo, seu trabalho, seus conhecimentos. Sempre que poderia fazê-lo evidenciava o pai:

*...ele é importante aparecer porque... eu sou responsável por vender. Mas, e quem é que produz? Às vezes eu até penso em colocar uma foto dele ali na Banca, sabe!? Porque é ele que produz. Eu queria que ele estivesse aqui porque eu sei que ele gostaria de explicar para as pessoas o valor do orgânico. Para que as pessoas realmente comprassem o orgânico por saber que aquilo foi produzido com cuidado e para a saúde das pessoas. (relato verbal, na Feira)*

O trabalho em família evidenciou-se neste grupo de agricultores. Foi possível identificar muitos formatos nestes arranjos, dependendo da idade dos filhos e da fase em que se encontram.

Alguns estão ainda estudando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, já outros estão cursando a faculdade, e existe já os jovens que cresceram trabalhando com os pais, na lavoura, mas que seguiram, paralelamente, estudando, já se formaram, e hoje são os principais responsáveis pelos processos de comercialização.

Alguns destes filhos já assumiram as bancas, e percebe-se que, assim, receberam, também, uma representatividade maior na unidade familiar. Tomam as decisões com mais autonomia e conseguem articular as negociações com os clientes, assumindo, também, a ordem dos discursos, defendendo com afinco a produção orgânica e as práticas agroecológicas.

Um destes jovens, de 23 anos, está fazendo formação em agricultura biodinâmica, que considera conceitos relacionados a todos os elementos centrais do planeta: fogo, ar, terra e água, de forma interligada. Este jovem aplica os conceitos na sua própria produção, na horta, e aciona tais conhecimentos para conferir valor ao trabalho, na Feira. Ele evidencia a família, salientando que o trabalho tem êxito porque é realizado em grupo, e onde todos sabem o seu papel e contribuem da melhor forma para que todos possam realizar de forma efetiva aquele que, segundo ele, é uma missão: melhorar a condição de vida na Terra.

O que se pode depreender, portanto, é que a agroecologia descortina um horizonte de ressignificação da Terra e de seus fazeres, para estes jovens. O que, possivelmente, venha a caracterizar uma nova agricultura, para um novo segmento de pessoas mais conscientes e socialmente atuantes.

#### **4.6 Família como a base de tudo**

A agricultura familiar, como a própria nomenclatura sugere, é um trabalho que se realiza coletivamente, envolvendo-se não todas, mas a maior parte das pessoas que compartilham a casa.

As famílias analisadas neste estudo são constituídas por mãe, pai e filhos. Em um dos casos, já destacado, a mãe faleceu enquanto os filhos do casal ainda eram pequenos, e o pai se responsabilizou pela criação dos mesmos. A maior parte dessas famílias têm até dois filhos, e no caso de uma delas, estes dois filhos são adotivos.

O que se pode depreender de tais informações é que, neste grupo, as construções familiares são tradicionais, apresentando uma estrutura convencional, em que um casal contrai matrimônio e, ao longo da trajetória, optam pelo aumento da família, a partir dos filhos.

Em todas as entrevistas pude registrar uma expressão advinda dos entrevistados. A todos eu questionei: "o que é a família?" E todos, sem exceção, responderam que "a família é a base de tudo".

Esta expressão, usada de forma padronizada, chamou-me a atenção porque tanto os mais jovens (filhos) quanto os pais proferiram exatamente a mesma frase. E, considerando que o método empregado para a investigação foi a etnografia, sempre fiquei muito atenta às expressões e gestos dos respondentes em busca do que poderia conferir-me mais subsídios para a análise. Portanto, em especial nesta questão, pude perceber que os respondentes paravam, como se estivessem dando mais atenção ao tema, desviavam o olhar por alguns segundos, como a refletir sobre o que responder e, finalmente, afirmavam esta relevância da unidade familiar.

*Figura 13 - Festa em família*



Fonte: a própria autora.

A família é o que lhes confere segurança de atuarem no campo, de desenvolverem seus projetos e de buscar, também, distinção dentro destes contextos. Isso porque, principalmente, existe uma união muito forte entre estes elementos, formando um círculo de proteção que lhes dá a condição de fazerem suas escolhas.

Esta é outra questão que emergiu nas entrevistas e observações: os pais não demonstraram exercer pressão para que os filhos sigam o mesmo caminho, como agricultores. Pelo contrário, deixam claro que a vida no campo é pesada, cansativa, que oscila entre períodos mais tranquilos e outros que precisam se rearticular para conseguir sobreviver.

Já os filhos se sentem amparados e fazem escolhas baseados nas experiências junto à família. Todos demonstraram muito orgulho dos pais, e um interesse genuíno em dar continuidade àquele legado.

Outra questão a ser destacada é a proximidade, também, com os avós. Por mais que, eventualmente, os avós estejam distantes fisicamente, mas existe e se perpetua uma relação de proximidade. As visitas aos finais de semana são frequentes e, em alguns casos, estes

fazem parte da unidade familiar, atuando ativamente no trabalho, e nas decisões familiares, junto aos filhos e netos.

## 4.5 Trabalho

O trabalho, uma das categorias principais escolhida para analisar os produtores orgânicos, considero como uma das dimensões mais importantes da vida destes sujeitos que esta Tese se propôs a estudar.

Posso considerar, por todas as informações e conhecimentos adquiridos neste período, que o trabalho, para estes homens e mulheres e, por consequência, para seus filhos e pessoas próximas, é o que os diferencia de outras pessoas, porque é a partir dele, especialmente, que se forjam as suas identidades. Para CASTELLS,

*No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (2018, p. 54)*

Apesar da difícil classificação dos sujeitos contemporâneos a partir de uma identidade única, visto que vivemos uma sociedade heterogênea, o reconhecimento da *práxis* (BOURDIEU, 2000) dos produtores consolidou uma importante hipótese aventada no início desta investigação: a de que os valores construídos socialmente, por estes sujeitos, são diretamente estabelecidos e difundidos a partir do seu trabalho atrelado à agroecologia e ao produto orgânico.

E, por mais que algumas destas pessoas não estejam diretamente envolvidas nos trabalhos das hortas, da plantação de arroz ou, dito de outra forma, com as mãos na terra, mesmo assim, estão entrelaçadas com o fazer orgânico e os valores simbólicos contidos no mesmo.

Assim, entendendo que é importante promover este recorte, apresento que considero serem estes valores que são evocados em situações diversas (e que já apareceram, também, nesta Tese), pelos produtores, como construção de um *campo* de atuação, como diferenciação em sua própria construção, e como *significado* de sua existência.

Para Castells, o *significado* é a “identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (2018, p. 55). Tal definição auxilia a compreensão do trabalho na agricultura orgânica como um projeto que está imbuído de significado, e que confere uma identidade valorosa a este sujeito, que passa a se articular a partir de movimentos, de posturas, de falas e de ações que demonstrem a sua coerência e pertencimento àquele contexto.

O trabalho é, portanto, o que edifica e consolida os valores deste grupo, mas não estou arrolando o trabalho como um labor, mas sim o trabalho a partir das subjetividades que estão nele contidas, e que dão conta de uma proposta coletiva que se compromete com um bem maior: a vida.

Figura 14 - Horta



Fonte: a própria autora.

A vida, para a agroecologia, é central. E esta afirmação não se trata de uma linguagem figurativa, mas é o que ouvi ao longo das muitas conversas e observações. Estou apresentando “vida” considerada a partir das falas destes representantes da agroecologia, e dos orgânicos, que entendem a mesma a partir da saúde, da natureza, da igualdade de condições, do cuidado com o próximo, do preparo do mundo para as próximas gerações, e da construção de si para atuar em favor da vida.

O trabalho na agroecologia e, para alguns, a partir da produção orgânica, abrange o que eles acreditam que têm de melhor a oferecer e, por isso, é central em suas vidas. Obviamente outros valores, em especial os aqui já elencados, como a família, se somam a essa dimensão da vida para dar sustento às suas identidades e formar seus papéis sociais, “(...) pode-se dizer que as identidades organizam significados, enquanto os papéis organizam funções.” (CASTELLS, 2018, p. 55).

A dimensão trabalho é, neste capítulo, apresentada na perspectiva destes sujeitos, mas buscando entender da melhor maneira,

como se constitui em sua formação junto aos vários atores e contextos sociais em que atuam.

## **4.6 Sobre os filhos e o trabalho**

Uma questão recorrente nas conversas da Feira, não junto aos clientes, mas entre os produtores que têm filhos menores: o envolvimento das crianças na produção agrícola. O trabalho agrícola infantil é tido como uma contravenção grave, sujeito a multas e punições, sendo monitorado pelo Estado e por ONGs de proteção à criança. De acordo com a Fundação Abrinq, “85,5% das crianças de 5 a 9 anos em situação de trabalho infantil estão em atividades agrícolas.”<sup>37</sup>

Os produtores afirmam que não fazem a criança trabalhar de forma sistemática, mas percebe-se que existem atividades destinadas aos filhos, na propriedade. Ao realizar uma das imersões em campo identifiquei que algumas tarefas eram destinadas aos jovens (12 e 15 anos), como tratar os bichos, fazer a irrigação manual de algumas plantas que ficam no entorno da casa e, eventualmente, em momentos de muita demanda, auxiliar na horta, na plantação e na colheita para levar à Feira.

Estas atividades são consideradas menores, fáceis de serem realizadas e, portanto, adequadas à capacidade de trabalho infantil. Um dos produtores relata: “o guri tava lavando a máquina, no galpão, enquanto eu colhia os produtos pra trazer. Chegou a fiscalização e me multou. Ele nem tava na roça, mas eles não quiseram nem saber. Aí você pensa: o que essa gurizada vai fazer quando tiver idade pra trabalhar, se eu não posso nem ensinar a lida pra eles?”

---

<sup>37</sup> Texto presente no site da Ong Livre de Trabalho Infantil, no link: <https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/trabalho-de-criancas-no-campo-cresce-e-preocupa/>, matéria de 12/06/2017, acesso em 2/12/2021.

Em outra situação em que entrevistava uma das famílias, na propriedade, os pais de duas crianças, uma de 7 e outra de 10 anos, explicaram as atividades desempenhadas pelos filhos. Para eles era uma responsabilidade das crianças alimentar os animais que ficam próximos da casa (galinhas, gatos, a vaca leiteira); aguardar o pai fazer a ordenha e trazer o leite para a casa, colher os alimentos que serão utilizados pela família na refeição, lavar a louça, organizar os seus quartos e ajudar em outras tarefas domésticas que são definidas conforme a demanda.

Percebi que a organização das atividades, do trabalho da família, é feita buscando considerar a condição/possibilidade de cada membro. Se o pai trabalha fora, ou seja, se tem outra atividade que não se relaciona à horta, cabe à mãe e aos filhos lidar com esta. A responsabilidade com as atividades domésticas continua sendo da mãe mas, em especial nas famílias pertencentes ao MST existe uma divisão bastante igualitária que não torna mais oneroso o trabalho da mulher nas lidas da casa. A divisão do trabalho é clara, mas o quê cada um vai fazer varia de família para família. Em alguns casos o homem é responsável por cozinhar, enquanto à mulher cabe cuidar da horta. Em outras situações a atividade é compartilhada.

Para estas famílias os filhos precisam participar, principalmente, porque precisam reconhecer suas responsabilidades e aprender com a prática. Eles são críticos, não à proibição do trabalho infantil, mas aos critérios que definem o que é trabalho infantil, na família. Um produtor, ao mencionar seus dois filhos menores, afirmou:

*Eles nos ajudam, assim como nós ajudamos nossos pais, sempre com responsabilidades de criança, claro, mas eles compartilham desse momento da família, gostam de vim nas festas da Feira, adoram distribuir os presentinhos para o pessoal da Feira. Os dois já têm suas plantinhas próprias, que fazem questão de cuidar para trazer para a Feira. Os ensinamentos dos dois se estendem até a escola onde passam para outras crianças a importância do consumo de alimentos saudáveis. E para casa trazem também informações que podem melhorar ainda mais a relação da família com um ambiente sustentável. A família é tudo nesse trabalho da agroecologia. (Pedro, 2021)*

As crianças que tive a oportunidade de acessar ao longo do trabalho também já acionam os valores contidos no discurso dos pais, sobre a sustentabilidade, o alimento puro, sem veneno, o cuidado com a água, com os recursos naturais. Quando se envolvem na plantação, na colheita, nas lidas domésticas entendem que tais atividades fazem parte do seu dia a dia, da rotina da família rural. Não que estas crianças e adolescentes promovam comparativos complexos entre a criança que mora na cidade e eles próprios, mas a sua convivência com outras crianças que não são do seu próprio meio acaba por estabelecer certos reconhecimentos e eles se sentem orgulhosos dos seus saberes e das suas responsabilidades.

Em algumas ocasiões pude identificar que as suas projeções de futuro são construídas tendo como base a sua vida no campo, trabalhando com as mesmas atividades que os pais. E esta questão, restrita a este grupo estudado, vai de encontro ao que já foi reconhecido por outros autores que estudam as famílias rurais (CARNEIRO, 2013; FREITAS E BOTELHO, 2011; SHNEIDER E NIEDERLE, 2008; WANDERLEY, 2000; entre outros), identificando que as novas gerações saem de casa em busca de outras formas de vida e de trabalho. No caso das famílias aqui estudadas reconhecemos o interesse em dar continuidade ao projeto dos pais e, mais que isso, de construir suas próprias formas de atuação, buscando novas tecnologias e possibilidades, como será possível identificar adiante, neste trabalho.

#### **4.7 E quando surge o orgânico?**

Todos os produtores deste trabalho viveram um período de suas vidas em que cultivaram produtos no sistema convencional. Seja quando ainda residiam com os pais (os mais velhos) ou os mais jovens, quando ainda pequenos, vivenciaram esta experiência.

Muitos e diferentes relatos dão conta de “explicar” o porquê de iniciarem-se no cultivo convencional: porque era mais fácil, porque “todos” estavam plantando daquela forma, porque naquela época não se tinha ideia dos problemas, enfim, várias situações emergiam destes relatos.

No entanto, ao serem questionados do porquê migraram para a produção orgânica, todos falaram sobre a questão da sua saúde e da saúde da família. Na sequência vinham outras explicações, como por exemplo, a influência da EMATER na sua região, incentivando a produção sem veneno, a responsabilidade com a terra, a natureza e a saúde das pessoas que consumiriam seus produtos e, mesmo de que modo discreto, alguns mencionaram a possibilidade de entrar em um novo mercado, mais valorizado.

Sobre o retorno à produção orgânica, Tereza relata que inicialmente, quando ela e seu Ernesto se casaram eles tinham o sistema de multiculturas, ou seja, plantavam todos os alimentos possíveis para a sua subsistência. E, naquela época, há 40 anos, eles não plantavam convencional, e acredito que não porque houvesse escolha, mas ele deu a entender que não tinha muito acesso, então plantavam como todos os outros da família: usando sementes da colheita anterior, sem uso de agrotóxicos. Ele afirma que era tudo orgânico, só que as pessoas não falavam em orgânico. “Não tinha essa palavra”.

O pai de seu Ernesto era proprietário das terras lindeiras, e era muito próximo, como são, geralmente, as famílias do interior. As tecnologias para plantação ou colheita ainda não existiam naquela época, e eles precisavam fazer tudo manualmente. Não tinham trator e aravam a terra com junta de bois, e até o ano de 2009 não trabalhavam com convencional, ou seja, não usavam agrotóxicos. Mas conforme a oferta de mercado foi surgindo, e outras pragas atacavam a lavoura, eles começaram a incorporar alguns venenos. Como eles não tinham tecnologias para aplicação, faziam com um galão manual que espalhavam eles mesmos. Os primeiros defensivos usados tinham o objetivo de impedir as ervas daninhas. Trabalhavam a terra, plantavam

e quando já estava com um tamanho um pouco maior passavam o veneno. E isso durou poucos anos conforme relata Tereza:

*"E aí um ano o Ernesto plantou tomates. Me lembro como se fosse hoje: Era de tardinha e ele estava preparando o veneno para passar nos tomate. Eu abri a janela e veio aquele cheiro do veneno. Aí ele veio pra dentro de casa. A noite ele foi no banheiro e quando ele voltou eu senti nele o mesmo cheiro. Aquele cheiro tava impregnado na pele dele. Mesmo tendo tomado banho, ficou. Portanto, tu imagina o quanto potente era. Ai eu disse pra ele: ou tu pára de plantar tomate ou eu vou estudar fora, né!? Ai com o incentivo da Emater foi começado com o orgânico" (relato verbal)*

Para ambos a EMATER foi a responsável por instigar os produtores da região a retomarem a plantação sem o uso de agrotóxicos. Mas, àquela época, a própria EMATER já articulava o discurso da produção orgânica, que era, na verdade, uma produção igual à que faziam antes, ou seja, sem herbicidas ou pesticidas, mas agora com uma nova "roupagem", conferindo um novo discurso no entorno destes produtos e, conseqüentemente, valorizando mais a produção e a própria construção deste agricultor que assumia um novo papel social.

O Brasil, em termos de políticas nacionais, àquela época, por volta de 2000, já discutia a produção convencional, e buscava, por meio de associações vinculadas à agricultura familiar, estabelecer uma relação mais valorosa sobre o consumo dos alimentos orgânicos.

No entanto, ainda não se tinha abundância destes produtos certificados, e também os consumidores ainda não tinham acesso a tantas informações sobre os benefícios do orgânico e/ou sobre os prejuízos do convencional. Mesmo assim, a família de Tereza optou por esta forma de produção porque entendeu que sua saúde estava em perigo se continuassem plantando com o uso de agrotóxicos.

Sobre a decisão entre plantar orgânico ou convencional os dois concordam que eles estariam tendo mais lucro se estivessem no convencional. Além disso, segundo Tereza, o convencional se planta, passa o veneno e não tem que cuidar da horta. E no orgânico, em muitos casos, eles nem vencem limpar a plantação. "É o dia inteiro lá,

capinando, replantando, colhendo o que já está pronto. É um trabalho muito manual,” E complementam: “Na cidade o pessoal não imagina o que é o orgânico. O convencional tem alface em 30 dias, o orgânico precisa de 60.”

Nossos respondentes ainda tiveram que lidar, na cidade de Nova Bassano, com outra realidade: a região era reconhecida pela produção convencional do tomate. À época, segundo eles (por volta dos anos 2000) não havia feiras orgânicas em Nova Bassano, e assim a venda era feita de maneira mais informal, “na rua”. Não havia também o processo de certificação, o que, atualmente, garante mais credibilidade à produção e ao produto.

Eles, portanto, representavam uma contra cultura, porque os agricultores queriam descredibilizar o orgânico dizendo que não era possível produzir sem agrotóxico.

O processo de certificação foi, portanto, essencial para que eles pudessem credibilizar o produto e a produção. Além disso, Seu Ernesto buscou qualificação junto a escolas da região que incentivavam a produção orgânica.

A decisão de produzir a partir de um sistema orgânico envolveu riscos, insegurança e muita determinação por parte destes sujeitos. Eles tinham uma grande parte do sistema social pressionando-os para atuarem conforme a maioria dos produtores da região. No entanto, assumiram o desafio e, mesmo diante das dificuldades, orientaram-se para o projeto em questão. O que está envolvido neste intento é a capacidade de atuação do agente (Ortner, 2007), o *poder* (VELHO, 1994) de transformar a sua própria realidade, mesmo sofrendo as tensões do meio, e um *projeto* (VELHO, 1994) que foi intencionado e aplicado para o atingimento dos resultados que desejavam. Neste caso, podemos perceber que a orientação de ambos para a sua atuação na agricultura orgânica foi mais forte que a cultura vigente da região que buscou enquadrá-los nas práticas da maioria dos agricultores.

Atualmente a propriedade é certificada pela Ecovida, mas eles relembrou que tiveram uma longa preparação no sítio até que

pudessem certificar. Sinalizaram, também, que o investimento é alto para este processo.

De acordo com o site da Rede Ecovida de Agroecologia, a Instituição se baseia pela certificação participativa que busca a credibilização dos processos e dos produtos, sendo articulada de forma horizontal, envolvendo os produtores, a comunidade e as instituições como associações, cooperativas e ONGs que formam Núcleos Regionais.

O que se pode identificar é que existe uma série de articulações muito bem articuladas para assegurar o processo de reconhecimento do produto orgânico que pode, ou não, estar inserido na agroecologia.

O MST, ao contrário do que se identifica com produtores que não estão vinculados ao Movimento, tem como base a produção orgânica. Os acampados, durante este período, já iniciam a discussão no sentido de entender como organizar a produção. De acordo com Julio,

*Quando você vai acampar, nas barraquinhas de lona preta, assim, tem os núcleos de base, que era o que nós tínhamos. Dentro dos núcleos de base formam os grupos de produção, que é o grupo que começa a discutir o projeto de assentamento. Nós tinha um grupo de produção, desde o início do acampamento. Nós já planejava a agrovila. O pai e a mãe moram em uma agrovila e é uma coisa maravilhosa, sob o ponto de vista político, econômico, porque as pessoas se protegem melhor, são mais solidárias, são menos distantes. E tendo os vizinhos há uma convivência.(relato verbal)*

O que se destaca é que, independentemente de terem, ou não, aderência à agroecologia ou à produção orgânica, o produtor vinculado ao MST, precisa articular-se dentro deste sistema. E, neste caso, o que se identifica, é o poder da Estrutura (Movimento) sobre o sujeito.

#### **4.8 Contradições: orgulho e enfrentamentos do produtor**

Nas observações junto aos agricultores foi possível identificar em suas falas que a produção agroecológica e orgânica devolveu para o

homem do campo o orgulho de ser rural. Conferiu-lhe o empoderamento de um trabalho que tem sido, em muitas instâncias reconhecido e valorizado. A agroecologia tem se constituído como uma categoria de afirmação do agricultor, que consegue, a partir deste fazer, realizar seu trabalho apoiado por diversas frentes sociais que edificam o trabalho e o sujeito desses fazeres.

No entanto, ainda existem muitos produtores que não conseguiram atingir resultados financeiros satisfatórios. É perceptível que cada família desenvolve o seu trabalho de maneira específica, a partir do que ele, ou a família conhece ou percebe que é o melhor, ou de acordo com o que é capaz de fazer.

O trabalho, nestas famílias, é limitado por suas experiências pregressas (o que já realizou dentro do campo da agricultura/agroecologia); pelas condições da terra que possui; pelos recursos financeiros e de mão de obra que dispõem e, claro, a partir de características outras que dizem respeito à sua própria forma de atuar neste campo de possibilidades que é a agricultura.

Além disso, se comparado com o agronegócio, desenvolvido em larga escala, o pequeno produtor rural considera que recebe poucos incentivos por parte do Estado, mesmo quando enfrenta adversidades climáticas, como geada, seca, chuvas intensas no inverno, e outros.

As dificuldades não se encerram, entretanto, em variáveis incontroláveis que dizem respeito ao clima, somente. Eles ainda enfrentam sérios embates com outras frentes relacionadas ao agronegócio. Em novembro do ano de 2020 o assentamento Santa Rita de Cassia II, em Nova Santa Rita, onde reside grande parte dos produtores da Feira Rômulo Telles, foi afetado pela pulverização de agrotóxicos, realizado por produtores convencionais, que são lindeiros ao assentamento.

A situação foi tão grave que o avião que pulverizava a lavoura do produtor contratante, fez voos sobre o assentamento, despejando “veneno” sobre as pessoas, as hortas e as casas, em uma clara provocação aos assentados.

Muitas famílias perderam toda a produção, pois uma vez que o produto foi pulverizado, ele não se caracteriza mais como orgânico e, portanto, não pode ser comercializado como tal. Um dos produtores perdeu toda a safra de tomate, uma das mais importantes culturas daquela propriedade.

Os advogados do MST foram acionados, e destaco aqui a importância do Movimento, pois mobilizaram-se e garantiram, na justiça, que fosse proibido o uso de pulverização por avião. No entanto, mesmo após a decisão judicial que proibiu esta prática, durante o ano de 2021 ainda ocorreram outras duas derivas<sup>38</sup>.

Em todas as entrevistas, as vivências nas propriedades do assentamento e na Feira este assunto foi recorrente. Os produtores destacavam a sua luta, as dificuldades enfrentadas naturalmente para produzir alimentos orgânicos e falta de apoio e proteção por parte das instituições que deveriam apoiá-los, enquanto trabalhadores.

em uma das conversas sobre as dificuldades enfrentadas na produção orgânica, em especial pelos representantes do MST, o entrevistado questiona:

*A gente tá consciente de que faz diferente (da agricultura convencional). Mas o que é fazer diferente? As pessoas que estão produzindo com agrotóxicos também são seres humanos, também estão trabalhando, também precisam sobreviver. Mas Quem produz com agrotóxicos tá pensando nele. Tá pensando na sua vida. Quando a gente entra no movimento tem um campo mais amplo. A gente estuda a história, a gente se envolve o todo, com as pessoas, com a natureza. O cara que planta convencional ele tá pensando em como ganhar mais dinheiro. E ele não devolve pra sociedade. Então, a gente é diferente. E por que incomoda tanto produzir orgânico? A gente não tá ameaçando o lucro do agronegócio. Mas a questão é ser do MST. É pior ser o MST. Porque tudo isso é cheio de preconceito. E não é só fora do Movimento. No nosso meio também tem gente que se acha ...*

Existe, portanto, em especial para o grupo de agricultores que pertence ao MST, outras barreiras que estão relacionadas ao trabalho, mas que pertencem à ideologia do Movimento. Na sua percepção eles

---

<sup>38</sup> Deriva é o nome dado à pulverização aérea, quando o agente não atinge o alvo, sendo desviado, em geral, pelo vento)

permanecem em luta com a sociedade (ou ao menos com uma parte dela) que os percebe como ameaça e que construiu um estereótipo sobre um Movimento que invadia propriedades privadas, que ameaçava as famílias, e que tinham como característica a violência.

Assim, a produção orgânica está imbricada de tensões que remetem às injustiças sociais, à perda de identidade do pequeno agricultor, e a uma luta que continua, agora em outras instâncias e com outros argumentos, em favor de um sistema que diminua a desigualdade e promova o bem estar social.

As questões arroladas pelos produtores na Feira, e resgatadas durante as entrevistas, dão conta de uma forma específica de conceber o trabalho, a sociedade, a família e o Estado. E o Estado está intimamente ligado à economia:

*É a economia que determina a organização social, então o orgânico precisa ser viável...o orgânico vem crescendo muito, mas o que nós defendemos é que ele tem que estar vinculado com uma concepção de vida, com a agroecologia, com o cuidado com as pessoas, a natureza, não dá pra apoiar as queimadas, o lixo, os agrotóxicos. O produzir orgânico tem que estar vinculado a um projeto de sociedade. Não pode ser vinculado a um projeto somente econômico...é você comprar adubo orgânico da Basf, aí você sai de uma cadeia de agronegócio convencional e cai em uma cadeia de agronegócio orgânico. E fica refém das corporações. Precisa discutir outras coisas da sociedade, vinculada com a vida, com a natureza... Nós sabemos que a economia determina, mas o Estado, principalmente, tem que garantir que não seja só isso. (Julio, relato verbal)*

A perspectiva destes agentes é de que eles estão envolvidos com um trabalho que tem uma missão maior que a de simplesmente promover a subsistência deles próprios enquanto indivíduos. A sua organização, no MST, principalmente, amplia os debates para a amplitude social.

A consciência de classe, a conscientização sobre as responsabilidades dos agentes envolvidos e a argumentação construída sobre o seu ser e fazer no mundo do trabalho e no cotidiano se estabelece a partir das experiências pregressas, que incluem a participação da

família desde o início dos movimentos da reforma agrária e, a partir dos estudos sobre a história da agricultura no Brasil, e no mundo.

É possível que estas perspectivas, que apresentam o homem do campo a partir de valores outros que aqueles imaginados sobre o camponês, simples, humilde, “não letrado”, seja possível, em parte, devido a ampliação de seus horizontes educacionais. Todos os agricultores arrolados nesta Tese frequentaram a escola (grau mínimo de instrução até o Ensino Médio) e muitos deles cursaram Ensino Superior. Grande parte dedicou-se a cursos vinculados à agricultura, como técnicos agrícolas, agrônomos, e administração voltado para a agroecologia, sendo esta última em formação pelo MST.

Os agricultores que não fizeram graduação continuaram seus estudos a partir de extensões direcionadas a necessidades específicas do seu trabalho, como preparação do solo, técnicas de plantio, produção orgânica e sustentável, técnicas de biodinâmica, entre outras.

Estas informações são relevantes porque demonstram que o homem do campo, diferente daquela família camponesa retratada em décadas passadas (CARNEIRO, 2013) já apresenta diferenças significativas, pois estes indivíduos buscam e efetivamente acessam conhecimentos formais, a partir de Escolas Técnicas, Instituições como Emater e IRGA, faculdades e cursos fomentados pelas Cooperativas e Associações às quais estão vinculados.

Uma das entrevistadas, Tereza, concretizou sua graduação em Letras, tendo que se deslocar de sua cidade de origem, Nova Bassano, para realizar o curso. A graduação, feita aos 17 anos, foi subsidiada pela família. No entanto, este exemplo é único no grupo de produtores (no que diz respeito aos produtores pais, não aos filhos, a nova geração).

Mesmo tendo saído de casa e vivido outras experiências em uma cidade maior, ao finalizar o curso ela voltou para a pequena comunidade de origem e ingressou, através de concurso, na Escola Municipal, no interior do município. Apesar de ser filha de agricultores, e os seus pais terem dificuldade de subsidiar a formação, ela foi incentivada a estudar fora, e também buscar outra área, a sua de

interesse, a que ela tivesse mais afinidade. E, mesmo após casar-se e já ter dois filhos, continuou os estudos, ingressando em uma pós-graduação, em língua Portuguesa, nas cidades de Caxias do Sul, finalizando em Torres.

Atuou como professora Municipal até aposentar-se, mas conciliava o trabalho na escola, com a maternidade e o cuidado com a casa. Nesta época, quem cultivava a horta para consumo e comercialização era o marido, que levava os dois filhos pequenos para o roçado, intercalando o trabalho com o cuidado dos dois. E aqui faz-se necessário discutir que os arranjos que esta família promoveu foram específicos dentro desta família. A observação da família de Tereza demonstrou que os estereótipos construídos socialmente, e presentes no imaginário dos cidadãos, em especial, sobre o papel do homem, o papel da mulher, o trabalho no campo, a família campestre, não se confirmam quando conhecemos a história de vida de Tereza e seu Ernesto.

Em muitas atividades eles alternam os papéis “esperados” de cada um, e se organizam a partir de suas necessidades, conforme os arranjos que eles próprios negociam. Não quero, com esta constatação, defender que não existe, nesta família, influência de padrões sociais e culturais, mas que existe, também, em especial considerando a família campestre, rica em tradições, uma flexibilização das estruturas em função dos arranjos necessários e negociados pelo casal.

A partir dos seus relatos é possível identificar que muitos dos seus projetos de vida se concretizaram, ou seja, eles conseguiram estabelecer seus objetivos e, mesmo vivenciando muitas dificuldades, e promovendo os ajustes necessários, atingiram os objetivos centrais de tais empreendimentos. Estas afirmações e identificações em campo constatarem que os dois utilizaram suas *agências* (GIDDENS, 2000) para estabelecer formas diferentes de realizar o cotidiano, em relação àquelas praticadas pela sua família e por seus pares.

Tereza relatou que chegou a pensar em sair da pequena cidade, e dar aula em Erechim, por exemplo, mas segundo ela desejava manter-se próxima da casa, da família. De acordo com a professora/produtora,

a vida no interior fazia sentido desde que ela conseguisse colocar em prática o projeto da docência. Mas a ruralidade implica conviver e fazer a gestão das atividades que se apresentam na propriedade. Estes agentes, portanto, mesmo que desenvolvendo outras atividades que se complementem, ou que se configurem como a renda principal, são impelidos a realizar a manutenção da casa e da lavoura.

SCHNEIDER (2003), ao estudar o trabalho no campo e as possibilidades que cercam as novas ruralidades no Brasil analisa os conceitos já estabelecidos em tal discussão, e trazidos por autores que se acercam deste assunto. O autor considera, para o estudo, os termos *part-time farming* e pluriatividade, apresentando as diferenças entre ambos. Enquanto o primeiro, para o autor, causa equívocos em sua aplicação, pois não se consolida em uma definição clara do termo, a pluriatividade auxilia a compreensão de quais atividades e atitudes estão contidas: A pluriatividade implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola se encontra sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a atividade mais importante. (Schneider, 2003, pág. 77 apud Fuller e Brun, 1998).

Em resumo, a pluriatividade nos espaços rurais se consolida na diversificação das atividades em que, de modo geral, o objetivo é a complementação de renda.

Outros produtores analisados recorrem à pluriatividade para sua complementação de renda. Mas não somente como complementação, como pude verificar, mas como forma de realizar seus projetos de vida, que não são exclusivos da vida rural. Muitos deles, conforme já mencionado, estudaram administração, contabilidade e processos relacionados à sustentabilidade. Com estes conhecimentos, portanto, podem abrir seu leque de possibilidades e atuar em outras frentes, em outras demandas da comunidade.

Faz-se necessário destacar que, conforme demonstra VELHO (1994) o indivíduo projeta seus objetivos, mas negocia e ajusta as possibilidades conforme percebe que a viabilidade de seus intentos. Os

sujeitos acompanhados neste trabalho, em muitas situações demonstraram sua capacidade de negociação com o contexto que os acolhe. Eles se constituem, quando assumem a sua própria terra, seja por terem recebido de herança, seja através da reforma agrária, seja por terem adquirido, em empreendedores. Na propriedade precisam dominar as técnicas agrícolas relacionadas ao que se propõem a produzir, mas também precisam fazer a gestão financeira e todos os processos administrativos que se associam, como produção, armazenagem, logística e comercialização.

No que se refere aos processos orgânicos existe, como já temos apresentado nesta Tese, uma série de procedimentos necessários para o reconhecimento e manutenção do selo orgânico ou mesmo da certificação por pares. E, além da administração destes processos, eles ainda lidam com variáveis incontroláveis, como as intempéries, a política e as mudanças econômicas influenciadas por fatores diversos do ambiente.

A pandemia do Corona Vírus, por exemplo, foi, inicialmente, um período caótico para os produtores. A incerteza sobre a continuidade da Feira, gerou insegurança e, logo, sentiram a repercussão econômica sobre a renda familiar. No entanto, logo a situação foi contornada e os produtores regressaram às atividades. Alguns, no entanto, como Tereza e seu Ernesto, já em idade mais avançada, não se sentiram seguros de retornar, e acabaram por desistir formalmente da participação.

Os que continuaram na Feira, entretanto, constataram um crescimento significativo de vendas. Aos poucos, porém sistematicamente, o número de frequentadores aumentou, assim como o ticket médio das vendas, por pessoa.

Os produtores, conforme informações trazidas por eles próprios, nas entrevistas, chegaram a vender, no ano de 2020, auge da pandemia no Brasil, em torno de 30% a mais. Atribuímos este aumento ao fato de que as pessoas estavam em casa, cozinhando mais, e em busca de uma alimentação mais saudável (informações estas corroboradas por uma série de pesquisas sobre as mudanças no

comportamento de consumo, neste período).

Este foi um exemplo positivo sob um aspecto, o econômico, mas que se alicerçava sobre o efeito do medo e da destruição que a doença causou na população. Os produtores que continuavam a fazer a Feira estavam inseguros, e afirmavam que não tinham escolha, pois, aquela era sua principal fonte de renda.

Apesar deste período de vendas aquecidas, o final do ano de 2021 e início de 2022 trouxe uma das piores secas dos últimos trinta anos. Alguns dos produtores, menos preparados em termos de irrigação, chegaram a perder 70% da produção, e precisaram reorganizar toda a produção e gestão do sítio. Muitos passaram até dois meses sem vim à Feira porque não tinham produtos e, conseqüentemente, não tinham também renda.

Somado a estas ocorrências, desde 2019 os produtores familiares orgânicos têm sofrido com a falta de apoio governamental. Os incentivos são escassos, muitos PAAs foram reduzidos e, com o fechamento das escolas em função da pandemia, a entrega de orgânicos para a merenda escolar foi cancelada.

Essas situações pontuais ocorreram durante a realização desta pesquisa, no entanto, a insegurança econômica é comum à gestão das propriedades, que dependem de fatores externos.

Sugiro que esta instabilidade seja uma das principais causas da pluriatividade realizada por estes sujeitos que estão sempre a mercê de ocorrências que fogem do seu controle e que, por isso, os colocam em situações de risco iminente. Mas existem outras questões que conduzem o produtor a buscar outras alternativas. Eles desejam se desenvolver em outras fontes, e explorar seus conhecimentos a partir de outros fazeres. Entendem que as suas capacidades se desenvolvem em outras possibilidades, e que, diferente dos seus pais, atualmente, eles têm condições de atuar em outras práticas e, buscam a sua realização como pessoas e profissionais, não exclusivamente na produção agrícola, mas tendo como base os conceitos norteadores desta.

Ou seja, onde quer que estejam atuando, estabelecem diálogos com a sustentabilidade, com a perspectiva holística da vida, considerando os universos distintos envolvidos e buscando coerência com os seus princípios. Estas perspectivas aparecem como formadoras identitárias destes sujeitos, que se imbuem das estratégias e das conformações da agroecologia para orientarem suas atuações no mundo.

No caso do MST os agentes ainda contam com a predisposição do Movimento em incentivá-lo em projetos que possam ser constituintes das ideologias. Quando um assentado demonstra interesse em estudar, em iniciar-se na área de gestão, por exemplo, existe incentivo, por parte da gestão do Movimento, para que este sujeito possa se aperfeiçoar em outras áreas, que não somente a agricultura orgânica. Assim, mesmo enquanto acampados, ainda esperando por um assentamento, muitos destes sujeitos que, atualmente, já são donos da própria terra, já estavam se preparando para assumir cargos de gestão no assentamento e em outros empreendimentos do Movimento.

Pedro é um assentado que estudou administração. Atualmente, ocupa o cargo de presidente de uma das mais importantes cooperativas de arroz orgânico. Apesar das decisões serem sempre realizadas coletivamente, pelo conselho administrativo da Cooperativa, a sua dedicação é completa a este trabalho.

Portanto, ele não consegue se dedicar à sua produção orgânica, na horta, que é conduzida por Vanessa, sua esposa. Aos sábados, no entanto, Pedro e Vanessa, estão na Feira, vendendo os produtos, e articulando, junto aos consumidores, os discursos que fazem parte do seu dia a dia como agroecologistas.

Mas é interessante perceber que, na Feira, os consumidores não sabem, realmente, quem são aqueles dois. Não reconhecem que Pedro e Vanessa são ativistas do MST, que ele é uma das principais lideranças do Movimento, que faz a gestão de uma das mais importantes Cooperativas de arroz orgânico do RS, Cooperativa esta responsável pela maior entrega de arroz do MST, que é o maior produtor de arroz orgânico da América Latina.

Ou seja, todas estas articulações são desconhecidas para a maioria dos clientes que, ao chegar à Feira, compram os seus legumes e verduras, admiram o tamanho de um pé de alface orgânico, gostam de conversar sobre a saúde garantida a partir do arroz orgânico, mas, em alguns casos, rejeitam este mesmo produtor quando sabem que ele é vinculado ao MST.

Todas estas adversidades são sentidas e são vivenciadas pelos produtores. Eles têm consciência destas e de outras questões que permeiam a sua construção identitária. Eles negociam o tempo todo com as informações que devem ou não serem evocadas quando estão em determinado ambiente. E precisam estar conscientes, em especial, de quais são as expectativas dos consumidores, da mídia que os procura para depoimentos sobre os orgânicos, e da exposição - positiva ou negativa - e repercussões, caso se envolvam em alguma situação de animosidade.

Mas eles têm, também, consciência de que aquelas pessoas que formam os trabalhadores rurais assentados, vêm de realidades distintas e que, por isso, não existem unanimidades e somente concordâncias.

*No grupo de produção (no acampamento) nós discutia o orgânico. Na luta pra conquistar a terra, a gente já sabia que ia produzir orgânico. E na minha família, o pai já produzia assim (o api já era assentado), então pra mim era natural. A gente sonhava com o assentamento, com ter a nossa terra, mas a gente não tinha noção de administrar o assentamento. Porque o assentamento é muito mais difícil de administrar que a vida no acampamento. A vida no acampamento é muito sofrida, é um enorme sofrimento, muita dificuldade... A lona preta chega a 70 graus no verão, é quente, é frio, tem fumaça por todo o lado, não tem fogão. É a miséria das misérias. Não queira saber. É extremamente difícil. Mas tu sobrevive, ali, com outras famílias, no coletivo, supera, faz lutas... Porque a luta determina muito a coisa. O que eu digo é.. Tá com fome? Não vamos morrer de fome. Vamos trancar uma BR e vamos pedir comida, né? Assim como a gente diz, precisamos de terra, vamos ocupar uma terra. Tu sobrevive, só que no assentamento é muito mais amplo. O assentamento toma uma dimensão da vida que muitas vezes tu não tá preparado, porque tu sai das garras da família, que tem um pai ou uma mãe que administra a vida, tu vai pra o acampamento que é a coletividade que administra a vida e tu vai para o assentamento que é você que tem que se administrar. Sai da família, vai para o coletivo e volta pra o indivíduo, e o que é esse indivíduo? É difícil, precisa organizar a produção, a vida social, a vida econômica, a vida familiar, e ele tem que ter uma*

*dimensão muito mais ampla de sociedade. E às vezes o sujeito ainda não tem. Por isso também que, muitas vezes, o cara desiste de trabalhar na terra e vai trabalhar em outra coisa, porque é mais fácil. (Julio, 2021)*

Uma importante questão que emergiu destas considerações é que o entrevistado consegue perceber quais são as contradições surgidas na edificação dos projetos de vida. Ele entende que cada um daqueles indivíduos tem que lidar com as dificuldades pessoais, mesmo que faça parte de uma coletividade que o está amparando. Mas ele compreende, também, que é necessário que este sujeito, em determinado momento do projeto, possa ter mais autonomia e força que o coletivo em si, a fim de resolver a sua própria trajetória.

Tais reconhecimento dialogam com Giddens (2000) quando este afirma que a ação e a estrutura (enquanto organizadora do sistema social) são interdependentes, pois os sujeitos precisam se articular dentro de tais mecanismos, que os suportam, mas que também os coagem. Entretanto, é necessário que estes indivíduos consigam constituir-se como forças independentes que, em determinadas circunstâncias, poderão contar apenas consigo mesmos para a efetividade de seus projetos.

Julio, produtor vinculado ao MST, elenca também a questão da estrutura quando menciona que o Estado deveria dar melhores condições para que os sujeitos envolvidos na produção agroecológica consigam viabilizar tais propósitos.

*Aí entra o papel fundamental do Estado: assistência técnica... como é que faz agroecologia sem ter assistência técnica? Quando a gente veio plantar arroz, a gente teve que investir sozinho, pra começar a plantar. Nosso grupo foi o primeiro a plantar arroz orgânico aqui. E a gente passou muito trabalho, porque tivemos que tirar dinheiro do nosso bolso. E precisa de Educação, saúde, cultura, lazer. Não é só a condição objetiva da família... Se não investe em educação, tem um monte de gente analfabeta... Claro que nós conseguimos muita coisa. Mas nem sempre a luta consegue tudo. Às vezes, não depende da vontade das famílias. (Julio, 2021).*

Ele comentou sobre o arroz, que investiram, no começo, pra começar a plantar, e aí gastaram todo o dinheiro nisso e não tinham mais

nenhum recurso para as hortas e para a casa. Até que surgiu um programa de financiamento, o PRONAF, em que financiaram o cultivo do arroz. Explicou que ficaram durante dez anos pagando o financiamento, e que conseguiram pagar tudo, mas muitos outros produtores, em condições análogas a eles, não conseguiram pagar o financiamento e acabaram desistindo, não se mantendo no plantio de arroz orgânico.

Nas conversas, em muitos momentos Julio e a esposa, Helena, salientam a diferença entre as pessoas, sinalizando que, mesmo participando dos mesmos projetos, com os mesmos objetivos, e tendo como apoio o Movimento, alguns conseguem melhores resultados que outros. Tais considerações que salientam o individualismo (sem, no entanto, desconsiderar o holismo) estão presentes em autores como ORTNER(2007), GIDENS (2000), VELHO (1994) E BECK (2010).

A maior parte dos investigados afirmou ter a percepção de que o seu trabalho é marginalizado pelo Estado. Eles entendem que os investimentos dos governos são dedicados à monocultura, ou seja, ao agronegócio, e que a agroecologia não é uma pauta natural, em especial no atual governo, sendo discutida somente quando há muita pressão social e dos próprios agricultores. No entanto, para eles, o papel do Estado é fundamental na manutenção do projeto agroecológico, porque é uma proposta que precisa contar com avanços tecnológicos (na questão de fertilizantes orgânicos, de maquinários que possam auxiliar a plantação e a colheita em pequenas propriedades, nas tecnologias que possam conversar com a temática da sustentabilidade da produção, entre outras questões).

Eles entendem que a produção agroecológica, e orgânica, a que eles se propõem, atualmente, é diferente daquela praticada antes da Revolução Verde, isso porque, atualmente, eles estão muito à frente do que estavam seus antepassados. A produção de arroz orgânico, por exemplo, é mecanizada e, mesmo assim, conseguem otimizar esta cultura de grãos para promover equilíbrio ambiental, aproveitando toda a água utilizada na irrigação das lavouras, voltando para o ambiente, e mantendo o ecossistema equilibrado.

Além das questões econômicas que não são apoiadas pelo Estado, outra preocupação emergiu nas entrevistas: o fato de que muitos destes produtores não têm capacidade de autogestão. Eles sabiam, quando vieram para o assentamento, ou quando compraram ou herdaram, o seu próprio sítio, plantar. Mas, de posse da terra, outras necessidades emergem, que são a administração das propriedades, das despesas da família, o nascimento dos filhos, a escolha dos investimentos (em quais culturas, mercados, segmentos). Conforme Julio, "(...) ele é frágil humanamente, e não tem a ver se é analfabeto, são pessoas que não aprenderam na vida a organizar o investimento. A fazer um planejamento da produção, organizar o trabalho, levantar cedo, se organizar."

O cuidado com os outros produtores fica bastante aparente, em especial nas famílias pertencentes ao MST. Possivelmente porque constroem coletivamente as decisões mais importantes, tanto quando acampados quanto no assentamento, quando já têm suas terras. Portanto, as dificuldades enfrentadas pelo outro são, de certa forma, também as suas.

#### **4.9 A credibilidade do trabalho orgânico**

É perceptível o quanto eventuais críticas dos consumidores afetam os produtores. Isso porque, eles trabalham a terra de forma emocional, entendendo que o resultado do seu trabalho é o alimento e, como ouvi muitas vezes nas conversas com os mesmos, "o alimento é sagrado".

Figura 15 - Produto da Feira



Fonte: a própria autora.

Quando se fala, por exemplo, sobre a credibilidade do produto, eles se sentem ofendidos, porque os seus valores morais estão entrelaçados com a produção orgânica e eles se sentem injustiçados porque cumprem as regras de certificação, mas não apenas isso, eles têm um comprometimento ético consigo e com seus pares, os outros produtores. Eles reconhecem que se um dos produtores for descredenciado porque identificou-se contaminação no seu produto, afeta a unidade, ou seja, a Feira, e todos os produtores ficam sob suspeita.

O seu trabalho, portanto, desenvolvido de forma comprometida, cumprindo as normas específicas da certificadora e da certificação por pares, atendendo as definições da Cooperativa (caso pertençam a alguma) é, para eles, digno de respeito e sobre o qual os consumidores deveriam ter mais consciência:

*Eu vejo lá na Feira, por exemplo. O cara é economista, Sônia. Ele vem pra Feira e fica pesando as coisas. Por exemplo, ele pega cinco, seis molhos de brócolis, pra ver qual é o maior. E quando foi feita a nova lista de preços aumentou-se o brócolis e ele disse: 'meu Deus, lá na Feira da Auxiliadora custa menos'. Eu*

*respondi a ele que foi tabelado, que tem uma nova lista de preços e que todas as bancas vão vender a quatro reais o molho. E ele não gostou. E ele nunca mais veio comprar na minha banca por isso. Porque, além de economista, ele é mão de vaca.”*

Essa fala, que apareceu carregada de pesar, mostra os dilemas que eles vivem nas suas escolhas de trabalhar com o produto orgânico. Neste a produção é bem mais cara porque restringe em termos de quantidade, de tamanho, de trabalho envolvido no processo e eles ainda precisam lidar com a perspectiva do cliente, que não conhece os processos e considera que eles estão ganhando muito, super faturando os produtos na Feira.

Outra questão que emergiu deste recorte é o fato dela destacar que ele é um “economista”. Nesta questão ela evoca o fato de que aquele cliente estudou, fez uma faculdade e que, portanto, deveria acessar este entendimento sobre a realidade do orgânico ser diferente do convencional. A perspectiva de Tereza é que, por ter estudado, ele deveria ter mais facilidade de entender que aquela oferta é diferenciada, ou seja, ela está atribuindo àquele consumidor uma lógica: se você estuda você é mais capaz de discernir do que quem não estudou.

No entanto, a pessoa em questão, como ela mesma afirmou, é um economista. E exatamente neste ponto podemos supor que o seu estudo tem como objetivo a racionalidade econômica que propõe comprar mais por menos. A outra lógica seria avaliar todas as dimensões daquela compra e, de forma holística, ponderar os benefícios versus os investimentos.

Foi possível perceber que as críticas que os consumidores fazem na Banca, seja diretamente para os produtores, ou que chega até eles através de Carmem, por exemplo, despertam sempre sentimentos de tristeza. Eles ficam realmente magoados porque acreditam que o seu trabalho carrega um propósito que vai além da venda, enquanto para alguns consumidores é apenas compra, e estão negociando valores, o melhor produto. Para os agricultores não se trata somente do produto, mas de trabalho, de valorização da agricultura sustentável, de uma

proposta que envolve a construção de um outro *ethos* do produtor. O *ethos* baseado no orgânico.

Para estes produtores existe o produto que tem valor de mercado, que é o convencional. E existe o orgânico. O orgânico também tem um valor de mercado, mas o que deveria se destacar não é isso, mas o fato de que estão dedicados a entregar algo muito mais valioso para as pessoas. É como se houvesse, nos produtos, um valor como que incalculável, um valor emocional, um valor que abrange outros aspectos que nem podem ser precificados, que são sagrados para eles.

O que está imbricado na produção dos seus alimentos é o afeto da terra, parafraseando BRANDÃO (1999), sugerindo que a forma com que eles trabalham arrola valores de respeito à natureza e às pessoas e, por isso, os preços, o tamanho, a apresentação (se tem ou não buracos de bichinhos ou não) não deveriam ser questionados, porque o que está sendo oferecido é muito maior que o que é tangível. É maior que a imagem do produto, que os preços do produto. O que, para eles, está sendo oferecido é o esforço intenso dedicado a produzir aquele produto sem incentivos do governo e sem se entregar às monoculturas, que se utilizam de tecnologias em todas as etapas e que, também por isso, se tornam mais facilmente cultiváveis. Pedro protagonizou o seguinte comentário:

*O consumidor orgânico é tremendamente egoísta. Ele tá só preocupado com a saúde dele; 'eu quero alimento orgânico e eu não quero qualquer orgânico. Eu quero a cenoura mais bonita, o brócolis mais grandão, eu não compro daquela banca porque não sei o quê... porque não gostei do jeito que ele amarrou o cabelo...' Começa a desenvolver algo que é da própria seleção do ser humano. Mesmo que tenha um público que é da agroecologia, nós temos também o seletivo. Quando uma pessoa desiste de comprar o alho poró porque tá pequeno, ele não tá comprando porque ele é agroecológico, ele tá comprando porque é o benefício dele.*

A fala do produtor demonstra a distância percebida entre a forma com que eles trabalham e o modo como os consumidores se relacionam com tais produtos. Mas há que considerar que "Mais que alimentar-se conforme o meio a que pertence, o homem se alimenta de

acordo com a sociedade a que pertence e, ainda mais precisamente, ao grupo, estabelecendo distinções e marcando fronteiras precisas.” (MACIEL, 2001, P. 149). Tal afirmação oportuniza a reflexão sobre o entendimento dos consumidores que acessam a Feira Orgânica Rômulo Telles. Trata-se de pessoas que pertencem a classes mais favorecidas da sociedade, alocadas, principalmente, na classe média e alta, tais indivíduos também estão despertos para as possibilidades que o alimento, em si, confere ao seu bem-estar. De acordo com BOURDIEU,

*O campo de produção simbólica é um microcosmos na luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores do campo de produção (2007, p. 12).*

O que reconhecemos em tal afirmação é que a construção simbólica sobre o produto orgânico não alimenta apenas o grupo de produtores que se abastece de suas ideologias, mas que constrói vertentes que nutrem outros campos de disputas. Conforme ANDRADE e LOCATEL (2020) a produção orgânica não se encerra no produto, antes disso existem tensões que dizem respeito ao posicionamento dos agentes - agricultores - que envolve políticas, economia, inserção social a partir do trabalho e outras questões que, na prática da agroecologia, estão envolvidas, e onde o produto orgânico é apenas a sua tangibilização, sua apresentação materializada.

O consumidor, no entanto, em muitos casos, não acessa tais compreensões. Ele trata o consumo do produto orgânico como o consumo de outros produtos, como se este estivesse disposto em um supermercado, por exemplo. Para os produtores que estão na Feira, no entanto, estas relações não se estabelecem desta forma. Em certa ocasião questionei Julio sobre como ele percebe a necessidade do selo orgânico em relação à confiabilidade do produtor:

*Prá nós é só um selo que o mercado pede. Nós somos agricultores agroecológicos com certificação orgânica. A nossa vida está além de ter um canteiro sem botar veneno. O nosso trabalho vai além da mercantilização da nossa produção. A gente*

*não só vende, a gente estabelece relações. Quando é só um vínculo mercantil com o que tu produz, tanto faz...*

E sobre as relações estabelecidas com os consumidores, Helena, sua esposa, complementa:

*E na feira a gente se dá ao luxo de conversar com as pessoas porque são as relações que se estabelecem. Não é só trocar alface por dinheiro e tchau, então tu permite que as pessoas conheçam tua vida, tu ensina para os teus filhos que é isso, e a gente vai fazendo junto e digo pra eles que temos que ser gratos por tudo o que temos. Não é somente o que temos por fetichizar as coisas, não. É o trabalho, foi a luta, e nós nos alimentamos muito melhor que muita gente que tem muito mais recursos econômicos, por exemplo. Pra nós não é somente vender, e vender um pouco mais caro.*

A esposa, Helena, apresentou a sua perspectiva das relações estabelecidas na Feira. Salientou que neste espaço de venda se estabelece também a intimidade com os consumidores, e a confiança entre eles e o seu cliente. "Não se trata de abrir uma alface, se trata de você ser capaz de mostrar a tua vida. Nossa vida é simples, é esta, e nós somos orgulhosos dela. Não precisamos muito além do que já temos."

Nestes comentários fica evidenciado como a apreensão da realidade é diferente para cada indivíduo. O consumidor, na percepção de alguns produtores, está voltado para o seu próprio bem estar. Nas análises promovidas por outros, é seu papel instrumentalizar o consumidor para que este acesse outras dimensões do que é a produção, não somente orgânica, mas agroecológica.

Para Julio e Helena, no entanto, reconhecem que existem muitas barreiras que os distancia da execução de seu projeto de vida junto à agroecologia. Citam que a legislação que regulamenta a produção orgânica, por exemplo, não facilita ou protege o agricultor orgânico, mas somente o consumidor. Existem punições previstas caso algum processo ou produto seja reconhecido como falho, mas nada, em nenhum momento, subsidia este produtor em suas dificuldades, sejam elas técnicas, ou de outras ordens.

A agroecologia é, portanto, de acordo com as percepções evidenciadas pelos produtores, um processo de escolhas difíceis. Se trata

de entender e assumir que é o correto a ser feito, para si e para a sociedade. Por outro lado, não se trata somente de escolhas, mas de uma conjuntura que leva em consideração todo o contexto social.

De acordo com Pedro a produção orgânica é uma forma de viabilizar a agricultura familiar e de buscar, com isso, uma diferenciação, tanto em termos de reconhecimento, quanto no aspecto financeiro. Ele explica seu ponto de vista considerando que pequenos espaços agrícolas não são viabilizam as monoculturas, características do agronegócio, e que, por outro lado, ao plantar uma horta no sistema convencional o produtor não está construindo nenhum tipo de diferenciação.

Os argumentos evidenciados por Pedro demonstram a racionalidade do seu processo de decisão. Ele salienta que se não estivesse vinculado ao MST, sendo inclusive um representante importante deste movimento, não estaria trabalhando na terra porque são muitos desafios e os resultados são morosos.

Saliento, no entanto, que estas falas, aparentemente carregadas de racionalidade, são construídas junto a outras em que este produtor manifesta o seu envolvimento total com a causa agroecológica. Volto a destacar que Pedro é um dos principais líderes do movimento no RS, a frente de uma das principais cooperativas de arroz orgânico, e uma das principais referências no que diz respeito à gestão de Cooperativas, no Sul do Brasil.

Em uma das últimas conversas, estabelecidas na propriedade da família, eu perguntei: Como o Pedro se enxerga? E ele me respondeu: "Às vezes a gente é pequeno perto dos problemas, escravo dos pensamentos. E o corpo vai cansando. Mas cada um tem o seu papel. Eu acredito que vai ter uma virada na construção coletiva."

Pedro estava se referindo ao momento político atual, que tem sido bastante difícil para o Movimento, pois este não tem apoio político. A aposta do grupo é que as eleições de 2022 lhes traga mais respaldo no que se refere a políticas públicas que voltem a dar-lhes o suporte necessário para continuar e aperfeiçoar o seu projeto junto à agroecologia e a produção orgânica.

## 4.10 A mulher: espaço e discursos

Era bem cedo da manhã de sábado – como geralmente acontecia – quando o Fabio chegou na minha casa pra tomar o café da manhã. Naquele dia ele tinha novidades: “tu nem sabe o ‘tendéu’ que deu lá no assentamento...”.

Sempre que algum acontecimento importante marcava o dia a dia do Assentamento este informante logo me avisava. Acredito que ele, apesar de entender apenas parcialmente a pesquisa que eu vinha desenvolvendo, tinha consciência de que as informações auxiliavam o meu trabalho. Outra perspectiva – complementar – para as informações trazidas de forma tão eficiente é que já tínhamos desenvolvido, ao longo da convivência, intimidade suficiente para ele dividir comigo os assuntos que pautavam o seu cotidiano.

Nesta manhã o relato veio recheado de comprovações através de um grupo de WhatsApp. Havia pouco que o Assentamento Nova Santa Rita II, de famílias assentadas do MST pela Reforma Agrária, tinha passado por uma eleição que escolheria a diretoria e seus membros. Concorreram duas chapas: os “nossos”, como o Fabio costuma referir e os “outros”. Os “nossos” permaneceram por duas gestões consecutivas, de 2018 a julho de 2021. Mas nas eleições realizadas em julho de 2021 a chapa contrária foi a vencedora.

No entanto, desde que as eleições foram democraticamente realizadas alguns episódios já haviam marcado negativamente a nova gestão. E uma dessas questões eclodiu no grupo de *whatsapp* da Gestão e apoiadores da nova chapa (vencedora).

Um dos integrantes da diretoria postou um vídeo em que, segundo me relatou o informante (eu não tive acesso ao vídeo por ter sido postado em um grupo privado do qual o Fabio também não tinha

acesso) um homem cometia violência contra uma mulher, proferindo ofensas que diminuía a condição feminina da vítima. E, para piorar, o sujeito ainda reforçou: “lugar de mulher é mesmo em casa, fazendo crochê.”

Diante desta situação uma das integrantes da nova gestão manifestou, no grupo, seu desconforto com aquela postagem, mas a sua crítica não encontrou apoio – ou qualquer outro tipo de repercussão – naquele grupo. A mulher, então, resolveu entrar em outro grupo de WhatsApp, grupo este que reúne todos os integrantes do Assentamento, e relatou o ocorrido. O meu informante me apresentou as conversas que se desenvolveram, a partir dali, no grupo<sup>39</sup>. Uma das primeiras manifestações se deu a partir de uma mulher, produtora que atua na Feira Orgânica Rômulo Telles, que demonstrou veementemente a indignação com o ocorrido. A seguir vieram outras várias manifestações, todas com o mesmo teor de revolta com o comportamento daquele sujeito.

Desejo, sobre os áudios e escritos acessados, destacar algumas manifestações que considero importantes para a compreensão do modo de ser e viver destes indivíduos e, principalmente, do espaço da mulher nestes contextos.

Uma das integrantes do grupo, ao pronunciar seu total desconforto com o ocorrido, critica a diretoria que “deveria representar toda a nossa comunidade”, como menciona, sobre o silêncio diante do ocorrido. E menciona que as mulheres já participaram de todas os movimentos em busca de terra e de reconhecimento, que estiverem lado a lado com os homens em situações de luta armada, que trabalham na terra e em todas as atividades que compõem o seu dia a dia, compartilhando igualmente com os homens as obrigações cotidianas.

Percebi que, conforme os áudios e mensagens iam se somando, aumentava o tom de agressividade das manifestações. Em dado

---

<sup>39</sup> Por não ser participante deste grupo analisei as informações, preservando nomes e quaisquer outras informações que possam destacar, de qualquer forma, os integrantes do mesmo.

momento, uma das sujeitas se oferece para “dar um soco na cara do sujeito”, enquanto outra complementa que deveriam “bater de urtiga na cara e na bunda para que ele aprendesse”<sup>40</sup>.

A partir da grande pressão, um dos homens, integrantes da nova diretoria, afirmou seu apoio ao posicionamento assumido pelas mulheres e lamentou o ocorrido. No entanto, isso só fez aumentar as críticas, que reclamavam por ações mais efetivas em relação ao que seria feito com o sujeito que havia encaminhado o vídeo.

Outro sujeito manifestou apoio à revolta das mulheres alegando que tal atitude não condizia com o “Movimento” que tinha, inclusive, a representação do homem e da mulher na sua bandeira.

Várias mulheres trouxeram seu apoio quando a primeira – a que relatou o acontecido no grupo da Diretoria – expressou seu temor pelo que poderia lhe acontecer. Segundo ela, tinha receio do que o sujeito poderia fazer contra ela. Nesta questão faz-se necessária uma correlação com outro aspecto bastante presente nas ruralidades, e já explorado por Martins (2008), sobre a “macheza” do homem do campo, que ainda conserva, em muitas de suas manifestações, um dos aspectos identitários do homem rural, que é aquele sujeito que “não leva desaforo pra casa”, que tem com prova a sua masculinidade a partir da valentia.

Após o receio expressado pela delatora, somado a muitas críticas pela falta de expressão dos homens do grupo, uma das participantes sugeriu que fizessem um outro grupo de *whatsapp*, composto somente pelas mulheres, para discutir quais seriam as providências a serem tomadas.

E assim fizeram.

Eu não tive acesso ao que foi debatido nas conversas, mas sabe-se que o grupo foi à Delegacia de Nova Santa Rita para registrar um boletim de ocorrência contra o agressor, alegando como crime o preconceito contra a mulher. Elas, então, apresentaram o boletim de

---

<sup>40</sup> Urtiga é um tipo de planta que contém cerdas minúsculas em toda a sua superfície. Em contato com a pele causam alergia, vermelhidão e queimaduras e isso porque as cerdas contém ácido fórmico (H<sub>2</sub>CO<sub>2</sub>). Já foi muito utilizada, no passado, em zonas rurais, para “reprender” as crianças desobedientes.

ocorrência junto ao INCRA, com o objetivo de expulsar o sujeito do Movimento e da terra assentada.

No episódio narrado algumas questões se destacam e se faz necessário algum tensionamento em busca de melhor compreensão sobre as atitudes dos envolvidos.

Estamos inseridos em um contexto social em que certos tipos de conduta, considerados normais em épocas anteriores, não encontram mais eco na maneira de pensar e de atuar contemporânea. Questões que envolvem o preconceito de gênero têm sido combatidas em muitas esferas da sociedade brasileira, a ponto de serem consideradas crime contra a mulher.

Essa questão está posta: é comentada entre as pessoas, divulgada em meios de comunicação, e amparada pela lei. No entanto, ao adentrar grupos específicos percebe-se que para alguns esta mudança na forma de pensar e viver a vida não é tão acolhida. Tanto é que o sujeito compartilhou uma comunicação que incitava a subjugação da mulher.

Nos ambientes rurais, tidos como mais conservadores e menos afeitos aos progressos da vida moderna, poderia existir uma resistência maior às transformações culturais vivenciadas, primeiramente, nos ambientes das cidades grandes. No entanto, o que foi possível perceber a partir das manifestações das mulheres do grupo – grupo este que, lembrando, é composto por todas as mulheres e por todos os homens do Assentamento Nova Santa Rita II – é a presença de uma consciência crítica muito forte sobre o papel e o espaço do feminino no mundo.

As mulheres repudiaram de forma contundente e visceral a manifestação tida como machista, no envio do vídeo ao grupo. De forma muito visceral foram arroladas expressões como “lugar de mulher é onde ela quiser”; e também, “a mulher trabalha, a mulher luta todas as lutas do MST, a mulher planta e colhe, e faz tudo que um homem faz, então pra trabalhar a mulher é igual, mas na hora de respeitar vocês não respeitam?”.

O interessante é perceber que estes assuntos, mesmo que muito sensíveis, foram abordados de forma muito transparente e, em algumas falas, de forma agressiva. Houve provocações, indignação, acusação de covardia dos homens por não defenderem as mulheres, e tudo isso escrito ou em áudio, com todos sabendo quem estava falando e nominando aqueles que deveriam, segundo elas, se mobilizar. Estas reações evidenciaram algumas características de comportamento destas pessoas e do grupo. Acostumados ao enfrentamento devido às lutas pela terra e pela Reforma Agrária, estes indivíduos, como eles mesmos se auto avaliam, não têm “papas na língua”, ou seja, quando precisam defender algum posicionamento, o fazem de modo muito claro.

Cabe refletir sobre o contexto destes indivíduos: eles partilham a vizinhança, moram no mesmo Assentamento, todos se conhecem, estabelecem laços e compartilham decisões que são tomadas no coletivo, como por exemplo, as eleições, as festas, a Feira, e outros tantos eventos. O discurso arrolado no grupo não se constituiu de provocações feitas a sujeitos distantes, com os quais não se convive<sup>41</sup>, pelo contrário, estavam falando com proximidade, intimidade e certa autoridade de quem conhece o “habitus” (BOURDIEU, 1996) presente no cenário.

Nas expressões das mulheres percebi um discurso de força, de um posicionamento aguerrido, em uma demonstração carregada *intencionalidade*<sup>42</sup> característica dos sujeitos constituídos a partir de determinados *projetos* (VELHO, 1994). Os diálogos estabelecidos no grupo, em relação ao episódio de preconceito, evidenciaram o que estas mulheres pensam sobre o assunto. No entanto, é relevante avaliar que tais manifestações se construíram a partir de discursos carregados de emocionalidade, em que ficaram evidentes sentimentos como raiva e desprezo, mas também de coragem para o enfrentamento necessário.

---

<sup>41</sup> É comum identificar-se a troca de comentários críticos em Redes Sociais, junto a pessoas e grupos com os quais não existe concordância, mas isso, de modo geral, ocorre quando se guarda uma distância segura entre os agentes. As discussões parecem ser mais ideológicas e forjadas a partir da necessidade de reconhecimento nas Redes. Bastante diferente do que acontece entre os integrantes do grupo.

<sup>42</sup> Intenção – a partir de Sherry Ortner (2007) entendemos a dedicação do sujeito em realizar seus projetos, recorrendo à sua capacidade de Agência, enfrentando as pressões do ambiente e as limitações impostas pelo sistema de valores e cultura.

O projeto que une todos estes sujeitos é o MST, cujo objetivo maior foi o de promover a reforma agrária a partir da luta pela terra. Portanto, mesmo dentro do Movimento, se identificam as subdivisões, que vão dando corpo a outros projetos, aproximando as pessoas que possuem mais afinidade entre si. O que se pode perceber é que de um assentamento para outro já existem mudanças de objetivos e, certamente, posturas e percepções diferentes sobre temas como a participação da mulher na tomada de decisão e o seu espaço comparativamente aos homens.

E, apesar de reconhecer em todos os discursos proferidos pelos participantes do Movimento o respeito e condição de igualdade das mulheres no MST, em situações pontuais, como a relatada e em outras presenciadas, foi possível perceber que ainda existe muita distinção entre o que é do homem, o que é da mulher e as diferenças significativas de gênero no que diz respeito ao tratamento a cada um.

Desejo também fazer emergir, da melhor forma que puder, o meu próprio estranhamento em relação ao modo como o "ser mulher" é pensado – e foi exposto no grupo em que se desenrolou o episódio do preconceito. É como se o "ser mulher", para estas pessoas, constitua-se em uma categoria, como se fosse uma identidade fora do indivíduo (da mulher em si). Ou seja, a ofensa não aconteceu em relação a uma mulher, ou àquelas mulheres que participavam da diretoria do Assentamento, mas à categoria feminina. Esta "categoria" pode ser comparada à terra (seu bem maior), à luta (ideologia), à honra (regras não escritas, mas explícitas na cultura do Movimento). Por isso, a revolta das mulheres deste grupo pelo fato de que os homens não se manifestaram, não repudiaram e não se articula para expulsar o sujeito que as ofendeu. Também os seus argumentos se construíram sobre fatos objetivos que diziam respeito ao poder e à força da mulher no Movimento, pois em cada "luta" pela terra elas têm papéis específicos em que são, em muitas situações, protagonistas das ações. Assim, se colocam em uma condição de igualdade, não apenas intelectual, mas

também física, uma vez que enfrentaram policiais e donos e capatazes das fazendas invadidas.

As mulheres, portanto, são parte deste coletivo que se une para as lutas por seus direitos e articula a sua sobrevivência através da posse e cultivo da Terra. Mas, ao mesmo tempo em que elas têm igualdade na luta, ainda não atingiram a mesma importância em outros espaços, no grupo. Apesar de fazerem parte da diretoria do Movimento, das diretorias dos Assentamentos, ainda são minoria na gestão das cooperativas, por exemplo, e precisam, em muitas situações, serem amparadas e credibilizadas em suas próprias lutas, pelos companheiros. Para conseguir apoio, ainda necessitam exigir, resgatar a sua força, provar que são tão aguerridas e fortes tanto quanto os homens. Ou seja, o que para o masculino é natural, o apoio dos companheiros, dos outros homens do grupo em situações de animosidades, no caso das mulheres estas precisam fazer um grande esforço para que sejam apoiadas, é como se precisassem provar com mais contundência a sua força como indivíduo e parte do social.

Apesar do senso de comunidade – de coletivo – ser muito forte dentro do grupo, não se pode considerar que exista um único grupo, mas várias subdivisões que vão se articulando conforme suas necessidades e interesses. Se existe um problema que afeta a todos, tanto os homens quanto as mulheres são convocados à mobilização coletiva. No entanto, se o problema é considerado de gênero, por exemplo, os homens tendem a se manterem calados, como foi a situação analisada.

#### **4.11 A mulher e a unidade familiar**

Minha apresentação à Tereza, na Feira, teve a seguinte introdução: “Sônia, essa é a mãe de todos aqui da Feira”. Aos poucos fui compreendendo o que aquela definição significava. Aquela “mãe” era a

que representava, eu acredito, de forma mais verídica, o estereótipo que eu alimentava de uma pessoa do interior, agricultora, de família tradicional e de origem europeia e que colocava a todos "debaixo da asa", cuidando para que os seus filhotes estivessem bem.

Como já mencionei anteriormente o pesquisador adentra o campo com uma bagagem de conhecimentos e pré-conceitos que ora nos auxiliam e ora podem nos limitar nas nossas investigações. Ciente destas premissas eu busquei, a cada contato, me despir daquelas concepções que, em um primeiro momento, me apresentavam o conforto do "reconhecimento", ou seja, de acessar aquele algo que era mais aderente meus próprios saberes.

Mas, felizmente, o próprio método da etnografia nos conduz ao desconforto e isso, por vezes, se dá de forma embaraçosa. No afã da aproximação o pesquisador pode cometer gafes e se envolver em situações de difícil desenvoltura. Algumas destas perpassaram esta pesquisa e acabaram por se tornar aprendizado que foi, aos poucos, pavimentando o terreno das descobertas. Com Tereza, mas não somente com ela, foram vivenciadas algumas conjunturas em que precisei rearticular meus discursos e práticas e isso aparecerá ao longo desta escrita.

Quando fui formalmente apresentada à agricultora eu já tinha tido contato com a mesma através de conversas descomprometidas, na praça, mas a partir daquele momento e daquela introdução que demonstrava a importância da Tereza para a Feira, eu entendi que naquela possível respondente poderia ser muito relevante para os meus intentos de pesquisa. De fato, em minhas inserções junto a grupos estudados, foi possível perceber o que Foote-White (1980, p. 79) destaca no trecho abaixo:

*"Aprendi, logo cedo na minha estada em Cornerville, a importância crucial em obter o apoio dos indivíduos-chaves em todos os grupos ou organizações que estivesse estudando. Ao invés de tentar explicar minha presença a cada um, descobri que estava fornecendo mais informações sobre minha pessoa e meu estudo a líderes como Doc do que daria espontaneamente a qualquer rapaz da rua."*

Tereza logo se tornou uma pessoa importante para meus estudos: além de ser uma pessoa que tinha acesso aberto a todos os produtores, entre nós as conversas fluíam como se nos conhecêssemos há tempos... durante dois anos estive fielmente na Feira todos os sábados pela manhã e quando me via ela já reclamava que eu não tinha chegado cedo. Era sempre a mesma discussão: me dizia que ela estava há horas me esperando para fumar (sentávamo-nos sempre em um lugar distante das bancas para fumar e conversar sobre a vida) e que nem tinha ainda ido no banheiro (a Feira não tem estrutura de sanitários para os feirantes, então isso é sempre um dilema porque às vezes eles precisam ir a mercadinhos próximos e pedir para utilizar o banheiro).

Ao chegar na Feira ela logo me puxava para um lugar escondido, às vezes atrás dos carros que circundavam a Feira, às vezes, atrás de uma árvore da praça e lá me contava coisas de casa, de como foi a sua semana, me falava sobre as dificuldades com a roça. Naqueles dias, no ano de 2019, o seu Ernesto, marido da Tereza, vinha junto para a Feira e, nas nossas "fugas", ele tomava conta da Banca.

Ao ler Malinoswski relatando sobre os momentos de socialização com os melanoses a partir da oferta e compartilhamento de tabaco me identifiquei. O cigarro foi um ponto importante de socialização entre mim e Tereza. Como, atualmente, o cigarro é tido como algo muito pejorativo, os fumantes são condenados aos espaços marginais e às críticas de todos. Sempre é possível estar fumando e alguém olhar, mesmo que de longe, e fazer gestos e expressões de desaprovação. Fumar, então, junto a uma feira de produtos orgânicos, é mais que um ultraje, soa incoerente. Considerando que as fumantes em questão são uma agricultora de orgânicos e uma voluntária da Feira chega a ser uma ofensa. Assim, cientes da transgressão que vínhamos cometendo, nos refugiávamos nos lugares menos aparentes.

Para Tereza havia outra questão que tensionava o hábito de fumar: o seu Ernesto "não sabia" que ela fumava. Na verdade, todos na feira já conheciam a história: ela precisava "se esconder" para que o seu

Ernesto não visse o ato em si, mas ninguém realmente acreditava que ele não soubesse. Nesta questão foi, aos poucos, se descortinando uma realidade associada ao que identifiquei como as construções hierárquicas daquela família (mas não somente dela, mas de muitas outras que já foram mapeadas anteriormente em outros estudos sociais).

Tanto o seu Ernesto quanto a Tereza eram, anteriormente, fumantes. No entanto, em determinado momento resolveram parar de fumar em função de entenderem os prejuízos daquele hábito à saúde. Apenas o seu Ernesto, porém, conseguiu suspender em definitivo o consumo do tabaco. Tereza contou-me sobre vários problemas de saúde por que passara, e em várias circunstâncias ela ingressou na tentativa infrutífera de abandonar o vício, mas sempre voltando alguns dias depois. Esse processo foi construindo entre eles certo desconforto. Apesar de o cigarro ser um hábito desenvolvido tanto por homens quanto por mulheres, foi possível identificar, nestas famílias observadas, que poucos fumam ainda, e destes, a maioria era de homens. Tereza era a única fumante mulher da Feira (entre outros três homens).

Analisar o consumo do tabaco não é, obviamente, um ponto central neste trabalho. Porém, as construções simbólicas associadas ao cigarro, a socialização a partir do hábito de fumar e, principalmente, no caso desta família estudada, o cigarro foi um ponto de atenção e, por isso, trago aqui a partir de uma análise mais criteriosa.

Em determinada ocasião, quando eu já tinha intimidade para perguntar coisas mais sensíveis à Tereza indaguei por que ela quer esconder do marido que fuma. Ela, então, me disse que fazia por "respeito". Naquela conversa eu entendi algumas questões: aqueles indivíduos, em sua organização, guardam muito das tradições de uma família conservadora: marido e mulher são próximos, mas cada um tem o seu papel. Conforme já identificado por BRANDÃO (1999) à mulher cabe a casa, o cuidado com os filhos, a gestão do pátio (que inclui os cachorros e outros animais domésticos).

Ao homem cabe o trabalho mais pesado, a responsabilidade com a plantação, o abate dos animais para consumo, e a proteção do

ambiente como um todo. Este conjunto de atribuições ora se mescla, visto que foi possível encontrar o seu Ernesto fazendo uma sopa para o jantar, assim como é possível que Tereza esteja na roça auxiliando no plantio e na colheita. Mesmo que os dois atuem nos “espaços” um do outro, existe uma atribuição prévia da responsabilidade de cada uma destas tarefas.

E não somente nas tarefas, mas existem decisões e comportamentos que pertencem ao homem e outros, à mulher. A Tereza, por exemplo, é responsável por preparar tudo quando chega um visitante: ela cuida da comida, das acomodações, e das conversas que entretêm as pessoas no entorno do fogão a lenha. Já seu Ernesto assume o papel de anfitrião quando as pessoas querem visitar a roça, fazer pescarias, tomar banho de rio e tudo o que diz respeito ao lado de fora da casa. Nestas identificações, manifestas também por Brandão (1999), o autor considera:

*Elas são: lavoura versus floresta, grupo doméstico versus estranhos, vegetal versus animal, predação exercida sobre a natureza versus transformação da natureza, ação de morte através da guerra e da caça versus produção da vida pela concepção e nascimento de pessoas e pela horticultura; reprodução biológica versus reprodução social. (p. 39)*

O que se percebe, assim, é que de forma empírica se dá a organização do feminino, do masculino e da intersecção entre ambos nestes cotidianos e na unidade familiar. Assim como se evidenciam, nos textos de Brandão, que as atividades referentes ao “domínio” da natureza pertencem ao homem, cabendo à mulher a tarefa de “transformação” – quando o que era selvagem já tenha sido dominado – também em outros aspectos, não somente os relacionados ao trabalho, há coisas que pertencem ao universo masculino. A caça, o jogo de futebol, a pesca mais articulada e mais distante de casa, o bolicho e outras jogatinas nos finais de semana, fazem parte da “macheza”, enquanto o cuidado com a casa, com os filhos, com aquilo que produz a sociabilidade da família fica designado ao feminino.

A partir destes entendimentos e no que foi observado junto à família pesquisada, não seria leviano sugerir que o hábito de fumar guarda mais proximidade com o que é do homem do que um domínio do contexto feminino. Assim, como o “homem da casa” abandonou o cigarro, Tereza se sente insegura e acredita que está transgredindo uma estrutura que determina – a partir de um imaginário simbólico - o que é de cada um. Se os dois ainda fossem fumantes provavelmente haveria equilíbrio nesta gestão ou, ainda, um esforço conjunto para pararem de fumar, mas como ela não conseguiu abandonar a prática, sente que está desrespeitando a posição do marido, invadindo a posição daquele que tem ingerência sobre determinados comportamentos.

Havia outro ponto de conflito entre a Tereza e o marido: no início eles vinham juntos à Feira onde as tarefas eram divididas, atendendo os clientes e fazendo as lidas de reposição dos produtos, organização, entre outros. No entanto, seu Ernesto começou a alegar que não estava sendo vantajoso, em termos financeiros, a vinda para Porto Alegre. Ele alegava que gastava mais em gasolina do que tirava com a venda dos produtos. Além disso, segundo ele, era muito sacrificado para os dois, já com idade avançada, saírem de madrugada, e só chegarem em casa, novamente, por volta das 4 horas da tarde de sábado.

Estes argumentos surgiram, inicialmente, pelo que foi possível identificar, de forma mais sutil. A resposta de Tereza, no entanto, era categórica: ela não deixaria de vir à Feira. No entanto, a tensão foi aumentando entre os dois até que, em determinado momento seu Ernesto anunciou que não viria mais e que Tereza deveria também deixar a Feira pois não estavam tendo lucro com a comercialização em função dos gastos envolvidos.

Tereza dividia comigo a sua angústia. Chorando, às vezes, ela me dizia que amava estar na Feira. Que ali tinha feito muitos amigos e que não se via mais sem aquela felicidade que sentia nos sábados pela manhã quando encontrava aqueles que já conhecia e que, tão intimamente, socializava. Na verdade, a sua banca se tornou o ponto de

encontro de alguns consumidores que viraram amigos. Todos residiam nas redondezas da praça e tinham idades próximas, entre 50 e 70 anos. Eles se reuniam, sem combinação prévia, todos os sábados, faziam suas compras e se sentavam no banco da praça que ficava exatamente atrás da banca de Tereza. Uma das senhoras trazia bordado e ficava trabalhando enquanto os assuntos eram fluídos no grupo.

*Figura 16- amigas da banca da Tereza reunidas em sábado de Feira*



Fonte: obtida in loco pela autora.

As relações que ela estabeleceu com os consumidores e com os produtores da Feira se tornaram, como ela sempre afirmou, demasiadamente importantes na sua vida. Ela relatava que passava a semana esperando o dia de estar junto “aos amigos”. No entanto, as discussões entre o casal em relação ao continuar na Feira ou se não mais participar começaram a interferir na sua vida pessoal. Seu Ernesto pressionava para que ela não fizesse mais Feira e isso estava se tornando um problema para a família. Ele realmente parou de acompanhá-la e, mesmo assim, ela seguiu durante um ano trazendo seus produtos para a Feira.

Neste ínterim, outro espaço de Feira Orgânica foi aberto em um bairro na Zona Norte da cidade, no Jardim Lindóia. Ao contrário do que se poderia supor, ao invés de recuar do intento de fazer Feiras em Porto Alegre, Tereza, a contragosto do marido, se candidatou a vender, também, neste novo mercado. E assim foi.

Para viabilizar o atendimento nas duas feiras, Tereza convidou o seu irmão, que também reside no interior de Nova Bassano, cidade localizada na Serra, a 195 km da capital, para acompanhá-la nos sábados. O Gustavo, então, vinha até a Feira Romulo Teles, descarregava os produtos e rumava para a Feira do Lindóia.

Quando conversamos sobre o seu novo empreendimento, Tereza me confirmou que estava fazendo este movimento no sentido de viabilizar a sua continuidade nas feiras porque se ela não aumentasse o faturamento seu Ernesto continuaria pressionando-a a abandonar o trabalho na capital. A Feira no Jardim Lindóia começou fraca e continuou com muita dificuldade durante todo o ano de 2019.

Normalmente nos reuníamos Tereza, eu e o Fabio, quando o movimento já estava calmo, e ficávamos tentando viabilizar uma forma de aliviar a pressão doméstica que a nossa amiga estava sofrendo. Em mais de uma ocasião o Fabio sugeriu que ela comprasse uma caminhonete a óleo ou a gás diminuindo, assim, o gasto com combustível. Mas, novamente, o que aparentava é este assunto – e decisão - pertencia ao “lado masculino” da casa.

Desejo destacar aqui duas questões: a primeira diz respeito a atuação de seu Ernesto sobre o assunto. Ele estava fazendo uma reflexão racional sobre o trabalho e suas derivações, analisando questões como os resultados financeiros obtidos a partir de seus esforços, e sobre a saúde da família (ou o que ele compreendia como saúde), uma vez que o seu argumento era o desgaste físico entre a produção do produto e a comercialização nas feiras em Porto Alegre.

O segundo aspecto a ser analisado é a perspectiva de Tereza sobre o envolvimento com a Feira. Ela não estava considerando “apenas” o lucro financeiro obtido com a comercialização no espaço da Feira. Estava, antes disso, considerando o quanto aquele ambiente lhe trazia bem-estar. Ali, junto àquelas pessoas que esperavam por ela para conversar, socializar, trocar receitas, atualizar as histórias da semana, acontecia o “grande evento” em que ela era a protagonista. Tereza era uma referência na Feira: conversava com todos: produtores e

consumidores. Os produtores, em especial, a buscavam para pedir coisas emprestadas, para trocar produtos, negociavam mudas de plantas e, o mais interessante, tanto os produtores diretamente envolvidos com o MST, quanto os demais, orbitavam em sua volta. Era como se ela conseguisse promover uma “zona neutra” neste espaço de tensões entre ideologias divergentes.

O que se pode depreender, portanto, é que neste espaço de comercialização se estabelecia, para a minha respondente, um ambiente de constituição específica de um *self*, abordado por Giddens (2000) como a capacidade de agir, ou *agência*, a *práxis* do indivíduo em sua negociação com as forças atuantes do ambiente (estrutura).

Em poucas situações, na Feira, ouvi Tereza elaborando discursos sobre os produtos orgânicos em si. Ela conversava com todos, acolhia a todos que chegavam na banca, era muito solícita ao falar sobre as mais diversas formas de preparar determinado alimento, mas creio nunca ter ouvido ela realmente se utilizar de qualquer retórica para evidenciar os processos de plantio, a importância da alimentação orgânica ou quaisquer outras formas de apropriação formal do orgânico como um “campus” de atuação e defesa.

Sobre este aspecto é possível destacar que Tereza tinha muita segurança sobre o seu trabalho e maneira como produziam, ou seja, a autenticidade da produção orgânica na lavoura por eles conduzida. Ou seja, ela não sentia a necessidade de construir uma argumentação e de ter uma postura que a evidenciasse como produtora orgânica e tudo o que essa qualificação pudesse lhe conferir. Isto porque, para ela, o fato de estar ali, em uma feira específica de produtos orgânicos conferia, por si só, a credibilidade necessária para tal reconhecimento. Outro aspecto, entretanto, e acredito que o mais importante, é que para a agricultora, interessava muito mais as relações sociais estabelecidas, os “amigos” conquistados, aquele momento de trocas e brincadeiras do que realmente uma expansão dos conceitos da agricultura orgânica.

A mulher e a sua representatividade dentro da família tem sido ressignificadas. E este reconhecimento já é apresentado e discutido em vários contextos sociais. Esta Tese confirmou tais movimentos, identificando na condição de igualdade estabelecida no processo de decisão da família, no protagonismo da mulher na horta (considerando que, em algumas famílias entrevistadas, é de responsabilidade da mulher este projeto), na condução das Bancas da Feira, na construção identitária da mesma a partir da educação, enfim, existe uma mudança, possivelmente já bastante fortalecida no grupo estudado, que confere à mulher a condição de igual, de sujeita de sua própria trajetória.

A partir do próximo capítulo apresenta-se o que considere como principais evidências em relação aos objetivos estabelecidos e, assim, se constroem as considerações finais deste trabalho.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar novos contextos, encontrando diferentes sujeitos e espaços de socialização exige o esforço do abandono do que se crê saber. É entender que o pesquisador precisa se retirar de seus conhecimentos pré-estabelecidos, que os julgamentos devem ser avaliados muitas vezes e que se deve conceder o protagonismo àqueles que estão sendo observados.

Ao mesmo tempo, há que se ter discernimento de que as informações trazidas pelos respondentes podem estar sujeitas a múltiplas interferências: do espaço, do tempo, das convicções, do inconsciente e de suas próprias construções identitárias.

O início deste projeto se deu pelo interesse em reconhecer novas perspectivas de construção da realidade, amparadas nos sujeitos que sinalizavam diferentes formas de conceber suas inserções no mundo. E tal instigamento, realmente, orientou todo o desenvolvimento desta Tese. No entanto, durante o percurso, muitas suposições foram suplantadas, e outras questões emergiram, fazendo com que o campo apresentasse fatos inesperados, informações inéditas e uma enorme complexidade de tramas e enredamentos pertencentes à complexidade destes indivíduos.

Faz-se importante resgatar os objetivos principais estabelecidos no para esta Tese: entender como os produtores orgânicos da Feira Orgânica Rômulo Telles, em Porto Alegre, organizam a produção de sua existência na prática cotidiana.

Além deste, outros reconhecimentos foram priorizados:

- Identificar e caracterizar a construção do *ethos* da agricultura orgânica a partir de suas formações estruturais legais, políticas e sociais;
- Reconhecer o cotidiano do agricultor orgânico a partir de suas práticas enquanto sujeito e coletivo social – junto à família e nas relações com seus pares;

- Analisar como se constituem as relações de poder nos ambientes de intervenção do agricultor orgânico na Feira Orgânica Rômulo Telles.

- Analisar os contextos de socialização dos agricultores orgânicos junto a suas comunidades de base e seus próximos, perscrutando suas práticas tensionadas com os discursos estabelecidos em situações de alteridade.

Ao reconhecer o trabalho como um todo, em sua completude, reafirma-se a complexidade de esquadrihar os sujeitos pertencentes a um grupo e, claro, especificamente, sobre este grupo. E isso, por dois motivos principais: em primeiro lugar porque os indivíduos não são lineares ou sempre coerentes entre seus discursos, práticas ou percepções/entendimentos da realidade (GIDDENS, 2000); e, em segundo lugar, porque os grupos são arranjos estabelecidos por afinidade, por interesses, por proximidade, mas não guardam a garantia da aderência de seus membros em toda a extensão de suas proposições.

No entanto, entre os conhecimentos teóricos acessados a fim de sustentar as informações obtidas no campo, consegui encontrar muitos pontos de convergência entre o que propunham os autores investigados, e o que foi, efetivamente, identificado nos cenários de investigação.

Desejo, portanto, destacar, nestas considerações, alguns dos principais achados, e que contribuiriam para fosse possível atender aos objetivos originais do trabalho.

Os sujeitos e suas famílias apresentaram um alto grau de aderência ao que considerei princípios fundamentais do seu campo de atuação. Foi importante alicerçar em Bourdieu a proposição de que existe uma constituição de si, do sujeito, a partir deste campo, que se consolida no seu cotidiano, em especial a partir do seu cotidiano de trabalho. É também neste campo, que é formado a partir da produção orgânica e/ou agroecológica, que se forma o *ethos* deste agricultor/produtor e feirante.

Neste espaço/tempo do campo o produtor concebe a sua construção da realidade, assumindo valores que são manifestados em

suas ações, em seu comportamento, em seus discursos e na sua aproximação com as ideologias que sustentam o seu ser/fazer.

O *ethos* do produtor orgânico, portanto, se estabelece e se fortalece no seu campo de atuação a partir de significados já consolidados e que ele assume e reproduz como forma de fortalecimento dos seus posicionamentos. O produto orgânico e, principalmente, a agroecologia, é assumido pelos produtores como uma categoria de construção identitária.

A sua identidade, portanto, não é sobre a agricultura, mas sobre o processo de plantar. Acredito que esta mudança de perspectiva (destaco que a disputa simbólica entre o convencional e o orgânico é relativamente recente, no Brasil, desde a década de 1980, principalmente) foi necessária para que se estabelecesse a *distinção*, também caracterizada por BOURDIEU, como a necessidade de conferir reconhecimento a determinado sujeito em função da sua atuação em determinado campo.

Poderíamos ter considerado, no trabalho, que o *campo* sobre o qual tratamos é a agricultura. No entanto, os produtores orgânicos se estabeleceram a partir de características muito específicas de atuação e apreensão das realidades, o que torna inviável considerá-los participantes de uma mesma unidade - agricultores - seja ela ideológica, mercadológica ou prática.

O que define o campo de atuação dos sujeitos investigados é delimitado por um discurso que distingue o holismo e o individualismo. Saliento a sustentação a partir do "discurso" porque o anúncio de tais escolhas se faz necessário para a credibilização do campo, e da *praxis*.

A agricultura, a partir do agronegócio, está a serviço do capital, do lucro que visa o enriquecimento e que se destina ao bem estar de um agricultor que não está vinculado às causas sociais ou mesmo aos debates que têm sido comuns, no Brasil, sobre os perigos que representam os agrotóxicos. Por outro lado, a agroecologia se baseia em uma produção sustentável, que considera a amplitude da atuação do homem sobre a natureza e que, por isso, precisa considerar todas as

repercussões de suas ações. A produção sustentável confere ao produtor, ou agricultor, a responsabilidade sobre sua atuação no ecossistema, do qual ele mesmo faz parte. Ou seja, quando planta, colhe e vende, ele deve considerar os vários impactos que causa no meio e, por isso, assume um papel de responsabilidade social, e não apenas individual.

Assim, no seu campo de atuação, na *praxis*, este indivíduo se reconhece como protagonista de uma nova agricultura que não se encerra em uma atividade, mas em um propósito de vida, que se imbrica em suas dimensões física, moral, social e identitária.

O que considero a dimensão física é que o produto orgânico é saudável porque não usa defensivos e outros produtos que podem afetar a saúde. Neste aspecto, a ciência endossa tal conhecimento, tornando o argumento do produto orgânico socialmente validado.

No que se refere à dimensão moral, os sujeitos que vêm da agricultura, que tiveram pais agricultores, que viveram sua vida no interior, compartilhando os valores do campo, já carregam consigo a moralidade, como explicitado em WOORTMANN (2021) como um dos pilares da constituição social do campesinato. Esta moralidade, para o agricultor orgânico, no entanto, assume outros contornos, pois se erige a partir do comprometimento daquele sujeito (e da sua família), com o todo social, através do cuidado com a natureza, em especial com a terra, com a água e com as pessoas que consomem os produtos orgânicos.

Sobre a dimensão social, tem-se a edificação de um indivíduo que pertence a um grupo que está em evidência nos discursos sustentáveis (agricultor orgânico/agroecológico), que é exaltado pela sua luta (contra o sistema vigente, do agronegócio), pela sua resistência ante o poder do capital, pelos conhecimentos tradicionais que ele resgata, na família, junto ao grupo de trabalho, e a partir de seus ancestrais... Estes valores são exaltados de diversas formas: pela mídia especializada, pelos consumidores que frequentam a Feira, pelos simpatizantes do modelo agroecológico, por empresas que desejam associar-se às temáticas sustentáveis, pelas universidades que se dedicam ao estudo da agroecologia, e também pelas diversas organizações visam promover

diferentes formas de utilização e exploração dos recursos naturais.

Assim, neste campo carregado de ideologia, de construções simbólicas vinculadas a este “novo” agricultor, de esperança sobre um futuro menos ameaçador quanto o que se apresenta atualmente, o produtor orgânico consolida a sua proposta de atuação reconhecida e valorizada, em que ele se despede da condição de miserabilidade vivida após a revolução verde e assume outro papel: o de redentor de um sistema que falhou socialmente.

A valorização do produtor e do produto orgânico é diretamente proporcional à ameaça iminente do desequilíbrio ambiental, das consequências iminentes dos agrotóxicos à saúde e ao fracasso dos sistemas de produção em larga escala que não promovem condições mais justas de igualdade social, conforme um dia foram prometidas.

Em um discurso proferido por um influente político, na sede da Cooperativa de arroz orgânico, em Nova Santa Rita:

*Enquanto o agronegócio comemora sua melhor safra, em 2021, alardeando o maior faturamento até então, e exaltando os números recordes de exportação destes produtos, temos, no Brasil mais de 20 milhões de pessoas passando fome. Como se explica isso? Enquanto o agronegócio está ocupado em encher os bolsos dos agricultores de dinheiro, nós, da agroecologia, estamos preocupados com as pessoas. Nós trabalhamos para que todas as pessoas tenham acesso, para que não exista mais fome, para que todos tenham a condição de ter comida, e comida limpa e saborosa, em sua mesa. (Discurso proferido na Festa da Colheita do Arroz/2022 - MST, em Nova Santa Rita).*

Certamente a ocasião permitia que fossem articulados argumentos contundentes, validando a produção orgânica e o trabalho do grupo de agricultores que ali se reuniam para uma comemoração especial, mas, o que se destaca de tal manifesto é que estas concepções anunciadas, e largamente divulgadas em redes sociais e nas mídias tradicionais, passam a ressignificar a maneira como as pessoas percebem a agroecologia, o produto orgânico e o produtor.

Na realização deste trabalho foi possível identificar que a agroecologia e o produto orgânico exercem forte influência na construção identitária destes sujeitos, pautando sua vida nas mais diversas

dimensões. São vários os aspectos que contribuem para tal, mas uma, em especial, se destaca: quando assume a produção orgânica, este sujeito se coloca sob júdice de seus pares, os demais produtores, das Cooperativas, dos órgãos oficiais de fiscalização e certificação, dos consumidores, e daqueles que, conhecendo as bases da agroecologia, poderão tensionar os discursos e as práticas deste sujeito. Ou seja, ele será impelido a manter a coerência entre o que promete e o que faz, sob pena de ser excluído do campo e, assim, perder aquilo que o distingue de um agricultor “comum”.

A agroecologia, para estes sujeitos, é a consolidação de uma forma de apreender e de atuar no mundo. Ela evoca conceitos que extrapolam as funções do produto (alimento) pois se concretiza sob valores éticos (social, holístico). É importante evidenciar, no entanto, que existem diferentes níveis de aderência dos sujeitos a estes conceitos, tanto no que diz respeito à apreensão (conhecimento, assimilação) quanto à manifestação (prática, ação, discurso).

Assim, a observação e análise das dimensões da vida destes sujeitos, conduziu ao entendimento de que existem os produtores ativistas, os pertencentes e os situacionistas, apresentados anteriormente, e que eles atuam com diferentes graus de intensidade em relação à totalidade de aspectos que compõem a agroecologia. Isso se reflete, inclusive, no modo como estes sujeitos se compreendem: os ativistas são engajados, participam mais ativamente da vida na comunidade, se envolvem com questões que vão além de seu próprio grupo de interesses, e incorporam hábitos e comportamentos que sedimentam, na *práxis*, a agroecologia; os pertencentes são moderados, se entendem como parte de um grupo maior, mas não empreendem esforços tão intensos porque estão dedicados em manter a si e à família; já os situacionistas utilizam como recorte discursivo o produto orgânico (não agroecologia), negociam com o valores que pertencem ao campo da agroecologia, mas também assumem, em certos casos, atitudes que não contribuem para este pertencimento. Estes últimos se orientam por situações que possam beneficiá-los, e não necessariamente ao grupo.

Pelos aspectos evidenciados e, também, por ser a semântica reconhecida no campo, junto aos produtores, é que optei por denominá-los produtores orgânicos, e não agroecológicos. A produção orgânica é obrigatória na Feira, espaço de comercialização e local primeiro de minha investigação. Já a agroecologia é uma escolha, sobre a qual nem todos estão dedicados.

As categorias definidas para a análise - cotidiano, família e trabalho - foram fundamentais para organizar as informações coletadas. Foram três anos de vivências, observações, entrevistas, visitas e todas as trocas possíveis junto às famílias. Muitas informações soavam, em um primeiro momento, contraditórias, e a organização das mesmas nas categorias definidas foi fundamental para que se pudesse efetivar o intento. Além disso, as três dimensões contribuíram sobremaneira para que as suposições aventadas originalmente, fossem confirmadas, ou refutadas.

Desde o início desta Tese me mantive firme no intuito de evitar a construção de hipóteses. Isto porque, a etnografia deve ser conduzida de forma sensivelmente aberta aos dados dos respondentes e aos sinais que se encontra no campo, afastando ao máximo as interferências que possam conduzir os dados de forma inadequada. No entanto, conforme apresentado na introdução do trabalho, havia uma questão principal que direcionava meus esforços de pesquisa e que se apresentava como uma possibilidade para o campo, pressupondo que a agricultura orgânica, o produto orgânico, a partir de suas características aplicáveis, mas também subjetivas, se consolidava em um fator de distinção, dentro de um campo.

Esta possibilidade, aventada desde o início desta construção, se mostrou, afinal, validada. Os sujeitos articulam-se a partir da agricultura orgânica não somente como um mercado que possibilita a sua subsistência, mas como um conjunto de práticas e valores simbólicos que, além de ressignificar a agricultura, os ressignifica, conferindo a eles próprios um novo perfil, a partir de um *ethos* valoroso moral e socialmente. O produtor orgânico adquire uma identidade, que é

admirada e considerada, pelos consumidores e simpatizantes da agroecologia, valiosa para o mundo e exemplo de melhores práticas para com o planeta.

*Figura 17 - Os produtores da Feira Orgânica Rômulo Telles*



Fonte: a própria autora.

No decorrer da pesquisa identifiquei coerências, contradições, surpresas, emoções, disputas, possibilidades, impossibilidades, construções e decepções. Busquei trazer tudo o que considerei que pudesse ser importante para entender as razões de ser e de fazer dos produtores orgânicos. Foram muitas histórias, e muitas constatações presenciadas no cotidiano da Feira e da vida destes sujeitos e, ao final deste trabalho, tenho a sensação de um início: o início de uma nova era pautada pela agroecologia, pela conscientização crescente dos indivíduos em busca de práticas mais harmônicas junto à Terra, e de valorização do que é genuíno, do que é a vida que precisa ser realmente vivida.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Alda Cristiane de Oliveira 1; SANTOS, André Luis de Sousa dos 2; AZEVEDO, Rose Mary Maduro Camboim de. **Agricultura orgânica no Brasil: sua trajetória para a certificação compulsória**. Rev. Bras. de Agroecologia. 7(2): 19-27 (2012). ISSN: 1980-9735
- ALMEIDA, Mauro Willian Barbosa de. **Redescobrimo a Família Rural. 1986**. Disponível em: [http://anpocs.com/images/stories/RBCS/01/rbcs01\\_06.pdf](http://anpocs.com/images/stories/RBCS/01/rbcs01_06.pdf)
- ALTHIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.
- ANDRADE, Vanessa de Cássia Tavares. Celso Donizete Locatel. **A Apropriação do Discurso Agroecológico pela Agricultura Orgânica Ressignificada - Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 13, n. 3, dez./2019, p. 209 – 228
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 2014. 281 p. ISBN 9789724415062.
- BARROS FILHO, Clóvis. O Hábitus e o Nada. *Líbero*, ano III, V.3, nº 5, 2000. p. 18 - 27.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco. Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 5. ed., rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2016
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand, Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Capital Social – Notas Provisórias**. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do Bairro dos Pretos, nas Encostas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas: Unicamp, 1999.
- BRANDENBURG, Alfio. **Ciências sociais e ambientais rural: principais temas e perspectivas analíticas**. *Ambiente & Sociedade* [online]. 2005, v. 8, n. 1 [Acessado 20 Setembro 2021] , pp. 51-64. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2005000100004>>. Epub 22 Nov 2005. ISSN 1809-4422. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2005000100004>
- Brasil. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Produtos orgânicos:**

sistemas participativos de garantia / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília : Mapa/ACS, 2008. 44 p

Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica de 2013-2015. Brasília: MDA, 2013.

CARSON, Rachel. **A primavera silenciosa**. São Paulo: Editora Gaia, 2010

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em Rede**. Vol. I. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo nem individualismo metodológicos**: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 1998, v. 13, n. 38 [Acessado 3 Novembro 2021], pp. 5-38. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300001>>. Epub 04 Feb 1999. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300001>

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Extensão rural e agroecologia**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2009. Extensão Rural e Agroecologia : temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível / coordenado por Francisco Roberto Caporal. – Brasília : 2009

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade: novas identidades em construção**. In: Revista Estudos Sociedade e Agricultura, Programa de pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro., v. 6 n. 2. CDPA/UFRJ, 2013

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

CODONHO, Camila Guedes. **"Ser orgânico"**: agricultura ecológica e novas ruralidades no sul de Minas Gerais. Tese de doutorado, Campinas, 2013.

CORDÁZ, KATHERINA. A história das feiras de rua. Disponível em: <https://www.comes.com.br/post/a-hist%C3%B3ria-das-feiras-de-rua>. Acesso em 27 de setembro de 2021

CUERVO, Maria Rita Macedo. A Feira agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/8877>. Acesso 15 de março de 2022.

DA MATTA, Roberto. **O Ofício do Etnógrafo. Ou como ter Antropological Blues**. Antropologia, n. 27, maio de 1978.

ESTEVES, João Pissarra. **Espaço Público e Comunicação política**. 1998, Original do autor.

FONSECA, Maria Fernanda de Albuquerque Costa. **A institucionalização dos mercados de orgânicos no mundo e no Brasil**: Uma interpretação. Seropédica: UFRuralRJ. ICHS. CPDA. 2005

FREITAS, Alair Ferreira de. BOTELHO, Maria Isabel Vieira. "Campepinato como ordem moral": (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa. REVISTA NERA – ANO 14, No. 19 – JULHO/DEZEMBRO DE 2011

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: BECK, Ulrich.

- \_\_\_\_\_. **Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- \_\_\_\_\_. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Central Problems in Social Theory. Action, Structure, and Contradiction in Social Analysis.** Berkeley: University of California Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. Dualidade da Estrutura. Agência e Estrutura. Oeiras: Celta Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. (Org.) **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas.** Negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** 8 ed. Petrópolis: Petrópolis, 1985.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando Máscaras Sociais.** In Foote-Whyte, Willian. Treinando a observação participante. Ed. Francisco Aves, RJ, 1980.
- KAMIYAMA, Araci. **Cadernos de Educação Ambiental: Agricultura Sustentável - São Paulo: SMA, 2011.**
- LEÃO, Éder Lira de Souza. **A constituição de um ethos dos produtores familiares de feiras agroecológicas de Recife-PE.** Tese de doutorado. Recife, 2019.
- LUCION, Jéssica Maria Rosa. **"Tem orgânico pra tudo, inclusive tem orgânico de luxo"** – 2020 inovações, singularidades e qualificações no mercado de produtos orgânicos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/224009>
- LUHMANN, Niklas. **La realidad de los médios de masas.** Anthropos Editorial: México : Universidad Iberoamericana, 2000
- MACIEL, Maria Eunice. **Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de koshima com brillat-savarin?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 145-156, dezembro de 2001
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2002, v. 17, n. 49 [Acessado 5 Setembro 2021] , pp. 11-29. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>>. Epub 05 Fev 2003. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUSS, Marcell. **Ensaio e Razão Sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** São Paulo: Edusp, 1974.
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajatórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana.** Sociologias [online]. 2007, n. 17 [Acessado 23 Dezembro 2021] , pp. 240-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>>. Epub 26 Jul 2007. ISSN 1807-0337. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100010>.
- MOURA, Iracema Ferreira de. **Antecedentes e aspectos fundantes da agroecologia e da produção orgânica na agenda das políticas no Brasil.** IN SAMBUICHI, Regina Helena Rosa, A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de

luta pela desenvolvimento rural sustentável. Brasília: IPEA, 2017

ORTNER, Sherry B. **Poder e Projetos: Reflexões sobre a Agência.** In: GROSSI, Miriam Pillar.ECKERT, Cornélia. FRY, Peter Henry (Org.) Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra Gráfica e Editora, 2007.

PORTILHO, F.; CASTANEDA, M. **Certificação e Confiança Face a Face em Feiras de Produtos Orgânicos.** *Rev. de Economia Agrícola*, v. 58, n. 1, p. 11-21, 2011

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p.177

ROCHA, Gilmar. **A etnografia como categoria de pensamento na Antropologia Moderna.** *Revista da USP - Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 99-114, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50100/54220/0>, acesso em 22/dez/2021.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade .** Lisboa, Presença, 1990  
\_\_\_\_\_. **O discurso Mediático.** 1996 (mimeo)  
\_\_\_\_\_. **Experiência, modernidade e campos dos media.**  
<http://www.uff.br/mestcii/adriano.htm> [05/2003]

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa ... [et al.] **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil:** uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável – Brasília : Ipea, 2017.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar** [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Estudos Rurais series, 252 p. ISBN 978-85-386-0389-4. Available from doi: 10.7476/9788538603894. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/b7spy/epub/schneider-9788538603894.epub>.

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar e industrialização:** pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora da Universidade,1999

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar e teoria social:** a diversidade das formas familiares de produção na agricultura. Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008.

TEDESCO, João Carlos. **Terra, salário e família.** Ethos e racionalidade produtiva no cotidiano camponês. Tese de Doutorado. Campinas, 1998.

Tuler, Amélia Carlos, Peixoto, Ariane Luna e Silva, Nina Claudia Barboza da. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil..** *Rodriguésia* [online]. 2019, v. 70 [Acessado 28 Agosto 2021] , e01142018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-7860201970077>>. Epub 20 Dez 2019. ISSN 2175-7860. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201970077>.

VEDANA, Viviane. **Fazer a feira e ser feirante:** a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2013, v. 19, n. 39 [Acessado 27 Setembro 2021] , pp. 41-68. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100003>>. Epub 16 Jul 2013. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100003>

\_\_\_\_\_. **No mercado tem tudo que a boca come.** Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. Tese de Doutorado, Porto Alegre, 2008

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para la análiseis de la mediatización** IN: Revista diálogos. N. 37. Lima, 1987

\_\_\_\_\_. **La semiosis social**. Barcelona, GEDISA, 1997

WANDERLEY, Maria de N. B. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 2. p. 29-37. jul./dez. 2000. Editora da UFPR

WOORTMANN, Ellen F. WOORTMANN, Klaas. O trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOORTMAN, K. A comida, a família e a construção de gênero feminino. In: Dados – Revista de Ciências Sociais. Vol. 29, n.1 Rio de Janeiro: IUPERJ, p. 103 a 129 – 1986  
\_\_\_\_\_. **“Com parente não se neguceia”**: O campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 11–73, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6389>. Acesso em: 28 nov. 2021.

## ANEXO I

### Representantes da Comissão da Produção Orgânica no Estado do Rio Grande do Sul – CPOrg/RS:

#### I – ENTIDADES DO SETOR PÚBLICO:

**1. SFA/MAPA/RS - SUPERINTENDÊNCIA FEDERAL DA AGRICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL** Titular: José Cleber Dias de Souza – Secretário Executivo

E-mail: [jose.cleber@agricultura.gov.br](mailto:jose.cleber@agricultura.gov.br) Tel.: (51) 3086-2930

**Suplente:** Luiz Albino Trindade da Costa E-mail: [luiz.costa@agricultura.gov.br](mailto:luiz.costa@agricultura.gov.br)  
Tel.: (51) 3086-2930

**2. CEVS/SES/RS – CENTRO ESTADUAL DE VIGILÂNCIA EM SAUDE**

**Titular:** Suzana Andreatta Nietiedt

E-mail: [suzana-nietiedt@saude.rs.gov.br](mailto:suzana-nietiedt@saude.rs.gov.br); [secretaria@saude.rs.gov.br](mailto:secretaria@saude.rs.gov.br) Tel.: (51) 3901-1128

**Suplente:** Jussara Elaine Sábado Figueiredo E-mail:  
Tel.:

**3. CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO** Titular:

Orlando Carlos Ferreira Tejada

E-mail: [orlando.tejada@conab.gov.br](mailto:orlando.tejada@conab.gov.br)

Tel.: (51) 3326-6400

**Suplente:** Jordano Luiz Girardi

E-mail: [jordano.girardi@conab.gov.br](mailto:jordano.girardi@conab.gov.br) Tel.: (51) 3326-6434

**4. EMBRAPA CPACT – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA / CENTRO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE CLIMA TEMPERADO**

**Titular:** Carlos Alberto Barbosa Medeiros E-mail:  
[medeiros@cpat.embrapa.com.br](mailto:medeiros@cpat.embrapa.com.br) Tel.: (53) 3275-8100

**Suplente:** Sérgio Renan Alves

E-mail: [srenan@cpat.embrapa.com.br](mailto:srenan@cpat.embrapa.com.br) Tel.: (53) 3275-8100

**5. FACAGRO/UFRGS – FACULDADE DE AGRONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIOGRANDE DO SUL**

**Titular:** Magnólia Aparecida Silva da Silva E-mail: [magnolia.silva@ufrgs.br](mailto:magnolia.silva@ufrgs.br)

Tel.: (51) 3308-7440

**Suplente:** Ingrid Bergmann Inchausti de Barros E-mail: [ingridb@ufrgs.br](mailto:ingridb@ufrgs.br)

Tel.: (51) 3308-6020

**6. FAVET - FACULDADE DE VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL** Titular: Veronica Schmidt

E-mail: [marcia.jantzen@ufrgs.br](mailto:marcia.jantzen@ufrgs.br); [favet@ufrgs.br](mailto:favet@ufrgs.br) Tel.: (51) 3308-7854

**Suplente:** Márcia Monks Jantzen

E-mail:  
[veronica.schmidt@ufrgs.br](mailto:veronica.schmidt@ufrgs.br)  
rTel.: (51) 3308-7854

**7. FEPAGRO – FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PESQUISA AGROPECUÁRIA Titular:** André

Samuel Strassburger  
E-mail: [andre-strassburger@fepagro.rs.gov.br](mailto:andre-strassburger@fepagro.rs.gov.br)  
Tel.: (54) 3267-1059

**Suplente:** Sonia Regina de Mello Pereira E-mail: [sonia-pereira@fepagro.rs.gov.br](mailto:sonia-pereira@fepagro.rs.gov.br)  
Tel.: (51)3267-1059

**8. IF SÃO VICENTE – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA – CAMPUS SÃO VICENTE DO SUL**

**Titular:** Herton Chimelo Pivoto  
E-mail: [herton.pivoto@iffarroupilha.edu.br](mailto:herton.pivoto@iffarroupilha.edu.br);  
[hpivoto@hotmail.com](mailto:hpivoto@hotmail.com) Tel.: (55) 3257-1263

**Suplente:** Luis Aquiles Martins Medeiros  
E-mail:  
[luis.medeiros@iffarroupilha.edu.br](mailto:luis.medeiros@iffarroupilha.edu.br)  
brTel.: (55) 3257-1263

**9. INCRA/RS – SUPERINTENDÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA**

**Titular:** Nelson José Araujo  
E-mail:  
[nelson.araujo@poa.incra.gov.br](mailto:nelson.araujo@poa.incra.gov.br)  
brTel.: (51) 3284-3307

**Suplente:** Décio Machado Monteiro  
E-mail:  
[decio.monteiro@poa.incra.gov.br](mailto:decio.monteiro@poa.incra.gov.br)  
brTel.: (51) 3284-3307

**10. IRGA – INSTITUTO RIO GRANDENSE DO ARROZ Titular:**

André Luiz Vieira Correa de Oliveira  
E-mail:  
[andrezaoliveira@uol.com.br](mailto:andrezaoliveira@uol.com.br)  
rTel.: (51) 3288-0477

**Suplente:** Athos Dias de Castro Gadea E-mail: [athos-gadea@irga.rs.gov.br](mailto:athos-gadea@irga.rs.gov.br) Tel.:  
(51) 3288-0477

**11. SDR/RS – SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL, PESCA E COOPERATIVISMO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

**Titular:** Agda Regina Yatsuda Ikuta

E-mail: [agda-ikuta@sdr.rs.gov.br](mailto:agda-ikuta@sdr.rs.gov.br);  
[agdaikuta@gmail.com](mailto:agdaikuta@gmail.com) Tel.: (51) 3218-3396

**Suplente:** Sabrina Milano Vaz

E-mail: [sabrina-vaz@sdr.rs.gov.br](mailto:sabrina-vaz@sdr.rs.gov.br) Tel.:  
(51) 3218-3396

**12. CAD/SMIC/PMPA – Centro Agrícola Demonstrativo da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre**

**Titular:** Jorge Augusto

Rucker E-mail:

Tel.: (51) 3284-4809

**Suplente:** Claudia Ache

Saldanha de Souza E-mail:

[claudia@smic.prefpoa.com.br](mailto:claudia@smic.prefpoa.com.br)

Tel.: (51) 3284-4809

## **II – ENTIDADES DO SETOR PRIVADO (SOCIEDADE CIVIL):**

### **1. ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA - Associação dos Agricultores Ecologistas Solidários do RS Titular: Marines Riva**

E-mail:  
grupopaodaterra@hotmail.co  
mTel.: (51) 9821-4182

**Suplente:** Olair Nunes

E-mail:  
[goreteargolo@gmail.com](mailto:goreteargolo@gmail.com)  
Tel.: (51) 9821-4182

### **2. CAPA EREXIM – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor.**

**Titular:** Ingrid  
Margarete Giesel E-mail:  
ingrid@capa.org.br Tel.:  
(54) 3321-5951

**Suplente:** Vitor Hugo  
Hollas. E-mail:  
vitor@capa.otg.br  
Tel.: (54) 3321-5951

### **3. CAPA-PELOTAS – Instituição Sinodal de Assistência, Educação e Cultura/Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – Coordenação Pelotas**

**Titular:** Ernesto Álvaro Martinez  
E-mail: [ernesto.alvaro@gmail.com](mailto:ernesto.alvaro@gmail.com);  
[pelotas@capa.org.br](mailto:pelotas@capa.org.br) Tel.: (53) 3272-3930

**Suplente:** Roni Carlos Bonow  
E-mail:  
[ronibonow@hotmail.com](mailto:ronibonow@hotmail.com)  
Tel.: (53) 3272-3930,  
8411-5316

### **4. COCEARGS – Cooperativa Central dos Assentamentos do Rio Grande do Sul Ltda. Titular: Cecile Follet**

E-mail:  
Tel.: (51) 9679-4703

**Suplente:** Patrick da Silveira  
E-mail:  
[coceargssicorganico@yahoo.com](mailto:coceargssicorganico@yahoo.com)

.brTel.:

**5. SUL ECOLÓGICA – Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda. Titular:** Paulo Mielke de Medeiros

E-mail:

[sulecologica@gmail.com](mailto:sulecologica@gmail.com)

Tel.: (53) 3028-1300;  
8117-0328

**Suplente:** Priscila Rego Duarte

E-mail:

[priscilaregoduarte@gmail.com](mailto:priscilaregoduarte@gmail.com)

[m](mailto:priscilaregoduarte@gmail.com) Tel.:

**6. COPTEC – Cooperativa de Prestação De Serviços Técnicos Titular:** Edson Almir

Cadore

E-mail: [ecadore@hotmail.com](mailto:ecadore@hotmail.com);

[coptec@coptec.org.br](mailto:coptec@coptec.org.br) Tel.: (51) 3479-  
2665

**Suplente:** Álvaro Delatorre

E-mail:

[torre\\_alvaro@yahoo.com.br](mailto:torre_alvaro@yahoo.com.br)

[r](mailto:torre_alvaro@yahoo.com.br) Tel.: (51) 3221-9348

**7. ECOCAXIAS – Associação dos Ecologistas de Caxias Do Sul/RS Titular:**

Alexandre Vieira

E-mail:

[absolut.ambiental@gmail.c](mailto:absolut.ambiental@gmail.com)

[om](http://om) Tel.: (54) 3267-1154

**Suplente:** Débora Barberis Dillon

E-mail:

deboradillon@yahoo.com.

br Tel.: (54) 3267-1154

**8. ECOCITRUS – Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí Ltda. Titular:** Ernesto

Carlos Kasper

E-mail:

[ernesto@ecocitrus.com.](mailto:ernesto@ecocitrus.com.br)

[br](http://br) Tel.: (51) 9849-9440

**Suplente:** João Jacó Kranz

E-mail:

[joaojkranz@gmail.co](mailto:joaojkranz@gmail.com)

[m](http://m) Tel.:

**9. ECOVIDA – Associação Ecovida de Certificação Participativa Titular:**

Leandro Venturin

E-mail:

[stventur@yahoo.com.](mailto:stventur@yahoo.com.br)

[br](http://br) Tel.: (51) 3233-1638; 8160-1411

**Suplente:** Cristiano Motter

E-mail:

[opacecovida@gmail.co](mailto:opacecovida@gmail.com)

[m](http://m) Tel.:

**10. EMATER/RS - Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural**

**Titular:** Ari Henrique Uriartt

E-mail:

[uriartt@emater.tche.](mailto:uriartt@emater.tche.br)

[br](http://br) Tel.: (51) 2125-3080

**Suplente:** Valmir Netto

Wegner E-mail:

[vwegner@emater.tche.br](mailto:vwegner@emater.tche.br)  
Tel.: (51) 2125-3009

**11. RAMA - Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana. Titular:** Silvana Beatriz

Bohrer

E-mail:  
sitiocaporoca@hotmail.com  
Tel.: (51) 9897-8041

**Suplente:** Luis Paulo  
Vieira Ramos E-mail:  
luispvr@ibest.com.br  
Tel.:

**12. UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Titular:**

Valdirene Camatti Sartori

E-mail:  
[vcsartor@ucs.br](mailto:vcsartor@ucs.br)  
Tel.: (54) 3218-2114

**Suplente:** Márcia Regina  
Pancera Lemos E-mail:  
[mrpancer@ucs.br](mailto:mrpancer@ucs.br)  
Tel.: (54) 3218-2114



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)